

REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

ANO 10 - VOLUME 8 - 2025



Ministério Público do Estado de Minas Gerais
ACADEMIA DE LETRAS

REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

Fundada em 2012

ANO 10 - VOLUME 8 - 2025



Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não correspondem, necessariamente, à opinião da Revista Literária da ALEMP/MG.

Os artigos publicados são de propriedade da Revista Literária da ALEMP/MG e sua reprodução é permitida somente com autorização dos editores e citação da fonte original.

R454 Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais

Ano 10, v. 8, (jan./dez. 2025) - Belo Horizonte, 2025.

Anual

ISSN 2446-8177

1. Literatura. 2. Academia de Letras.

CDU 805.05

REVISTA LITERÁRIA | ACADEMIA DE LETRAS MP/MG | ANO 10 | Nº 8 | 2025
Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais
Fundada em 2012

DIRETOR

Duarte Bernardo Gomes

COLABORADORES (AS) NESTA EDIÇÃO

Antônio Aurélio Santos, Bergson Cardoso Guimarães, Duarte Bernardo Gomes, Élide de Freitas Rezende, Gilberto Osório Resende, Leonardo Castro Maia, Leontino de Melo Chaves (*in memoriam*), Lucas Guimaraens, Luciano José Alvarenga, Luiz Alberto de Almeida Magalhães, Marco Antonio Borges, Marcos Paulo de Souza Miranda, Monica Sofia Pinto Henriques da Silva, Pablo Gran Cristóforo, René Armand Dentz Júnior, Roberto Atílio Jávare, Selma Maria Ribeiro Araújo, Shirley Machado de Oliveira, Vinícius Alcântara Galvão.

DIRETORIA DA ALMP/MG

Presidente – Marcos Paulo de Souza Miranda

Vice-Presidente - Selma Maria Ribeiro Araújo

Secretária-Geral - Monica Sofia P. H. da Silva

Tesoureiro – Allender Barreto Lima da Silva

COMISSÃO DE ADMISSÃO DE ACADÊMICOS

Bergson Cardoso Guimarães

Élide de Freitas Rezende

Shirley Machado de Oliveira

CONSELHO FISCAL

Titulares

Pablo Gran Cristóforo

Antonio Lopes Neto

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

Suplentes

Danielle de Guimarães G. Arlé

Sérgio Soares da Silveira

Vinícius Alcântara Galvão

REDAÇÃO

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Rua Timbiras, 2928 – Tel (31) 2105-4878

30140-062 – Belo Horizonte – MG

PRODUÇÃO

3i Editora (99642-6085)

A Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais foi fundada em 14 de dezembro de 2012 e instalada na Rua Timbiras, 2.928, em Belo Horizonte, no dia 07 de maio de 2013.

Está registrada sob o nº 133989 do Cartório de Pessoas Jurídicas da Comarca de Belo Horizonte e inscrita no CNPJ sob o nº 18.316.772/0001-00.

É uma associação de caráter cultural, sem fins lucrativos, de duração ilimitada.

A ALEMP/MG tem por finalidade a congregação dos membros do Ministério Público de Minas Gerais, a valorização da cultura, da língua brasileira e da literatura nacional e internacional.

Seu patrono é o Ex-Procurador-Geral de Justiça Mauro da Silva Gouvêa.

Foram fundadores da Academia: Abelardo Teixeira Nunes, Antônio Francisco Patente, Antônio Lopes Neto, Antônio Aurélio Santos, Bergson Cardoso Guimarães, Bertoldo Mateus de Oliveira Filho, Gilberto Osório Resende, Joaquim Cabral Netto, Luís Alberto de Almeida Magalhães, Luís Carlos Abritta, Marcos Paulo de Souza Miranda, Maurício Braga de Mendonça, Octávio Augusto Martins Lopes, Selma Maria Ribeiro Araújo, Sérgio Parreiras Abritta, Maria Odete Souto Pereira e Sylvio Fausto de Oliveira.

Os patronos das Cadeiras ALEMP/MG foram escolhidos entre ex-integrantes do Ministério Público mineiro e que se destacaram no mundo cultural, a exemplo de José Campomizzi

Filho, Alberto Pontes, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Alfredo Carneiro Viriato Catão, Afonso Arinos de Melo Franco, Ariovaldo Alves de Figueiredo, Aníbal Machado, Geraldo Freire, Antônio Carlos de Souza Leite, Joaquim Cabral, Luiz Prudente da Silva, Francisco Pascoal de Araújo, Alphonsus de Guimaraens, José Valeriano Rodrigues, Leontino de Melo Chaves, Francisco José Lins do Rego Santos, Nelson Hungria Hoffbauer, José Lins do Rego, Tancredo de Almeida Neves, Antônio Augusto de Lima, Levindo Ozanan Coelho, Alfredo Cardoso Guimarães, Antonio Francisco Bias Fortes, Antonio Martins Vilas Boas, Augusto Mário Caldeira Brant, Carlos Coimbra da Luz, Fernando de Melo Vianna, Francisco Luiz da Veiga, Iracema Tavares Dias Nardi, João Bráulio Moinhos de Vilhena, João Luiz Alves, José Pinto Coelho, Laércio Rodrigues, Lafayette Rodrigues Pereira, Orozimbo Nonato da Silva, Pedro Rola Sobrinho, Raul Soares Moura, Rodrigo José Ferreira Bretas, Virgílio Martins de Melo Franco e Wenceslau Brás Pereira Gomes.

ACADEMIA DE LETRAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

CADEIRAS PATRONOS(AS)

- 1 Afonso Arinos de Melo Franco
- 2 Alberto Pontes
- 3 Alphonsus de Guimaraens
- 4 Alfredo Carneiro Viriato Catão
- 6 Aníbal Machado
- 7 Antônio Augusto de Lima
- 8 Antônio Carlos Ribeiro de Andrada
- 9 Antônio Carlos de Souza Leite
- 11 Antônio Martins Vilas Boas
- 15 Fernando de Melo Vianna
- 16 Francisco José Lins do Rego Santos
- 18 Francisco Pascoal de Araújo
- 19 Geraldo Freire
- 20 Iracema Tavares Dias Nardi
- 24 José Campomizzi Filho
- 25 José Lins do Rego Cavalcanti
- 29 Lafayette Rodrigues Pereira
- 30 Leontino de Melo Chaves
- 31 Luiz Prudente da Silva
- 32 Nelson Hungria Hoffbauer
- 33 Orozimbo Nonato da Silva
- 34 Levindo Ozanam Coelho
- 36 Raul Soares de Moura
- 37 Rodrigo José Ferreira Bretas
- 38 Tancredo de Almeida Neves
- 39 Virgílio Martins de Melo Franco

ACADÊMICOS(AS)

- Henrique da Cruz German
Roberto Atilio Jávare
Gilberto Osório Resende
Bergson Cardoso Guimarães
Sérgio Parreiras Abritta
Sérgio Soares da Silveira
Luiz Alberto de Almeida Magalhães
Bertoldo Mateus de Oliveira Filho
Allender Barreto Lima da Silva
Marco Antônio Borges
Selma Maria Ribeiro de Araújo
Marcos Paulo de Souza Miranda
Octávio Augusto Martins Lopes
Shirley Machado de Oliveira
Antônio Lopes Neto
Élida de Freitas Rezende
Leonardo Castro Maia
Antônio Francisco Patente
Antônio Aurélio Santos
Maria Odete Souto Pereira
Vinícius Alcântara Galvão
Duarte Bernardo Gomes
Monica Sofia Pinto Henriques da Silva
Raquel Pacheco Ribeiro de Souza
Danielle de Guimarães Germano Arlé
Pablo Gran Cristóforo

ACADÊMICOS FALECIDOS

Abelardo Teixeira Nunes

Cadeira nº 01

Patrono: Afonso Arinos de Melo Franco

Data do Falecimento: 05/10/2020

Joaquim Cabral Netto

Cadeira nº 23

Patrono: Joaquim Cabral

Data do Falecimento: 12/04/2025

Luiz Carlos Abritta

Cadeira nº 14

Patrono: José Valeriano Rodrigues

Data do Falecimento: 19/11/2021

Maurício Braga de Mendonça

Cadeira nº 40

Patrono: Wenceslau Brás Pereira Gomes

Data do Falecimento: 27/06/2020

Sylvio Fausto de Oliveira

Cadeira nº 12

Patrono: Ariovaldo Alves de Figueiredo

Data do Falecimento: 22/03/2020

A palavra academia tem origem na antiga Atenas, onde ficava situado o “Bosque de Academus”, local considerado sagrado, em que viveu o herói grego *Akademós*, um dos responsáveis pelo resgate da formosa Helena, sequestrada pelos inimigos durante a Guerra de Troia.

Tempos depois, por volta de 387 A.C., o filósofo Platão escolheu o mesmo bosque para instalar a sua célebre escola, a “Akadémia”, formada por uma biblioteca, uma residência e um jardim, onde eram veiculados novos saberes, difundidos conhecimentos e incentivados estudos sobre as mais variadas áreas do saber humano.

Em época mais recente, o vocábulo academia passou a designar instituições de ensino superior, além de ser utilizado para se referir a sociedades de escritores, cientistas e para organizações que difundem os esportes e as artes.

No Brasil, registra-se o surgimento de academias dos mais diversos gêneros desde os tempos coloniais, entre as quais podemos destacar a Academia Brasileira dos Esquecidos (fundada em Salvador-BA no ano de 1724), a Academia dos Renascidos (fundada na mesma cidade em 1759), a Academia do Felizes (fundada no Rio de Janeiro em 1736) e a Arcádia Ultramarina, fundada em Vila Rica, atual Ouro Preto, pelo inconfidente Cláudio Manoel da Costa, em 1768, vinculada à Arcádia Romana.

A instituição do gênero mais conhecida entre nós, atualmente, é a Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, inspirada na Academia Francesa, que surgiu oficialmente no ano de 1635 por iniciativa do Cardeal Richileu, então Ministro de Luís XIII.

A Academia Francesa contava com a proteção do Governo, sendo composta por quarenta cadeiras numeradas. Em seu brasão, instituído por Richilieu, estava registrado o dístico “À Limmortalité” (para a imortalidade), representando o desejo de que a língua francesa fosse cultuada para sempre por aquela instituição.

Em razão disso, os membros da Academia Francesa passaram a ser denominados “imortais”.

Com o correr dos tempos, a designação também ganhou o significado segundo o qual, por suas contribuições literárias e intelectuais, os acadêmicos transcendem a mortalidade física, “vivendo para sempre” através da instituição a que pertenceram, que tem o dever preservar sua memória e legado, sobretudo por meio da publicação de suas revistas, obras que levam ao conhecimento público as produções gestadas pela academia.

Essas características, herdadas da antiguidade, serviram de referência para várias academias que surgiram em todo o planeta ao longo dos últimos tempos.

A Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais - ALEMP, fundada em 2012, segue o mesmo arquétipo, moldado ao longo dos séculos, e tem procurado manter a publicação periódica de suas revistas, que constituem o repositório oficial das obras de seus membros e um dos principais mecanismos de preservação e difusão da sua produção literária, em suas mais diversas dimensões.

Firme no propósito de manter as tradições seculares, é com alegria que apresentamos a Revista nº 08 da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais, que vem a lume trazendo contribuições dos acadêmicos Antônio Aurélio Santos, Bergson Cardoso Guimarães, Duarte Bernardo Gomes, Élide de Freitas Rezende, Gilberto Osório Resende, Leonardo Castro Maia, Luiz

Alberto de Almeida Magalhães, Marco Antônio Borges, Marcos Paulo de Souza Miranda, Monica Sofia Pinto Henriques da Silva, Pablo Gran Christoforo, Roberto Atilio Jávare, Selma Maria Ribeiro Araújo, Shirley Machado de Oliveira e Vinícius Alcântara Galvão.

Também publicamos, nesta edição, trabalhos do falecido Promotor de Justiça Leontino de Melo Chaves, Patrono da Cadeira nº 30 da Academia e dos convidados especiais, Lucas Guimaraens, Luciano José Alvarenga e René Armand Dentz Júnior.

Convidamos a todos para que, através dos poemas, pensamentos, palestras, crônicas, causos, reflexões, ensaios, artigos históricos, artigos literários, discursos e monólogos constantes da obra que ora publicamos, percorram conosco mais uma trilha do conhecimento produzido pela ALEMP, que, fiel ao compromisso inscrito em seu dístico “*Ad augusta per angusta*” (Rumo aos cumes por caminhos estreitos), continua firme no permanente caminhar em prol da cultura da montanhosa Minas Gerais.

Belo Horizonte, setembro de 2025.

Marcos Paulo de Souza Miranda

Presidente da ALEMP

Sumário

I – POEMAS E PENSAMENTOS 17

Bergson Cardoso Guimarães

Debêntures ... 19

Duarte Bernardo Gomes

Momento ... 21

Intemperança ... 22

Élida de Freitas Rezende

Vestígio ... 23

Gilberto Osório Resende

Breves Apontamentos de Um Pai ... 24

Séculos ... 26

Fábula do Amor ... 27

Guerreança ... 28

Primeira Viagem ... 29

Filhos e Anjos ... 30

Chagas ... 31

Fim dos Tempos ... 32

Leonardo Castro Maia

Precioso menino ... 33

Monica Sofia Pinto H. da Silva

Dilúvio ... 34

Faz de Conta ... 35

Parto ... 36

Por um fio ... 37

Pablo Gran Cristóforo

Desimportâncias ... 38

Selma Maria Ribeiro Araújo

Rastelar o Velho ... 39

Shirley Machado de Oliveira

Ontem ... 40

Vago ... 42

Amada (des)conhecida ... 43

Uno ... 44

II – PALESTRAS, CONTOS, CRÔNICAS, “CAUSOS” E REFLEXÕESXX

Antônio Aurélio Santos

O incrível coronel Mário Nardi em 7 modestos parágrafos ... 47

O legítimo leão do norte ... 51

Barrosão (texto original pertencente a Leontino de Melo Chaves) ... 55

Irreverência do Zé do Patu (texto original pertencente a Leontino de Melo Chaves) ... 60

Bergson Cardoso Guimarães

As tantas dores de tia Fatinha ... 65

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

A esquizofrênica ilusão ou não de um balconista ... 72

Pablo Gran Cristóforo

A vida que poderia ter sido ... 77

Sou feito de agoras ... 80

Tatuagem na alma ... 82

Tempo, oh senhor de nossos destinos ... 84

Tomado pelo infinito ... 86

Roberto Atilio Jávare

Curiosidades da língua portuguesa ... 88

Selma Maria Ribeiro Araújo

Uma contradança ... 92

III – ENSAIOS, ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONÓLOGOS95

Duarte Bernardo Gomes

Obrigado Ministério Público de Minas Gerais ... 97

Lucas Guimaraens

Alphonsus de Guimaraens - O Poeta Promotor ... 114

Marcos Paulo de Souza Miranda

O homem Tiradentes: herói ou o espírito em prova? ... 121

Vinicius Alcântara Galvão

“Assim caminha a humanidade” ... 142

IV – DISCURSOS 159

Leonardo Castro Maia

Discurso de elogio a Lafayette Cardoso Pereira, patrono da cadeira 29 da ALEMPMG ... 161

Marco Antônio Borges

Discurso de elogio a Fernando de Mello Vianna, patrono da cadeira 15 da ALEMPMG ... 169

Marcos Paulo de Souza Miranda

Discurso do acadêmico Marcos Paulo de Souza Miranda na cerimônia de posse
como presidente da ALEMPMG em 5 de dezembro de 2024 ... 175

V – AUTORES CONVIDADOS 181

Luciano José Alvarenga

Diário de Lambaréné ... 183
(Poema de Luciano José Alvarenga, dedicado a *Albert Schweitzer*)

René Armand Dentz Junior

Entre pensamentos e silêncios ... 184
Paradoxo da imortalidade: a busca infinita por sentido ... 189
Rios ... 191

I

Poemas e Pensamentos

BERGSON CARDOSO GUIMARÃES

Alguém virá
Roçar suas mãos
Em sagaz leveza
Antes de terminar o dia...
Instalado sem qualquer algaravia
Aquele momento em que certas flores dormem
Respirando o doce perfume que mesmo exalam
Sem exigência de exemplar promessa
Esse alguém
Não te cobrarás nada
Nada mais exigirá que estar em conjunto
além de teu respiro
E suspiro muito
Olhando a mesma planície distante
O mesmo semblante dos dias sem pretensão
Qual ação encerrada em si mesma
Nunca o espere
Ele virá sem prévio aviso
Quando estiveres distraída
Bem fundo: de tudo, e do mundo...
E dos boletos no quadro de rolha
Enfim, baterás à tua porta
Sentar-se-á à tua mesa
Experimentará os vegetais de tua horta

Nada de caução, outra palavra estranha
Qual a cura de teus vícios redibitórios
Ele picotará outras promessas promissórias
 Não há fundo de garantia
 Que dê espeque à criação da alegria
 Que emerge de um ato fortuito
 A força maior, o menor mal
Não previstos nos “anéis” de qualquer Câmara
 (ou Tribunal)
 Até para dívidas que corroem o peito
 Haver-se-á de construir um jeito...
Alguém virá pra te lembrar algo escondido:
 A arte do esquecimento
 E nada te cobrará por tuas culpas
 Ajudar-te-á na limpeza de teus olhos
Esgotados de tanta poeira, incerteza, lágrimas
 Essas cristalizadas à beira do caminho...
 Sabe essa tal felicidade?
 Ah, não se corre atrás dela
 Distraída se espera
 Ou não se espera
 Paciência: essa ciência esmera
 Esfera circulada pelo tempo
Desenhando sem pressa o caminho palpável
 E te mostrando a visão do implacável...

DUARTE BERNARDO GOMES

Não será o momento de acreditarmos nas indesviáveis mutações sociais? Não será o momento de trocarmos os tesouros? ou redefini-los... Há que se reconfigurar o mundo ou valerá pensar um mundo inteiramente novo sem que este mundo tenha deixado algum testamento. René Char, poeta francês, (1907-1988) nos faz refletir sobre isso! Velhos conceitos jamais conseguem esclarecer fatos novos...

DUARTE BERNARDO GOMES

Há no quotidiano atual, atitudes humanas que figuram como uma negativa de algumas virtudes, como por exemplo, a intemperança. Outros vícios, porém, a luxúria, a libertinagem, a ebriedade, a gula, não são iniciadas pelas partículas “in” ou “a” e parecem existir por conta própria. A intemperança não. A intemperança é um fracasso no temperar de nossas paixões e as pessoas, via de regra, embora percebam não se advertem ou se admoestam pelo exercício de uma intemperança natural. Isso ocorre com muito mais frequência do que podemos imaginar. Há muito mais intemperados conosco convivendo do que os virtuosos temperados. A se considerar contextualmente o momento, temos que o nosso tempo não favorece aos temperados, vivemos uma época de excessos e esse substantivo não coabita com o equilíbrio.

ÉLIDA DE FREITAS REZENDE

Era um amor sem raízes
sem frutos
sem registros
sem testemunhas

Nutrido de sua existência
e do desejo de existir

Forte
Ensimesmado
Orgulhoso

Sem sentido e sem propósito
exceto ser amor

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Filho,
não te amo menos
só porque não é comum
que eu chore contigo
nos teus momentos
de aflição e dúvida.

Não te amo menos
porque não te vejo
com a frequência
de teu desejo.

Também não é verdade
que eu te ame menos
porque minhas palavras
no mais das vezes
são de amargas ordens.

Entenda
que meu amor
é uma estranha constante
que acanhado se esconde
na apenas aparente indiferença,
no meu sisudo olhar de comando
ou naquelas sentidas ausências.

É um amor
que visita meu coração
diferente,
mas assíduo e intenso
como talvez
você jamais possa imaginar.

Amor que me corrói, sim, de dor,
ao vê-lo em tristeza,
mas que me ergue vibrante
com teus sucessos.

E sei, estou certo,
será sempre lembrado,
mesmo quando meus pés
já não mais passearem
ao lado dos teus.

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Dei-me a pensar
como deve ser curto o sono
e breve a noite
para se chegar à eternidade.

Como acordo de manhã
para um novo dia,
hei também de me levantar cedo
para o éden que Deus
me disse.

Creio.

É num piscar de olhos
que se vai ao céu.

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Um dia um homem se enamorou de uma mulher e esse encanto se transformou em paixão, e, não muito adiante, o apaixonado olhar formou-se amor. Ela, de sua parte, se enamorou desse mesmo homem, e o desejo, já tão evidente, moldou paixão que, logo ali na mesma curva, virou amor. Nenhum dos dois acostumados aos calafrios dessa novidade queria fugir do conforto da solidão tão livre.

Mas - solo e tempo santos - numa noite dessas frias que desde a tarde plúmbea e molhada convidava à tristeza, percebeu esse homem que seus olhos negros não podiam se distanciar dos dela, que eram tão claros que iluminavam o negrume de qualquer madrugada. Nessa mesma noite, deprimente até para quem vivia da alegria dos picadeiros, a mulher, num insulado canto, deu-se conta de que seu peito já não mais podia prescindir dos abraços tão desejados em seus sonhos de todos os dias. Súbito, cada porta se abriu num quadrante diferente, e eis que passos acelerados impiedosamente surraram o chão - pernas de vento traçando rotas que convergiam para um iminente amplexo. O beijo foi só o começo. E, daquele instante à frente, a estrada passou a ser uma só. Não foi o tempo do relógio que desenhou o destino deles; na verdade, foi o tempo do coração - a seráfica aquarela - que pintou e uniu dois pontos antes tão rebeldes, forjando uma história que está registrada no pergaminho de duas vidas, agora sem chance qualquer de ser mudada. As cores do coração são inapagáveis! Com o tempo do coração não se controverte!

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Duelo todos os dias
com minhas lembranças,
mas tenho sido hábil
ou com especial sorte
de sempre disparar primeiro.

Respiro, ainda!

Alfim,
venço às vezes
sem ao menos me convencer,
mas é peleja primeira
das fáceis,
como todas.

E minhas mãos
se elevam de novo
ajuntadas ao céu.

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Os olhos já são espelho
do teu coração de mãe,
já te sabes imune à dor
e bem sentes
que tua carne
se dividiu.

E se há,
agora,
um outro alguém
que de ti e de teu amor dependa,
adornas com mais luz a tua aura!

Teu sorriso, mais alimento
tua benção, mais segurança
tua paciência, mais remédio.

Confia!

Não há medo que resista ao dom,
nem cansaço
que suplante o que é sagrado!

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Quanta prece
nesse cenho em repouso,
quantas palavras
nesse silêncio gritado que dói nos ouvidos
como a te chamar a atenção para dizer: te amo.

Os anjos oram dormindo
e nos abençoam
ainda que em acorde
que soa tão inseguro.

Suas asinhas arejam
os perturbantes calores
e trazem alento
a toda sorte de dores.

Nada há mais maravilhoso
que o segredo escondido
no lindo discurso desse sono.

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Vida
como te quero
inteira
e plena,
sem traços
de tristeza e dor,
malgrado meu chão
também se revele com pontas infectas.

E se dores sinto
e seguir sentindo,
seja amiga,
escreve uma carta
e me manda um retrato
que porei na mesa
de nossa estrada.

Toma um café comigo,
me escuta e compreende,
esse é o amor que espero
de flor que enfeita a rua,
do extrato que seca a chaga.

GILBERTO OSÓRIO RESENDE

Nos idos da inocência,
de olhos ao vento,
via o mundo se esgotar no horizonte
tão longe
e tão perto.

Nas insólitas viagens
de sonho e prazer,
nunca encontrei seu fim.

Nas ruas do meu tempo
o mundo se exaure
um pouco a cada dia,
vulnerável que é a terra,
celerados que são os homens.

LEONARDO CASTRO MAIA

Nos olhos do menino, a luz se acende,
Ao garimpar o chão, sem ouro, apenas pó.
Pedrinhas, que a mão compreende,
Um universo em cada simples nó.

No pátio, no jardim, ou a explorar,
Picos e dragões, vastas aventuras,
Cada fragmento, a alma a celebrar,
Tecendo sonhos, rompendo as agruras.

Na infância, entre amigos, a partilha singela,
De um mundo achado, em gestos tão gentis.
Nos pequenos corações, a mesma estrela,
E nos achados, valores sutis.

“Papai, são todas preciosas”, diz o menino, com veemência,
A grande lição da vida, em sua essência.

MONICA SOFIA PINTO HENRIQUES DA SILVA

Não me atinge a chuva que cai
Ela molha somente o menino
Com os pezinhos sujos
que diante de mim chora
E a chuva que cai parece a chuva que brota
Dos seus assustados olhos de menino
Dos seus tristes olhos chuvosos
O menino chora
Sem abraço
Sem consolo
Menino, eu sei que disse
A chuva vai passar
Mas, eu menti
Menino dos pezinhos sujos
Quem dera o Reino dos Céus fosse aqui

MONICA SOFIA PINTO HENRIQUES DA SILVA

Zela por mim
Por meu corpo violado
meus olhos tristes
meu sorriso falso
Olha para mim
meu corpo esquecido
meus pés descalços
minha boca muda
Hoje confetes caem do céu
eu tenho um vestido azul
uma flor no cabelo
Mas, amanhã
Cuida de mim

MONICA SOFIA PINTO HENRIQUES DA SILVA

Como arrancar o poema
De onde ele está preso, sujo
Não parido
Como arrancar o poema
De onde ele está imerso, frio
Sofrido
Como arrancar
De dentro de mim
Do âmago escuro
Onde adormece
Escondido
De onde não quero tirar
De onde não quer sair
Por medo do que virá
Por medo da luz do sol
Por medo da criação
Parto

MONICA SOFIA PINTO HENRIQUES DA SILVA

Então, o telefone toca e é você
Escuto a sua voz
E você me chama
Sussurra o meu nome
E na sua boca ele é doce
doce
Então, o telefone toca e é você
Você chama o meu nome
Uma e outra vez
Não sei o que dizer
Silêncio
O tempo consumiu as palavras
Escuto as letras voando
voando
Fugindo de mim e de você
O vazio nos invade
De repente não há nada a dizer
Ouço somente a sua respiração
Cansada, ansiosa
Por que estamos ofegantes?
Não há mais ar
Rarefeito
Não há mais tempo
Então, escuto o som do telefone
Desligando

PABLO GRAN CRISTOFORO

Não vou falar das minhas perdas todas, sequer de eventuais ganhos.
Basta de filosofia.
Perco tempo com aleatórios sem sentido.
Amenidades e banalidades me conquistam.
Brado e vocifero tolices, gesticulo impetuosidades...
...sou muito bom em desimportâncias.

SELMA MARIA RIBEIRO ARAÚJO

Buscar, descobrir, transcender.
Miserável lixo da terra, da vida, dos outros.
Mais lixos proliferam,
apodrecem, desnudam-se.
Aterram, renascem, florescem.
Enfeitam. Vida curta.
Murcham para rastelar novos ciclos.
Tornar-se inteiro, forte e purificado de rastelar a vida.
Vencerá a batalha do rastelo?
Para ao final assedar-se por inteiro?
Eu creio.

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

Estava ali parado

À frente, corredor
Improvável de portas,
Pendurado

Pés no ar
Como sua mente, mentirosa

Estacionava no início
Das possibilidades esquecidas
Não era, em era
Eira, nem beira
Quase decomposto

Não acreditava em nada
Sem saber que isso já era crer

Não mudava e
Ia ficando menor a cada dia

Podia cantar e dançar o vento
Escantear o medo
Sentir os olhos que o olhavam
Não quis.
E depois, nem mais olhos tinha

Foi se empoeirando de certezas
E se emoldurando na solidão

Quando se viu
Era um quadro vazio na parede

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

Ele a procurava.
Achava olhar em todos os cantos.
Tropeçou ali, na semente,
Onde o fruto dorme

Andava rápido e voava mente
Florezinhas singelas ignoradas

Seguia com sua lupa
Caçando sem sentir
Entre as serras que os vales cortam.

E choveu.
Virou corrente, penetrou
Subiu nuvem e choveu de novo.

Ele, na caverna,
Cara séria quando a criança sorriu.
Procurando e procurando
Sem saber que cada pedaço da vida
É a vida toda

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

Traços correm teu labirinto de cores...
De repente, Maria (!),
Desenhada entre os dias
Trechos bem marcados,
Sem nó e fim.
Se subo em tuas pérolas,
Alcanço um céu de paz,
Apreendo-te a beleza.
Mas isso não me revela quem és
(nem assim eu poderia querer)
Apenas mostra tua liberdade em ser.

Vai, alma de trança,
A não distinguir com quem dança,
Desconhecer tratar-se de amor ou vingança
Ver graça em trejeitos e restos

Vai, doce alma de outrora,
Construir-se ponte sobre teus vales
Que, um dia, te acharás
E te acharei ao declamar-te.

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

No ponto,
O todo

No todo,
O ponto

Todo ponto:
O todo,
Diferenciado

II

*Palestras, Contos, Crônicas,
"Causos" e Reflexões*

O INCRÍVEL CORONEL MÁRIO NARDI, EM 7 MODESTOS PARÁGRAFOS

ANTÔNIO AURÉLIO SANTOS

Num exótico e aprazível sítio situado entre Martinho Campos e Abaeté, Oeste de Minas Gerais, viveu o lendário colega Mário Nardi, homem de surpreendentes aventuras e inacreditáveis façanhas. Saindo de Guaranésia para o mundo, diz a lenda que o inolvidável filho da icônica Promotora de Justiça Iracema Tavares Nardi - a primeira mulher a ingressar no Ministério Público Mineiro (em rigor, “a primeira Promotora de Justiça da América Latina”, conforme o notável colega e historiador ministerial Joaquim Cabral Netto) – chegou em sua primeira comarca (Esmeraldas) por volta de 1977, dizem, num fusquinha ano 78. Conjeturador de prosápia talvez só comparável à do herói germânico Barão de Münchhausen, em pouco tempo, o irreverente Mário começou a sedimentar a fama que viria a conquistar como membro do MP, onde, com simplicidade e – por que não? – bom humor, bem cumpriu seus elevados misteres. Aposentado, passou a dedicar-se à criação de gado nelore e de cavalos mangalarga, de modo que, em cerca de 7 anos de criativo trabalho, fez jus a patente que acabaria precedendo seu nome (em verdade, segundo o mui festejado historiador supracitado, Mário teria “emprestado” a graduação militar do ilustre bisavô materno, Júlio Tavares Paes, famoso Coronel da antiga Guarda Nacional).

Certa feita, a convite do memorável Coronel Mário Nardi e de sua prendada mulher Maria Cristina, os colegas de ministério Amando Prates, Derivaldo de Assunção e Tomaz de Aquino foram visitar o estimado casal em sua singular estância. Nessa

ocasião, os ilustrados chegantes presentearam o anfitrião com uma edição então recente do *Guinness*, na qual constaria o seu nome como um dos 7 maiores contadores de causos do mundo. Em retribuição, o imaginoso Mário teria prometido passar oportunamente às mãos dos visitantes exemplares de sua versão para maiores de 77 anos da obra de literatura infantil *Bruxa, Quase Fada* (Armazém de Ideias, 2001), do escritor Luiz Alberto Magalhães (o prezado Betinho), inédita paródia esta cujo sugestivo título só não só não seria fiel ao original por conta da inserção de dois ós: um no lugar do *u* de bruxa, outro em substituição ao primeiro *a* de fada.

Pouco depois da chegada dos animados visitantes, o solícito Nardi levou-os até ao lago do sítio para mostrar seu famoso mandiguaçu estereofônico, nascido do cruzamento de mandi-chorão com peixe-elétrico, que, por ser criado em cisterna, só nadava em rodopio e, conforme se descobriu quando casualmente um LP caiu no poço, sua fisga superior, engastalhada no sulco do vinil, servia de agulha de toca-discos. Como os visitantes não conseguiram ver ou ouvir o tal mandi, o espirituoso Coronel, apontando o indicador para um redemoinho, esclareceu-lhes que o exótico peixe, aposentado de suas funções de DJ desde o advento dos CD's, era tão esperto quanto introvertido e, quando percebia a presença de estranhos no lugar, não saía do fundo d'água.

Na sequência, o Coronel mostrou aos visitantes a vetusta e frondosa *mangueira gigante* que ficava no pomar à beira do lago e consultou-os quanto ao estranho fato de, ultimamente, ao invés de dar apenas mangas, ela estar dando também maracujás, uvas e melancias. *Acho que, pela idade, ela tâ é caducando* - ponderou o despachado Amando, com a concordância de Derivado e Tomaz. *Pois é* - disse Mário - *depois de profundo estudo do fenômeno,*

cheguei à inequívoca conclusão de que simplesmente ela não é a coisa que pensa que é, porém, acometida de mania de grandeza, age como se tal fosse. Em síntese: a exemplo de certos pavões-de-feira do meio jurídico, mormente de certas instâncias ditas superiores, a mangueira está fora de si!!

Quando da agradável estada no sítio, os estupefatos hóspedes também tiveram oportunidade de conhecer as baias do denominado *Haras Sô* e os 7 equinos que lá se encontravam: *Data Vênia*, *Conspícuo*, *Colendo*, *Egrégio*, *Cenáculo*, o ganhão *MePê* e uma fogosa égua cujo nome - que começa com “M” e termina com “ã” -, a pedido, deixamos de declinar. Em seguida, acompanhados de perto por *Seu Pai* e *Sua Mãe*, um casal de cães perdigueiros, os visitantes foram levados pelo astuto Coronel para conhecer o seu saudável rebanho de nelore e as suas estrambólicas técnicas de trato do gado. *Em período de estiagem, com o pasto queimado, eu coloco óculos ray-ban de lentes verdes nas vacas, e, nas cheias, com o pasto inundado pelo rio, elas usam galocha e tomam água de canudinho para se protegerem das piranhas* - esclareceu Mário coçando o viçoso bigode. E, em arremate à pastosa explanação, olhando de soslaio para Derivaldo, alertou: *Mas é de se ter cuidado com imitações muquiranas de tais técnicas, pois um certo colega sitiante em Itapagipe, que ornamentou o gado com óculos de camelô e sandálias hawaianas, quase teve a boiada dizimada.*

À noitinha, enquanto aguardavam o jantar tomando uns goles e proseando na enluarada varanda da casa, Mário, temendo receber a injusta pecha de exagerado, pediu adjutório aos visitantes para tentar convencer o seu rústico e fiel caseiro, Moacir Turrão, de que o homem, de há muito, já havia chegado à Lua. Só depois de muita conversa, ocasião em que Amando teve que trazer a colação desde a nave Apollo 7 até a estação espacial MIR,

o matuto Moacir, sem tirar o cigarrinho de palha da boca, admitiu parcialmente tal possibilidade, dizendo: *Só se foi na 'fase estufada', porque na 'fase minguada' nunca que ia cabê!!*

Já durante o sortido e sustancioso jantar, dona Cristina sugeriu ao marido que contasse aos circunstantes como ele havia *pescado* os marrecos que, recheados com repolho roxo, logo seriam postos à mesa. O Coronel não perdeu a deixa e contou: *Na verdade, ontem eu havia saído pra pescar piau, mas, ao ver um bando de marrecos voando baixo sobre umas cabaças que desciam as caudalosas águas do rio São Francisco, resolvi 'pescá-los', até porque estava sem espingarda e, ainda que assim não fosse, por não possuir instintos predatórios, não poderia caçá-los. Assim, peguei uma cabaça grande que havia enroscado à margem e, com meu canivete de 7 utilidades, fiz 7 furos na mesma: 1 grande para colocar a cabeça, 2 pequenos para me permitirem a visão e 4 outros para manterem a ventilação. Feito isso, com a cabaça na cabeça, o olhar atento e o embornal na altura da cintura, entrei n'água, numa profundidade até o pescoço. Como eu havia colocado um pouco de milho cozido em cima da cabaça, não demorou muito pra marrecada começar a chegar. Então, niqui o marreco sentava, eu rapidamente erguia o braço, agarrava-o pelas pernas e o colocava no embornal. Cheio este, assobiava pra Seu Pai que embocava o embornal, nadava de volta até a margem e o repassava pra Sua Mãe levar os marrecos até à sede do sítio. Assim, em pouco menos de meia hora, pesquei 4 grandes marrecos. Antes que algum dos já cabreiros hóspedes perguntasse ao imbatível Coronel se não havia sido 7 marrecos, lá da cozinha, dona Cristina, sua fiel e atenta mulher, à bem da verdade, exclamou: *Sem contar os 3 filhotes que ele soltou!**

ANTÔNIO AURÉLIO SANTOS

Leontino de Melo Chaves, o inesquecível “Lion”, verdadeira lenda do combativo Ministério Público das Gerais, iniciou sua exemplar carreira (“em prejuízo irreparável da sinuca brasileira”, cf. “Reminiscências do Jovem Léo, O Rei do Taco”, Ed. Bola Sete, p. 1956) na sertaneja e escaldante Francisco Sá, situada no sofrido e pitoresco Norte de Minas, onde por quase vinte anos, com abnegação e eficiência ímpares, exerceu as árduas e nobres funções de Promotor de Justiça, atuando ainda supletivamente em quase todas as outras Comarcas da chamada Grande Bocaiúva, como diria Herbert de Souza, o Imenso Betinho.

Com a (in)devida licença do nosso célebre personagem, que, antes de ir a Procurador, deixou sua indelével marca também em Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete e 2º Tribunal do Júri de Belo Horizonte, em (des)apertada e (in)fiel síntese, ora atrevemo-nos a (re)contar um dos primeiros e antológicos “causos” vivenciados pelo indomável “Leão” no denominado Brejo das Almas (v. “Vida de Cachorro”, in “Vade Retro”, 3ª edição, p. 31-34, Ed. D’Plácido, 2016).

Nomeado por volta da *época em que o Sputnik subia “ao céu” e “descia a serra” o Fidel*, o insuperável prosador e causídico lafaietense, antes de começar a engolir a poeira das estradas que o levariam ao *Hall of Fame*, por sugestão de um amigo comum, consultou o antropólogo e pajê Darcy Ribeiro sobre como chegar a Chico Sá. De chofre, disse-lhe o mestre montesclarensense das ciências sociais e ocultas: “*Pegue um ônibus da Cometa até Belo Horizonte. De lá, após comprar uma armadura, tome um trem da*

Central para Montes Claros. Descendo no Coração Robusto do Sertão, alugue uma mula 'ensinada', diga-lhe o nome da cidade e vá em frente. Quando receber um tiro na testa... chegou ao seu destino. Boa sorte!'

Seguindo o roteiro indicado e crente de que “*quem não morre não vê Deus*”, numa calorenta noite de verão o jovem e intrépido Leontino saltou do lombo de uma fatigada jumenta e, pela vez primeira, pisou o abrasante chão brejeiro. Mal tirou o pé do estribo, estrugiu pelos ares o disparo de uma carabina. Ato contínuo, bem próximo do nosso herói, um capiau baleado virou *de cujus*, confirmando-se, assim e em parte, a predição do brilhante lente e profeta retro citado, que, felizmente, enganou-se quanto ao alvo do atirador.

Diante da estrondosa recepção, nosso audaz protagonista, momentânea e mineiramente, chegou a pensar: “*Deus é grande, mas esse seu mundão é maior*”. No entanto, superado o ímpeto inicial de “*engrenar a ré e picar a mula*”, para gáudio dos amantes da Justiça e desassossego das “loirinhas” de Pirapora, o aguerrido Leontino entrou em exercício e começou a dar a sua inestimável contribuição no combate à odiosa impunidade reinante na região, em especial, no que se referia aos casos de crimes contra a vida, que, até então e em regra, culminavam com injustas e revoltantes absolvições.

Certa feita, sob a presidência do ilibado Dr. T.F.A. (mui decoroso, mas honestíssima cavalgadura), estava solenemente reunido o Tribunal do Juri da Comarca. Em pauta, o julgamento de um caso onde o réu era acusado de “suicidar” a própria mulher, dando-lhe guaraná com formicida. Compromissados os jurados, foi o réu interrogado, ocasião em que alegou ter agido em legítima defesa da honra, ultrajada pelo adultério da vítima, que, esquecendo-se de que *perereca do brejo não coxa fora do*

agreste, consoante fontes leoninas, de fato, teria plantado frondosos galhos na cabeça do marido.

Findo o interrogatório, eis que, sem rodeios e muito menos autorização judicial, adentrou na austera Casa da Justiça um legítimo representante da nata da viralatice brejeira. “Farejando” sombra, água (ainda que ardente) e linguíça (tira-gosto), o atrevido guaípeva aboletou-se embaixo da cadeira de um dos componentes do Conselho de Sentença.

Sentindo-se caninamente desacatado, o rigoroso Juiz-Presidente, paulificamente, bradou: “*Senhor Oficial de Justiça, tire imediatamente esse cachorro, aí, do meio dos outros!*”

Obviamente, tal pronominal falta de reverência ao dizer castiço desencadeou um surto de incontidas gargalhadas na ignara plateia, ensejando ainda, mormente entre os jurados, as mais variadas e soezes pilhérias (como, v.g., “*chegamos aqui de pé e vamos sair de quatro*”; “*lá fora, com esse calor, vamos virar hot dog*”).

Mas, descarrilado, o trem não parou por aí. Enquanto o velho João Lourenço, humilde e prestativo meirinho, pelejava para retirar o teimoso cão do sacro recinto forense, o salseiro provocado pelo meritíssimo “ataque de pronomorréia” deu oportunidade para que, com sede canina, alguns dos jurados molhassem a goela com aquela “água-benta” de Salinas, tão apreciada, entre tantos outros *someliers* ministeriais, pelo festejado colega José Pontes Júnior, líquido este, prévia e dissimuladamente, acondicionado em garrafas de refrigerante por um botequineiro local.

Daí que, em meio a tremenda algazarra (latidos, risos, berros estridentes...), o afubelado magistrado, com ênfase gutural, proclamou: “*Assim, vamos ter que evacuar, vamos ter que evacuar!*” Como se pode imaginar, foi aí que, literalmente, a coisa

fedeu mais, pois, de tanto rir, um dos jurados teria acatado aquela ordem manifestamente ilegal (“*melhor em plenário, que na sala secreta*”, pensou na ocasião o nosso leônico Promotor).

Por sorte, *antes que a coisa virasse boné velho* de vez, o vetusto e esforçado Oficial de Justiça, contando apenas com o auxílio de uma vassoura de piaçava e lamentando com seus botões o dia em que abraçou a “carreira jurídica”, a muito custo, conseguiu retirar do local o valente cão, não sem antes que este, fosse por não ter vício de poste, fosse por justificável protesto, desse uma bela mijada no nobre salão.

Em vista do insólito ocorrido, historicamente, ao menos para os habitantes da localidade, a sorte do desafortunado réu acabou sendo relegada a segundo plano, a ponto de tempos depois, serem levantadas dúvidas quanto ao resultado do julgamento: enquanto a acusação garantia que houve condenação (versão mais crível), a defesa, à época a cargo do pomposo Dr. M.C. (Menelick de Carvalho?!), passou a divulgar o contrário. No mais, supõe-se como lenda que, ao final da exótica sessão, as partes conjuntamente tenham pugnado para que fosse consignado em ata moção em louvor não só ao esbaforido meirinho João Lourenço, mas também ao bravo cãozinho arbitrariamente despejado.

LEONTINO DE MELO CHAVES (*in memoriam*)

(Texto encaminhado pelo acadêmico Antônio Aurélio Santos)

Figura de proa da literatura e da história escreveu alhures que há homens que “são como as árvores fortes e altas que espantam o céu, agasalham os pássaros, mas que a relva, em geral, desconhece a semente”.

De fato, existem árvores fortes e altas que espantam os céus, agasalham os pássaros, dão sombra e proteção aos homens contra a irreverência dos elementos telúricos, produzem frutos que se reproduzem na marcha lenta, mas segura das idades.

E há homens que, como as árvores fortes e altas que espantam os céus, agasalham os pássaros e dão sombras protetoras, se agigantam pelo saber, pelo talento invulgar ou pelos benefícios que prestaram à humanidade em todas as vertentes da vida.

Seus nomes, muitas vezes, jazem no anonimato e no esquecimento, como a semente de que fala o beletrista, nas sombras da ingratidão dos povos de uma nação ou de uma instituição que honraram.

Devemos nós, por questão de justiça e de respeito, homenagear àqueles que contribuíram com seu sangue, suor e lágrimas, como dizia o grande primeiro-ministro inglês, para a construção, sobre sólidos alicerces, da gloriosa história de uma instituição que tem a seu cargo bem servir as gerações de hoje e de amanhã, fortalecendo-a, fazendo-a credora da veneração dos homens.

No Ministério Público de nossa província mineradora é necessário que se destaquem, pelas obras realizadas em seu prol, Mauro da Silva Gouveia, Valdir Vieira, Alberto Pontes, José

Diogo de Almeida Magalhães, Castellar Modesto Guimarães Filho, Luiz Carlos Abritta, José Antero Monteiro Filho, Joaquim Cabral Netto, Flodesmidt Riani, Délio Osório de Paula, responsáveis pelo prestígio que o *Parquet* desfruta em nosso país, atualmente, meritoriamente.

Inadmissível que o manto do silêncio e do olvido cubra as figuras tutelares e maiúsculas de dois mártires da instituição: Rômulo Pichara Silly, meu colega de turma, de concurso e de pensão, abatido a tiros de revolver no centro da simpática Caratinga, onde meu pai atuou como Promotor de Justiça, e Francisco José Lins do Rego Santos, assassinado na parte central desta Capital com cerca de 13 disparos de arma de fogo pelo crime organizado, os quais se eternizaram no panteão de nossa memória, de nossa veneração.

O Ministério Público mineiro não vive apenas de heróis, mas, sobretudo, de seus mártires, cujas ossadas são as vigas mestras do monumento de suas mais puras tradições de lutas, de sacrifícios e de vigilância na defesa de nossas conquistas democráticas e de nossa ordem jurídica, sempre violentada pelos inconformados de todos os matizes.

A esse pugilo de promotores que se perenizaram nas áureas páginas da história do *Parquet* da terra mineira acrescento, sem favor algum, o nome de um modesto sagitário da Justiça e dos direitos indisponíveis do cidadão: Augusto Sérgio de Souza Barroso, o Barrosão, tão cedo afastado de nosso convívio de mansinho, sem bulha e sem matizada, silenciosamente, como sempre viveu e gostava de viver.

Éramos grandes amigos.

Trabalhávamos na sala 4.816, 5º andar do Fórum Lafaiete, Avenida Augusto de Lima, das 7h até às 11h e das 13h às 19h, no mínimo, denunciando, requerendo, compondo razões finais e,

sobretudo, recursais, porque, quase sempre, discordávamos das decisões dos ilustres magistrados perante os quais servíamos.

Ele ocupava a Vara Especializada de Tóxicos e eu funcionava no 2º Tribunal do Júri, que, fiel a suas tradições e objetivos, condenaria Cristo e absolveria Barrabás, porque a Engenhoca foi acolhida entre nós exatamente para garantir a impunidade nos crimes dolosos contra a vida, que nada representava para os detentores do Poder, sejam da direita, sejam da esquerda, sejam do centro, esquecidos de que a “vida humana é uma obra-prima que nunca se repete” e não um simples ponto no espaço, como queria Portalis.

No famoso Congresso de Ocanã, Simon Bolívar, o genial soldado caraquenho, pensador êmulo de Marx, orador fulgurante como Péricles, Demóstenes, Cícero, Castelar e Rui, proclamou que a corrupção dos povos nasce da indulgência dos Tribunais e da impunidade dos delitos.

Barrosão era excelente colega, íntegro, educado, prestativo, às vezes rude, é verdade, mas com pessoas imprudentes que lhe faziam pedidos inadmissíveis, inatendíveis.

Como Promotor de Justiça sobressaía pelo vigor combativo, disposição para o trabalho e para a luta, pois, como assim falou renomado jurista, Promotor que não luta se assemelha aos pássaros de Java, que são belos e belas suas plumagens, mas não cantam, quer dizer, encantam os nossos olhos, mas não aquecem nossos corações necessitados de calor e força.

Detestava atender a pedidos.

Independente, sério e zeloso no cumprimento de seu dever funcional, por isso, na Vara de Tóxicos sua presença era incômoda e frustrante para os maus profissionais, firme a sua atuação como representante da Justiça Pública.

Não fazia concessões, nem recuava.

Havia em Minas uma Juíza de Direito muito simpática, muito distinta e honrada, querida pelos membros do Ministério Público indiscrepantemente.

Toda vez que visitava a sede da Associação Mineira do Ministério Público era recebida em festa e respeitosamente.

Infelizmente, um de seus filhos optou por enveredar-se pelo áspero e tortuoso caminho das drogas, ou como traficante ou como usuário, desprezando as lições e os sábios exemplos de seus dignos pais.

A Polícia, tomando conhecimento do fato, instaurou inquérito policial, efetuando a prisão do transgressor, ouvindo as testemunhas oculares e auriculares arroladas.

A peça policial, cumpridas as formalidades e diligências legais, foi encaminhado ao Fórum da Capital e distribuída ao saudoso Barrosão, que, a todas as luzes, não gostou do “presente de grego” que lhe foi destinado por sorteio, salvo engano.

No mesmo dia, à tarde, sol a pino, apareceu em nosso gabinete a mãe do rapaz indiciado, a qual dirigiu-se ao nosso colega, dizendo que tinha assunto importante a tratar com ele sem perda de tempo.

– Pois não, doutora! Estou às ordens da senhora, respondeu.

– Barroso, venho aqui, como mãe, para pedir a você que não ofereça denúncia contra meu filho, ele e eu estamos sofrendo muito com o caso, que já é de seu conhecimento. Ele não tem juízo, errou mesmo, mas tem boa índole e boa formação moral.

– Impossível, impossível atender o pedido da senhora.

– Impossível? Por quê?

– Impossível porque a senhora chegou tarde!

– Como tarde, Barroso, se o inquérito chegou hoje às suas mãos e ainda não foi devolvido!? A denúncia ainda nem foi dada!

– Impossível, sim, senhora, porque eu já fiz o rascunho dela!
E o rapaz teve que enfrentar o processo criminal!

A um colega nosso cujo o filho foi processando e condenado em primeira instância, mas absolvido em grau de recurso, e que, à guisa de ironia ou velada censura, disse-lhe, no antigo prédio da Associação nossa, na rua Paracatu, que o Tribunal de Justiça dera provimento à apelação interposta, livrando-o da reprimenda legal, Barrosão respondeu:

– Você tem 5 segundos para retirar-se da minha presença.

E contou o prazo dado ao 3º segundo: 3, 4 e ...

Antes que chegasse ao 5º, o colega, lépido, desceu as escadarias do prédio em alta velocidade, desafiando o nosso pobre e desvalido Código de Trânsito.

Barroso, como as árvores altas e fortes do literato, deu sombra e proteção e frutos para todas as gerações.

Ele morreu como sempre viveu e quis viver: silenciosamente, sem bulha e sem matinada. BH, 18-11-04.

LEONTINO DE MELO CHAVES (*in memoriam*)

(Texto encaminhado pelo acadêmico Antonio Aurélio Santos)

Do caso que ora transporto para o papel, que, segundo filosofia popular, tudo aceita, não fui testemunha ocular ou auricular.

Dele tomei conhecimento através de um colega interiorano, que atuou numa das comarcas do Norte de Minas, hoje respeitado Procurador de Justiça, homem sério, sensato, parcimonioso, sobretudo no falar, razão por que desfruta de grande credibilidade entre seus pares.

Nem se pense, aqui e agora, na existência de deturpação da verdade ou de mentira, sejam quais forem as suas modalidades estudadas pelo genial professor Luigi Battistelli: a necessária, a decorrente de imposição de natureza ditadora, a heroica, a que significa sublimação da fidelidade, da qual dá como exemplo esse mestre italiano o sacrifício de Soror Simplícia, que preferiu que lhe arrancassem os belos seios a responder, como desejavam seus algozes, tendo nascido em Trieste, que era natural de Sageste, repetindo o gesto heroico do valoroso oficial francês – de Napoleão, que optou por morrer a negar sua nacionalidade francesa, de que tanto se orgulhava.

Inteiramente despropositado, a todas as luzes, referência à mentira piedosa, aquela que o médico usa, garantindo a seu doente terminal que suas forças vitais só serão batidas quando o sargento Demetrios Lopes Garcia recusar um copo de vinho nas bodegas de Los Angeles.

Resumindo, sou, pois, um mero datilógrafo, como diria o jornalista nordestino Sebastião Neri em seu Folclore Político.

Seja esclarecido, por fim, que o fato embora seríssimo, acontece, servindo como agente capaz de atenuar ou diluir a rigidez, a sisudez e a monotomia do ambiente forense.

Numa comarca da Mata mineira, Zé do Patu, homem da enxada e da foice, pessoa de boa conduta, usando um porrete, tirou a vida de um pequeno agricultor, que lhe teria tomado a mulher, que não era um exemplo de Santidade.

A respeito, a autoridade policial instaurou inquérito, ouvindo-se testemunhas.

Com base nessa peça policial o Ministério Público da Comarca ofereceu denúncia contra Zé do Patu, acusando-o do cometimento de homicídio qualificado.

Na defesa prévia, o acusado arrolou testemunhas que lhe interessavam para dizerem que era um homem pacato, honesto, bom pai de família, católico, apostólico romano, não bebia, não fumava, não fazia uso de drogas, não frequentava casas de tavolagem, zona boêmia: um Santo, cuja vida consistia apenas em trabalhar para sustentar mulher e filhos.

E todas, como carneiros de Panúrgio, assim testemunharam!

Finda a instrução da causa, com a oitiva das testemunhas indigitadas, falaram em razões finais o Ministério Público e a defesa do réu, ruminando a tese adotada.

O MM. Juiz, apoiado no bloco probatório, houve por bem pronunciar o retireiro nas penas do art. 121, § 2º, incisos I, II e III, do Código Penal Brasileiro vigorante.

Da pronúncia, para a procrastinação do julgamento da ação penal, recorreu a defesa para a instância superior, onde não obteve o desejado, mas não esperado sucesso.

Da capital mineira, ainda se valendo das dóceis leis brasileiras, o réu levou o processo para Brasília, mas os recursos utilizados foram inadmitidos; porém, como objetivava o recorrente, a

procrastinação do julgamento da causa, cobriu-se, sem dúvida, do previsto sucesso.

O tempo é um trator que esmaga a memória dos homens e as recordações das boas e das más coisas da vida.

O tempo tudo apaga.

Libelado, foi o réu, finalmente, depois de longo e tenebroso inverno, submetido a julgamento pelo denominado Colegiado Julgador.

Sorteadas as 7 Pragas do Egito, ouvidas as testemunhas de defesa e as do Ministério Público, feito o relatório pelo Juiz Presidente, concedeu-se a palavra ao Dr. Promotor e em seguida ao defensor do uxoricida, aquele opinando pela condenação do acusado e este pela absolvição, demonstrando haver cometido o delito em legítima defesa da honra ultrajada pela conduta pecaminosa da esposa adúltera.

As Sete Pragas do Egito, por maioria de votação, houve por bem, confrontadas as provas, desacolher a tese esposada pela defesa e reconhecer a existência das qualificadoras.

O MM. Juiz, com base no veredito da Velharia, resolveu condenar o acusado ao cumprimento da pena de 18 anos de reclusão, a serem cumpridos em penitenciária de nosso Estado.

Demonstrando profunda tristeza e abatimento, Zé do Patu, vencendo a timidez do homem da enxada e da foice diante da majestade do juiz, dirigiu-se ao Presidente do Tribunal Popular:

– Sinhô doutor meretíssimo juiz, será que o senhor me dá licença para dizer algumas palavrinhas?

O jovem magistrado, homem dotado de fina educação, coração bondoso e sem qualquer maldade, que mais parecia um padre tal sua bondade e humildade, penalizado pelo rigor da pena imposta – merecida, diga-se de passagem – atendeu ao pedido e, paternalmente, amaciando as palavras, respondeu:

– Com todo o prazer dou ao senhor o direito de falar o que bem quiser. Estamos aqui para ouvir suas palavras. Não se acanhe, fique inteiramente à vontade, inteiramente, sem qualquer acanhamento.

Autorizado, o réu levantou-se do banco que ocupava, silenciosamente, sem qualquer manifestação de desagrado ou revolta, disciplinado.

– Já tô desgraçado mesmo, sô juiz, mas quero dizer que, com exceção (apontou para o seu advogado) desse homem aí, que falou bem de mim, o resto vai tudo a puta que o pariu, cambada de fês-da-puta, chibungos disgramados, safados de uma figa. Vão todos à merda, tá?

E, ao voltar a seu banco, distribuiu, com o gesto tradicional uma gloriosa “banana” aos presentes, provocando uma gargalhada histérica e quase incontrollável no nobre recinto.

Promotor de Justiça, escrivão e oficiais de Justiça, a muito custo, conseguiram manter uma atitude digna de ambiente forense, caracterizado pela sobriedade, temperança e moderação.

Entre desapontado e constrangido com a inesperada e inusitada reação do apenado, o distinto magistrado procurou mas não conseguiu safar-se da terrível situação criada, ficando mais vermelho que pimentão da Ucrânia.

Fosse hoje e a exaltação do réu não teria sentido algum, pois a vida nas penitenciárias do Estado é bem melhor que a do retiro, do lavrador e dos trabalhadores regidos pela C.L.T., pelo menos.

O café da manhã vem acolitado por pães com manteiga e leite, o mesmo acontecendo com o servido à tarde.

O almoço é servido em marmitex de 900 gramas, contendo arroz, feijão, farofa fazendeira (ovo e torresmo), maionese e costelão de porco frito e no jantar consta maionese e espaguete ao molho como acréscimo.

Como sobremesa, quase que invariavelmente, vem um casadinho de doce de leite com amendoim e suco das mais variadas frutas tropicais.

Equipes de lavadeiras, cozinheiras, nutricionistas, pedagogos e pedagogas, psicólogos e psicólogas, fisioterapeutas lhes prestam os serviços de suas especialidades, além de técnicos de alimentação, auxiliares de copa, copeiros, encarregados de fazer o café.

Têm assistência médica, odontológica e sexual, com a colocação, à disposição deles, moradores, de prostitutas e prostitutos, que atendem na parte da manhã, da tarde, da noite e nas madrugadas.

Quem tem dons de comerciante pode montar venda de cocaína, maconha, crack etc., etc...

BERGSON CARDOSO GUIMARÃES

Sinistra fora a hora em que decidira visitar Tia Maria de Fátima Afonso Pena. Tantas e malditas e inglórias e malfadadas decisões nos arrependemos de tomar ao longo dessa corrida vida. O acaso de uma visita, o encontro furtivo e inesperado, a proferição de uma palavra a mais, que ensejou interpretação a maior ou menor, a passagem por uma estrada errática e sem sinais, a avaliação injusta de um problema. O escorregão imprevisito...

O homem é senhor do que cala, e escravo do que fala, já ouvira tantas vezes antes de pessoas que queriam mostrar maior sabedoria e melhor interesse por coisas ditas mais sãs. O lugar comum da sabedoria popular. No entanto, não teria sido capaz de aplicar sua teoria na prática, como lhe lembrou um amigo, já conhecedor das tantas e quantas explicitadas dores de Tia Fatinha.

Há muito o Dito não ia à casa da tia, e ela já lhe cobrara de outros carnavais tal atenção e cuidado. Afinal, estava Geraldo ali de férias, pela província em que cresceu. Andando à toa entre os passeios (é assim que se chamam as calçadas no interior de Minas) e ruelas que tanto conhecera. Passando pra lá e pra cá sob sua janela. Dito, como era conhecido na família, batera então à porta da casa da tia tão próxima no centro da cidade. Subira com total desenvoltura as escadas que tanto frequentara na infância. A mesma geografia de espaços curtos que na memória lhe pareciam muito maior. Enfim, buscava resquícios e sinais de uma convivência estreita de toda uma vida. Buscava, mais uma vez

mais, iludido, talvez, por uma inocência perdida de quem fora criado naquele lugar.

Bateu à porta, entrou, ela ainda de rolinhos à cabeça, o atendeu com simpatia e surpresa. A conversa transcorria longa e amena, perguntava-se sobre o destino de pessoas comuns, a política local, observando as coisas da casa, falou da saudade que ele tinha às vezes do tio que lhe fora tão próximo. Amenidades. Fofocas locais. Era visível que do marido falecido que ela tanto amara e, mesmo passados quase vinte anos de sua morte, ainda não havia se recuperado do luto. A angústia ardida ainda não cicatrizara. Nem mesmo tudo que envolvia a existência da vida do casal. Seus bens, o último sabonete, os pertences mais simples no armário da cama do casal, a lembrança das pessoas eleitas que lhe deram atenção. Marido e mulher viviam um para o outro. Gostavam das festas em família, de viajar, do casal sem filhos tinha o varão adoração pelos sobrinhos biológicos. Repetia desde e tanto as mesmas piadas de passagens de seus sobrinhos queridos, e que lhe deram tanto orgulho.

As lembranças tomavam sempre, e de modo ambíguo, a Dito quando retornava a Oliveira Gonçalves. Retornar sempre lhe deixava um sentimento de um saudosismo ressecado, de paz da origem, mas também de confusão, de medo, de repulsa. Era estranho.

Maldita – é preciso destacar repetidas vezes - fora a hora em que Dito subira as escadas para visitar Tia Fatinha.

Em certo ponto da conversa ela dizia do agradecimento que devia a tantas pessoas que lhe devotavam legítima atenção, real afeto, amizade verdadeira. Parentes, outros sobrinhos por afinidade, e amigos próximos. Contou passagens dessa gratidão e como eram eles e elas agradecidas pelo que a Tia recentemente fizera por eles: uma doação importante de lotes de seu patrimônio.

– Enquanto você, Dito, pelo que você recebeu nem veio aqui me agradecer.

Dito assustou-se:

– Tia? Não diga isso... Moro fora, mas das vezes em que aqui eu vim, uma visita em sua casa foi só para lhe agradecer.

Ela redarguiu: não, não, não, e não veio.

A seguir desfiou um rosário de fatos, tangenciando a impressão de que pessoa específica da família tinha sido desonesta com ela, e o quanto seu marido tinha sido injustiçado em vida, com reflexo na herança e bens determinados que ela recebera. Citou fatos de 70 anos atrás em que teriam havido acontecimentos censuráveis na divisão de bens de família. Reclamou, de novo, atenção e amor, melhor consideração.

Enquanto enaltecia alguns, com profundo reconhecimento, atacava outros que não demonstraram a devida gratidão por sua consideração.

– Tia, a vida da gente é como um carro seguindo uma trilha em uma estrada à noite. O farol do carro ilumina só pra onde está direcionado, mirando. Nossa luz é jogada para tal realidade vista. O lados e partes escuras permanecem obscuros mas, de fato, ainda estão lá. Outros carros na estrada e bifurcações iluminam também só para onde apontam. Cada um vê a realidade segundo seu farol, ou fatos que lhes foram passados durante toda uma vida. Sem contestação alguma.

O que mais derrubou Dito foi perceber depois que se rendeu a um diálogo de surdos, que só serviu para produção de mais loucura - inclusive a própria - e intriga. Ela nunca entenderia essa metáfora que fora colocada em certo ponto da conversa, Dito percebera isso só depois.

Em certo ponto ela levantou-se e mostrou um imóvel vizinho abandonado pela cunhada. Estava entregue ao lixo e aos ratos.

Dito teve a doce ilusão de que, mesmo em assuntos de família e reclamações, poderia dar posição racional, justo ele que fizera mestrado em semiótica, doutorado em ciência das religiões. Dito procurava se concentrar no que lia, e lia tanto, estudava e dominada outras línguas, dava palestras em empresas sobre ética profissional. Justo ele que dava tanto valor ao estudo, não soubera lidar com uma pessoa que parecia estar profundamente doente, embora muito próxima. Não soube sequer ser um médico de almas.

Estamos todos doentes, como diria Nietzsche. Ou como cantou Caetano Veloso, de perto ninguém é normal. Dito rendeu-se àquele diálogo enquanto deveria talvez ter se levantado e ido embora quando começaram as comparações e reclamações. Pensou em Sócrates que, no momento crucial de sua morte, antes de beber a cicuta, bradou ao discípulo Críton, que chorava, que não se esquecesse da dívida: deviam “um galo a Asclépio”. Este era o Deus da Medicina. Relembrou, de relance, que permaneceria um enigma o que Sócrates evocou ao prestar homenagens ao famoso curandeiro, que curava tantas doenças impossíveis. Estavam todos doentes em sua visão da verdade? Por que lembrar disso em seu momento de morte? A evocação de uma entidade que se incube de curar os doentes?

Depois, com a advinda imagem de Sócrates, o fato é que Geraldo ainda se lembrou que alguém lhe explicara acerca da origem grega da palavra diálogo. O *dia* seria a interlocução “através de”, os instrumentos, o *logos* teria um sentido de conhecimento, narrativa, palavra. Através da palavra. Mas quer dizer então que se uma parte não tem conhecimento, um saber verdadeiro, é impossível o diálogo? É possível conversar com um louco ou uma pessoa profundamente adoecida? Talvez sim, talvez não. Mas em verdade estamos todos enlouquecidos.

Depois Dito sentiu-se pequeno, demasiadamente pequeno. E talvez o fosse. O pior dos seres. Nunca estabelecera um diálogo assim com pessoa tão próxima, colocando fatos, defendendo-se, com ninguém da família. Descendo, ao seu sentir, a descrição de episódios tão miúdos, inglórios, de pequenez infundada. Geraldo havia se rendido à pior das armadilhas: falar sobre pessoas, seus juízos e ações.

Mas Tia Fatinha, já tomada um pouco de revolta, continuava o rosário. Como alguém rezando o terço a Deuses que nunca socorrem. A casa, o lote, a loja, a herança, a partilha, a falta de agradecimento, o pedaço da laje, o desamor... Um ressentimento incurável. Essas temáticas que dominam as Varas de Família e são eternas disputas por reconhecimento, bens, dinheiro e poder. Conflitos minúsculos que só são vencidos com a própria morte física ou mental, dado que alimentam-se de si próprios. Formam-se como uma materialização da medida da culpa, do reconhecimento mesmo, do tempo perdido, das memórias ruins.

Mas Dito olhou para si e se viu um ser esquelético. Teria profanado a memória de um morto, por algo que disse? Teria ofendido a honra das pessoas que ele mais ama na vida e que ainda lhe são tão próximas? Teria que ter tido a sabedoria – que tantos outros têm – de não se render a um diálogo insano com a Tia, que certamente vive uma vida solitária e cheia de medos? Enfim, alguém digna de profunda pena? Por que, sequer, não tivera a capacidade de ser bom?

Geraldo se viu tomado por pensamentos fixos e uma forte dor no peito por dias seguidos. Lembrou-se que o casal de tios, que não tivera filhos, sempre lhe dissera da importância dos rebentos na vida das pessoas. Em certo momento são os filhos que cotidianamente nos educam. Sempre diziam. Dito talvez tivesse, ali, como nunca o fizera, mesmo que de forma incons-

ciente, e na pulsão de se defender, assumido o papel de filho. Um filho já velho e calejado pelas intempéries da vida.

Talvez tivesse falado coisas simples, de um histórico de vida que procurava retratar a relação de duas pessoas, dois irmãos, muito unidas, em que um, mesmo tendo uma relação de pai, jamais tivera a coragem de lhe chamar atenção por qualquer coisa que fosse. Por mais grave e constrangedora que tivesse acontecido. Geraldo relatou acontecimentos insignificantes, que só ele recordava, que vivera dessa relação entre o pai e o tio. Mas foram o gatilho para a revolta de uma pessoa doída, e certamente foram duras de serem ouvidas.

Mãe, Tia, pare de falar tanta asneira, a senhora está doente. Pai? Tais posições que vem tomando são insanas. Deixe de ser tão teimoso. Tão vaidoso. Você é falível como tantos outros e precisa reconhecer isso. Tem falhado todos os dias. Com noventa anos temos que reconhecer que nosso juízo das coisas já não é total. Mas não adianta... O pai quer manter seu poder. Ou não é ninguém. Ou já morrerá.

Mas uma tia solitária, cheios de pânticos e personalidade ofendida, presa a sentimentos tão voláteis, não se faz possível um diálogo concreto. Dito, na hora, preso à mesma pulsão, não tivera a grandeza de perceber isso.

Não tivera a elevação que perseguia quando respondera a mensagens e áudios que ela mandava depois da conversa e, aos gritos, aludia que Dito desonrou a figura de alguém que não estava ali para falar a verdade, que ali não estava para se defender e, novamente, “falar toda a verdade”. A certas mensagens e palavras, em tempos de profusão de informação e facilidades de fala, não se responde, pensou. Só o silêncio. Pelo whatsapp Geraldo pediu desculpas se a ofendera alguma vez. As mensagens e áudios cheios de rancor cessaram. O “diálogo” acabou. Restou a memória desse acontecimento pequeno e raro.

Geraldo chegou a pensar na obra daquele neurocientista argentino-brasileiro, Iván Izquierdo, que escrevera um livrinho sobre a arte de esquecer. A saúde mental só é completa se esquecemos de coisas. Se renovamos a memória com coisas melhores e que nos constroem. Apagamos o lixo que se instala num cérebro saturado de registros a cada minuto. De fato, lembrou Dito das palavras do médico: esquecemos para poder pensar, para não ficarmos loucos.

Tia Fatinha, ao descrever tantas lembranças que julgava ruins, justamente as que, segunda a própria, fora prejudicada, e esquecido os gestos de amor e agradecimento, criou para si uma memória seletiva para o ressentimento. Alguma coisa remetia ao personagem de Borges: “Funes, o memorioso”. Depois de um acidente Irineu Funes se lembrava de tudo, cada detalhe das coisas. Mas ficou impossível para o próprio comparar e generalizar, enfim, pensar. Funes terminou louco de tanta memória. Maria de Fátima falava de coisas absurdas como um louco, e o sobrinho Geraldo entrou no diálogo como outro alienado, um aliens, sujeitando-se àquela conversa calma nos instantes presentes, porém alucinada em suas consequências abstratas e pensamentos.

A ESQUIZOFRÊNICA ILUSÃO OU NÃO DE UM BALCONISTA

LUIZ ALBERTO DE ALMEIDA MAGALHÃES

A LOJA

Acordava cedo, e sua tarefa diária era pegar o ônibus, levantar a porta de aço do local onde trabalhava e permanecer atrás do balcão até às dezoito horas, quando novamente pegava o ônibus, sempre cheio, tanto na ida como na volta, e neste retorno andar algumas quadras até o prédio onde morava, conjunto de apartamentos velhos e que assalariados alugavam em grupos, assim dividindo as despesas comuns a todos, como aluguel, luz, água, impostos, condomínio e alguma alimentação. Com pouco dinheiro, morando com estranhos, pé de chinelo, o cara não conhecia diversão com moças em baladas, não lhe sendo aprazível noitadas de festas e músicas em ambientes por ele considerados caros, desculpas não mais cridas aos já raros convites para sair. Era um rapaz triste, magro e feio, muitas vezes sofrendo humilhações que o deixavam atormentado, “o que fiz pra ser tratado assim?”, lamentava-se, contentando-se com o isolamento, “quanto menos gente, melhor, vivo melhor assim”, respondia quando indagado pela introversão. E também o espírito não mais lhe fazia exigências para se dedicar ao que pudesse dar prazer saudável, como uma simples confraternização social, acostumado que já estava com a solidão, e nestes momentos afundando-se na maconha. Arrumou aquele emprego através do tio de um amigo, que lhe pagava um mísero salário e comissão do que vendia, que não lhe rendia nada, a loja sempre às moscas. Com

pouca luminosidade a lojinha de fundos não atraía fregueses, além de situada numa rua de pouco movimento. Neste tédio diário de miserabilidade, agachava-se por detrás do balcão, esquecido da sua feiura e timidez, e por horas ficava embalado na erva, para que assim não se atormentasse com o inferno de cada dia, uma monotonia de fazer dó.

A VIAGEM

O jovem embarcou num metrô de superfície; no meio da tarde, a loja não dava movimento mesmo, e pela primeira vez conheceu um trajeto que nunca fizera, coisas novas que a cidade agora lhe apresentava e que jamais pudera imaginar existir. Reparou, espavorido, que lagartas escalavam os prédios e pessoas assustadas saltavam dos apartamentos, também mães com seus filhos no colo se projetando, uma visão apocalíptica, confusa, que seu pensamento insistia em lhe confundir se aquilo tudo seria real ou não. Mais adiante, viaturas policiais percorriam as ruas tentando salvar pessoas enlouquecidas correndo sem rumo, desorientadas, trombando-se, uma calamidade; policiais truculentos excediam em suas autoridades, por vezes, surrando pessoas com cassetetes, embora desnecessário o emprego da violência; outras viaturas atropelavam ciclistas com peles ardidadas, queimaduras causadas por substâncias desconhecidas, lançando-os contra os cones de cimento presos ao chão. Crianças perdidas, chorando aos berros, procurando pelos pais. E pais mais enlouquecidos buscando por filhos desaparecidos ou feridos. Ainda mais espantoso, grupos de jovens e idosos alucinados esfoliavam-se usando dentes e unhas, sangue escorrendo pelas calçadas e ferozes cães atacando pombos de uma praça, que alçando voo encontravam fios de alta tensão chicoteando pelo chão, que os

eletrocutavam. Um vento gélido varria a praça, inundada em sangue. Prédios eram soterrados e do subterrâneo surgiam ratazanas, tão grandes que lembravam gatos, que mal alcançando os bueiros eram, de imediato, rasgadas por dentes afiados daqueles cães negros. E lançadas em rodopios através do ar já fétido de urina e bosta. Não só prédios urbanos, mas também nas áreas suburbanas, por onde o trem serpenteava, barracos imundos, redutos de viciados, drogados e estupradores, encrenqueiros com a justiça e com a polícia dissolviam-se numa poeira detergente. Nuvens negras, parecendo despertar e chamar a morte, encobriam o que antes era um pálido sol, e uma chuva lodosa alagava o solo, lançando transeuntes desorientados contra os muros ou paredes dos prédios. E o comboio, em alta velocidade, como se freios não tivesse, fazia o percurso soltando faíscas dos trilhos como olhos demoníacos; e o jovem notou que somente ele estava na composição, embora a escuridão dominasse o ambiente. Procurava, a todo custo, encontrar uma saída para ajudar aquela gente, adultos e crianças, principalmente estas, a encontrarem uma maneira de se salvar. Não poderia, de modo algum, permanecer inerte a tanto sofrimento. Os meios, porém, para tal tarefa, não lhe ofereciam condições, já que as portas do metrô não se abriam. Também sofria, e como! Naquele momento infernal, poderia mostrar a todos do que era capaz, bom de coração, sentimentos nobres. Isolado naquele ambiente, reparou, sôfrego, as poucas luzes que vinham dos postes, e que dos vidros do vagão desciam babas de morcegos que se agrupavam no teto. Pela janela viu um painel gigantesco com um relógio digital e notou que já eram quase dezoito horas.

“Estarei delirando de novo? O que é isso na minha frente? O céu está abrindo! Que luz é essa? Um círculo de luz intensa está descendo, sob a forma de inúmeros anéis coloridos, um após

outro, vindo em minha direção. Necessito direcionar-me! Preciso voltar para fechar a loja, talvez algum freguês esteja esperando a minha volta, uma comissãozinha no fim do dia, quem sabe?”

NA LOJA DE VOLTA

De um jeito estonteante, com o coração perdendo o compasso e batendo no meio da garganta, acordou assustado batendo queixo de medo, ainda visualizando cobras subindo-lhe pelas pernas arqueadas. A intoxicação era evidente. Levantou-se detrás do balcão, procurando compreender os fatos, cristalizado como estava nessa dimensão impalpável e ao mesmo tempo incompreensível e injustificada. Não havia ninguém debruçado ao balcão. Moscas, como que perdidas, zoavam. O cara não conseguia raciocinar com calma, perplexo que estava. Gostaria que tudo que acontecera fosse consequência de algo explicável. Não era aquela a diversão que planejara, e havia a dúvida relativa ao que tinha visto (ou não visto), se aquelas imagens eram reais ou enganosas. Admitia a si próprio que nada havia de errado, estava só assustado. Ajuntaria as ideias na volta de ônibus, estava certo que tudo aquilo fora motivado por aquela vida corrida, o cotidiano afobado, nervos combalidos, decepções, uma leve esquizofrenia, nada mais que isto. Logo, logo, já em casa, e ele na sua, sozinho no seu cubículo, estaria livre daquelas imagens enervantes. Nada mais falso. E pior, admitia, neste instante atabalhado, não existirem mãos amigas que o tirassem do vício, que o levassem a curar-se, que lhe abrissem as portas do mundo para um futuro melhor. Ou talvez desconhecem o seu vício, já que de todos se escondia. Era o início de uma noite de tonalidades impressionistas, quando salpicos de claridade do dia desfaziam-se por detrás dos prédios. Cerrou a pesada porta, deixando no

interior da loja um cheiro forte de droga. O trajeto até a casa, a dois quarteirões do ponto onde descia do ônibus, era feito a pé, como de hábito. O fato de morar no bairro há anos lhe garantia alguma segurança. As portas das lojas já estavam cerradas e as sobras da tarde guardavam bêbados à espera de mulheres distraídas para furtarem qualquer coisa; ainda um orelhão sem telefone como robô plantado no passeio esburacado e ao pé, dois mendigos faziam amor envolto em roupas imundas e páginas de jornal.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Dias desses, conversava eu com uma grande amiga dos tempos de colégio sobre os rumos de nossas vidas e, ela, com olhar vago e opaco, me questionou se eu pensava em como a vida poderia ter sido se tivesse tomado outras decisões.

Como nossas conversas nunca permanecem no espelho d'água, mas se densificam como um mergulho de cabeça nos mistérios do incompreendido, falamos por horas e horas.

Somos mar e “um mar que se compreende não passa de um aquário”!

Respirei a plenos pulmões, sabia que aquela conversa mexeria com minhas bases também.

Pensar sobre o exato momento em que se está, não é tarefa fácil. “Quando você olha para o abismo, o abismo olha para você de volta”.

Mas sim! Eu me pego pensando em como a vida poderia ter sido.

Apesar de a existência se passar pelo dia, minuto a minuto, há marcadores importantes na bifurcação das trilhas que definem o que será de nós.

E, aqui, adentramos em temas arenosos como determinismo, livre arbítrio e controle sobre o que nos acontece.

Tenho dito que o controle não é deste mundo e “o que tem que ser tem muita força”.

Isso, ao contrário do que parece, não se contrapõe ao livre arbítrio.

Temos potencial de escolha na cocriação de muito do que nos acontece. Esforço, dedicação e constância fazem parte daquela fórmula exitosa.

Mais ainda, temos capacidade de domar nossas reações sobre o que nos acontece. E isso é muita coisa!

Todavia, penso que o livre arbítrio não seja algo ilimitado, diante das mais variáveis situações que nos apresentam. Escolhemos, mas somos escolhidos também, tudo como parte de algo maior.

A energia e a vibração são olhos de gato na estrada escura da vida.

Gostei muito da metáfora da carroça e o cachorro, imagem não incomum nas periferias das grandes metrópoles e rincões desse país.

É mais ou menos assim: o cãozinho, amarrado à carroça por meio de uma comprida corda, pode ir para um lado e para o outro, até onde estica. Se quiser, pode sentar, brincar, rolar, deitar ou descansar. Contudo, quando a carroça se coloca em movimento, o cachorro terá que acompanhá-la, na velocidade que a corda exige. O comprimento da corda dá uma certa liberdade para o cãozinho, que não necessita seguir o ritmo exato da carroça, nem as pegadas do cavalo ou as marcas das rodas, bastando que siga na mesma direção.

Agora, troquemos os personagens! Somos o cãozinho e o destino a carroça. A vida é marcha para frente, em ritmo próprio, mas é para frente, que é para onde a corda estica!

O livro “Biblioteca da Meia Noite” explora esse tema da vida que poderia ter sido.

Ainda adstrito à pergunta, concluo que não me preocupo tanto mais com a vida que poderia ter sido. Apego-me à minha intuição, tendo como norte a minha paz e tentando, o quanto

possível, não me ferir ou machucar as pessoas que cruzam meu caminho.

Aceitar que o que depende de mim depende de mim e que há uma vastidão restante que escancara minha condição humana.

E mais, perceber, na verdade, que pouco importa a vida que poderia ter sido, pois a vida que vivo é exatamente a vida que precisaria viver, com lições embutidas no meu cotidiano, com dragões a domar que moram no meu pensamento e na autossabotagem, com os elos necessários para me ensinar a amar, ser amado, respeitar, tolerar e gargalhar de tudo que não der certo. Enfim, aprender que “todo mundo tem um vazio do tamanho de Deus” (Dostoievski) e que é perfeitamente legítimo se questionar sobre os rumos de tudo.

Há, portanto, uma vida que poderia ter sido sim, mas ela não é para mim, é para aquele que eu poderia ser e não sou!

Sigo o meu caminho, pedregoso, empoeirado, com subidas íngremes e um horizonte que se perde, mas com flores perfumadas, pássaros que cantam e a certeza de que não estou só, nem por um segundo!

PABLO GRAN CRISTOFORO

Por muito tempo, achei que os rumos da minha vida cumpriam bem a minha expectativa.

Claro que não era “perfeitamente perfeita”, como costumava dizer minha filha aos cinco anos.

Mas a existência foi se desenhando como planejado, cosmo e caos em harmonia.

A família sempre foi minha base.

Os problemas maturados e distribuídos nas várias searas da vida, tinham duração demarcada. Sempre estiveram por perto, mas fui resolvendo um a um, até que outros os substituíssem na fila da preocupação.

A vida adulta é isso, entre mil tarefas, a resolução de contrariedades que mais parecem braquiara em época de chuva.

Em contrapartida, nunca me vi só! Encontrei apoio dos mais inesperados, como que lançados no contexto com um dedo de Deus.

Mas, faz pouco, a vida ventou mudanças e os planos, sempre flexíveis, encontraram a face risonha do criador.

Não que não me quisesse bem, mas que queria de mim mais do que eu estava acostumado a oferecer.

As verdades todas me foram tiradas de inopino.

A dúvida, despida sempre de certezas, é o esgotamento das opções na bifurcação dos passos.

Senti as tormentas nas águas do meu pensamento.

Os propósitos desapareceram e questioneei tudo o que havia em mim.

Nessas horas, é difícil cumprir o “Amor Fati” de Nietzsche e amar o destino que se desconstrói.

O conhecimento, na crença de ser vistoso, vaporizou em gotículas e me vi como Manoel de Barros, na ideia de que “tenho o privilégio de não saber quase tudo e, isso, explicar(r) o resto”.

Senti, também, a verdade de Clarice Lispector quando alertou que cortar os próprios defeitos poderia ser perigoso, na medida em que nunca sabemos qual é aquele que sustenta nosso edifício inteiro.

Contudo, com o ar da graça, o tempo é o grande arquiteto, e das ruínas do eu brotaram novos sonhos e, desses, nova vida.

O ano passou doído, salguei o rosto muitas vezes.

Vulnerável, corri em direção ao que não conheço.

Sim, um salto de fé!

Hoje percebo o porquê dos mais velhos, em regra, rezarem mais.

A vida prolongada cobra entrega e permite que testemunhe-
mos, por incontáveis vezes, o acaso costurar o tecido da existência.

Do lado de lá, muita coisa há.

Honrado com o que vem se apresentando, na alegria das glórias que vieram e que virão, apresento este que é feito dos agoras, que reverencia o passado, mas se finca na terra do hoje, com muito por fazer.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Lembrei de uma frase de Mia Couto que faz muito sentido para mim: “a saudade é uma tatuagem na alma: só nos livramos dela perdendo um pedaço de nós”.

E não é que é assim?!

Estou com a alma tingida de lembrança do que foi e de tudo que teria sido.

Carrego comigo essa pintura agora, que de tão viva para mim, muda de tom ao gosto do que me visita à mente.

E como não quero perder nadinha do que restou de nós, nem um tiquinho sequer, vou aprendendo a existir com essa tinta, feita história bonita de ser lembrada.

E hoje, na interseção dos ciclos, quem já fui está em esconderijo secreto, num beco de periferia, vasculhando escombros, catando o descarte do que já prestou um dia.

Aquele que já fora inteiro outrora vagueia no escuro da película da vida, perseguindo um sonho velho, adormecido em alguma parte de si.

A esperança é colar os cacos, reciclar materiais e que da velha costura e tear dos retalhos, um novo surja, não com aura de rebento, mas com o desgaste dos anos e um propósito juvenil.

E a alma tingida, colorida de dor e amor, mistura o mundo do que ficou e do que deixou, em um imaginário de tudo o que sumiu da frente e um passado imperfeito que já não tem futuro, incerto, decerto.

Sou esse com passado que não quer esquecer e um porvir carregado de talvez, de sei lá ou de vem cá!

Tenho saudades dos seus erros, da coragem que fingiu ter, da segurança que sentia com a minha mão na sua mão firme, do herói que foi um dia e que nesse dia se foi.

Estranho pensar nesse desencontro duradouro que dura o tempo que for e é tão duro para mim.

Que regras são essas, que não se pode descumpri-las?

Que imperativo é esse, sem rosto?

Como compreender esse código rabiscado no céu?

Me explique aquilo que não tem respostas e me diga palavras de conforto sem sentido!

Tenho saudades de todos os que foram meus um dia e que jamais me pertenceram.

Sim tenho essa tatuagem na alma, que me incomoda e acalenta, que me diz, em voz inaudível, tudo o que preciso e que escreve poemas em sânscritos com palavras desconhecidas.

Hoje sou um monte de incertezas, na luta e luto, com alma remendada e tatuada de saudade, aguardando a cicatrização do tempo a seu tempo!

PABLO GRAN CRISTOFORO

Que dias duros são esses, diferentes de todos os outros, com desnudos desafios em carne e osso?

Que fina linha entre o ficar e partir!

E aqui quero estar com os elos que fiz, com os amores que construí.

Efêmero e fugidio é o tempo, que consome as carcaças e debruça o peso em nossas fragilidades.

Quero partilhar o mais da vida, a alegria que ensaia, afugentar a tristeza que encena.

Que dias duros são esses, diferentes de todos os outros, que me compromete a fé, que desperta dúvidas outrora escondidas em certezas de areia?

As partidas me partem, por inteiro, ao meio.

Oh tempo, senhor dos nossos destinos!

A inocência que me roubou, a juventude que me tomou e, agora, anseia minha essência e meus vínculos.

Oh senhor dos nossos destinos, me deixa a lucidez e a memória de uma vida linda.

Que dias duros são esses de brumas que não dissipam?

O peso de tudo a arquear a compleição das escolhas.

Que escolhas tenho eu diante do todo poderoso tempo, senhor de nossos destinos?

Que me toma de assalto as rotinas que tanto gosto, que, sorrateiramente e de inopino, subtrai os cotidianos de nossos amores.

Que dias duros são esses em que o tempo se mostra inteiro após uma vida entorpecida de certezas de que a vida nunca acabaria?

Oh senhor dos nossos destinos, o que me reserva com o tempo de me resta?

Restos de uma vida para ser vivida a todo tempo!

PABLO GRAN CRISTOFORO

Somos a soma de todos os que nos antecederam em uma dizima periódica infinita.

Já se deu conta do quanto a ancestralidade grita em nós, conduzindo-nos para emoções e sensações, que têm muito dos nossos antepassados?

Sucedemos não só em herança material, mas, sem a menor dúvida, em gostos, trejeitos e comportamentos dos nossos pais, avós e todo arrasto de gente.

Naquilo que criticava meu pai, hoje me pego, boquiaberto e preocupado, fazendo o mesmo.

É bem verdade que eu gostaria de herdar aquilo que é positivo, mas, nem sempre e quase nunca, é assim.

Não escolhemos os dons e os talentos naturais.

Por sorte, virão!

Mas, certamente, herdaremos um cem pares de manias!

Quando me vejo, já estou fazendo como se fazia.

Queria herdar a inteligência da minha mãe, a sagacidade do meu pai, a leveza e serenidade do meu abuelo, a energia da minha avó materna, o bom humor do vô paterno e a doçura da minha vovó paterna.

Mas não, acho que sou um retalho das esquisitices de todos, num arremedo de tolices.

Quase como um ornitorrinco genealógico.

Um metódico na desorganização e sistemático na falta de planejamento!

Dual, complexo, por certo, sou muitos, rejuntado num mosaico singular.

Voltando à questão da ancestralidade e sua influência, como é forte a educação e a cultura em nossa formação, não?!

Estive em Madrid, assistindo a um show de flamenco e, olha, comecei a chorar sozinho.

O som, a desenvoltura corporal dos bailarinos, o sapateado e as castanholas me conduziram aos meus anos de infância, quando, nos espaços entre mesas, na cantina espanhola conduzida pelos meus abuelos, apresentavam-se artistas em danças típicas da “espanidad”.

Fui tomado por um estado de graça, envolvido pelo passado e inundado pelo infinito!

A vida continua pelo que virá e pelo alcance do que lembro!

Os que foram estão eternos em nós.

Olé!

ROBERTO ATÍLIO JÁVARE

Há alguns dias, em uma de minhas leituras diárias, deparei-me com algumas palavras conhecidas de todos, mas bastante inusuais em nosso cotidiano, parecendo-me suficientemente interessantes para serem comentadas e reiteradas. Tratavam-se elas de palíndromo.

Palíndromo, do grego *palin* (novo) e *dromo* (percurso), como se sabe, é uma palavra, um número, ou mesmo uma frase, que se pode ler de trás para a frente, da esquerda para a direita ou ao contrário, da direita para a esquerda, independente da direção, sem modificar o seu sentido. Também chamado de anacíclico, há de ser lido considerando-se apenas as letras ou números, desprezando-se acentos, cedilha e pontuação.

Vejamos algumas palavras dotadas dessa qualidade:

Afã – aia – aibofobia – ala – ama – anã – anilina – ata – arara – asa – ele – esse – mamam – matam – metem – mirim – oco – omissíssimo – osso – ovo – radar – raiar – ralar – rapar – rasar – reger – reler – reter – rever – reviver – rir – sacas – saias – salas – socos – sopapos – sós.

Lembro-me de que nomes próprios, femininos ou masculinos, igualmente podem se elencar nesse fenômeno linguístico:

Aba – Ada – Ana – Ava – Aviva – Bob – Eve – Maram – Otto – Natan – Renner – Reinier – Hanah – Salas – Cidic.

Outrossim, como antes dito, existem também as frases palíndromos, estas mais difíceis de serem construídas, mas igualmente encontradas leitura afora. Algumas parecem estranhas ou banais, outras desinteressantes, mas, a meu ver, todas dotadas de

algum sentido. A mais conhecida, com certeza, é: Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos.

Outros exemplos:

A base do teto desaba.

A cara rajada da jararaca.

Acuda cadela da Leda caduca.

A dama admirou o rim da amada.

A Daniela ama a lei? Nada!

Adias a data da saída.

A diva em Argel alegre-me a vida.

A droga do dote é todo da gorda.

A gorda ama a droga.

A grama é amarga.

Aí, Lima falou: “Olá, família!”!

Ajudem Edu, já!

A lupa pula.

A mãe te ama.

A mala nada na lama.

Ame o poema.

A miss é péssima!

Amo Omã. Se Roma me tem amores, amo Omã!

Anotaram a data da maratona.

A pateta ama até tapa.

Após a sopa.

Arara rara.

À Rita, sátira!

A Rita, sobre vovô, verbos atira.

A rua Laura.

Assim a aia ia à missa.

Ato idiota.

A torre da derrota.

E até o Papa poeta é.
Irene ri.
Laço bacana para panaca boçal.
Lá vou eu em meu eu oval.
Luza Rocelina, a namorada do Manuel, leu na moda da romana: “anil é cor azul”.
Luz azul.
Mega bobagem.
Me vê se a panela da moça é de aço, Madalena Paes, e vem.
Missa é assim.
O céu sueco.
O galo ama o lago.
Olá, galo!
Olé! Maracujá, caju, caramelo.
O lobo ama o bolo.
O romano acata amores a damas amadas e Roma ataca o namoro.
O teu dueto.
Ótimo, só eu, que os omito.
Oto come mocotó.
O trote torto.
Rir, o breve verbo rir.
Roma é amor.
Roma me tem amor.
Saíram o tio e oito Marias.
Seco de raiva, coloco no colo caviar e doces.
Zé de Lima, Rua Laura, mil e dez.
Ainda sobre este assunto, o palíndromo acima mencionado, aibofobia, significa exatamente medo mórbido ou irracional de palíndromos. Esse termo, aibofobia, não tem raiz grega ou latina, mas pode ser lido de trás para a frente.

Uma curiosidade sobre esses termos, é que omissíssimo (de omissio, negligente) é o maior palíndromo da língua portuguesa. É uma palavra com onze letras que significa “omisso ao extremo” ou “muito negligente”.

Além de palavras e frases também há palíndromos numéricos, chamados de capicuas. Exemplo 672.276. Datas semelhantemente podem ser palíndromos, cujo exemplo clássico é 20/02/2002. 22/02/2022 e 21/12/2112 também são datas palíndromos.

O palíndromo mais antigo conhecido é a frase em latim *Sator Arepo tenet opera rotas*. A tradução mais comum para o ditado é o semeador Arepo conduz o trabalho com as rodas, embora outras definições sejam possíveis. Arepo, a seu turno, é palavra de origem incerta. Alguns estudiosos o consideram um nome próprio, talvez inventado exatamente para completar o palíndromo.

Existe uma conjectura matemática que afirma que, começando com qualquer número e somando-o ao seu inverso repetidamente, eventualmente se chega a um palíndromo.

Sem esgotar a matéria, estão aí alguns aspectos sobre esta interessante figura da nossa querida Língua Portuguesa.

SELMA MARIA RIBEIRO DE ARAÚJO

Era uma vez uma família tradicional, poderosa, dona de muitas terras, muito gado e com muitos filhos: os Garcia, fazendeiros de Carrancas, pequena cidade do interior de Minas, lá para as bandas de Lavras.

Segundo minha mãe, os Garcia eram ancestrais de nossa família, vindos da Espanha, há muitos e muitos anos.

Mas mesmo tendo essa história acontecido há muitos anos, nunca deixei de ouvi-la, quando nos reuníamos em volta da fogueira, nas noites frias, na fazenda de meus pais.

Contou-nos nossa avó e repetiu-nos nossa mãe que houve, certa vez, uma festa na fazenda de Carrancas, para comemorar algum acontecimento importante.

Os Garcia eram poderosos, como já se disse, tinham muitos filhos homens e apenas uma filha: linda, cheia de dotes, uma verdadeira e preciosa joia, cuidada e tratada como uma princesa pelos guardiães da família.

Mas voltemos à festa. Para ela foram convidados os moços e as moças de Carrancas, alguns jovens dos arredores e um ilustre visitante da cidade, um espanhol, recém chegado às terras de Carrancas, garboso e cheio de si.

Durante a festa, muita comilança. Muita dança e muita música movimentavam os corpos e os pés daqueles jovens que só raramente podiam experimentar tal façanha: uma festa com dança, em que homens e mulheres não se poupavam em parecer uns mais faceiros que outros.

O estrangeiro não perdeu tempo, e sem pensar mais que uma vez, ofereceu-se a dançar com a joia preciosa, a bem dotada filha dos Garcia, moradores da Fazenda de Carrancas.

Qual não foi sua surpresa: a herdeira de Carrancas, talvez porque de olhos voltados para outro fazendeiro da região, não aceitou dançar com um estranho, embora pretendido e cobiçado por tantas de suas melhores amigas: moço bonito, cheio de sotaque, galanteador, diferente dos homens da redondeza, geralmente mais tímidos, cabisbaixos, de poucas e gastas palavras na façanha das conquistas amorosas.

À recusa da herdeira de Carrancas, o afoito estrangeiro, um espanhol de sangue quente, como se diz por aquelas bandas, tirou bolso uma arma e, matou com um tiro certeiro, ali no salão de dança, aquela que se negara a honrar lhe com uma contradança.

Mas não bastou tal brutalidade.

Uma vingança foi armada ali. Os machos da Fazenda de Carrancas e alguns da mesma família e ainda outros mais próximos, contaminados pelo sentimento de indignação e revolta pelo que presenciaram, amarraram o estrangeiro no rabo de um cavalo bravo, que ali aguardava seu dono para a volta a casa.

Eis que o de mais trágico, até então, parecia ter-se consumado. Mas não!

O cavalo se lançou cidade afora, pelas ruas pedregosas de Carrancas, e, aos sobressaltos, conduziu o corpo vivo do cidadão do mundo, aquele que veio de tão longe para uma dança na cidade de Carrancas.

Contou-nos nossa avó e contou-nos nossa mãe que não podemos nem pensar no que se viu: o corpo rodopiava pelas pedras, batia aqui e acolá, até o último suspiro daquele que viera de terras tão distantes para reinar na cidade de Carrancas.

Contou-nos nossa avó e repetiu-nos nossa mãe que, no dia seguinte, a cidade viu chegarem ao cemitério dois caixões, com dois corpos de dois jovens que não se conheceram mais que por olhares desencontrados: coisas do destino!

Contou-nos nossa avó e contou-nos nossa mãe que em Car-rancas está enterrada a filha dos Garcia que se recusou a dançar com um estrangeiro desconhecido, e o jovem espanhol, homem valente, que não conseguiu conviver com a rejeição.

Verdade ou não, era uma vez um estrangeiro que, em Car-rancas, matou uma jovem dama que se recusou a dançar com ele.

III

*Ensaio e Artigos Históricos,
Literários e Monólogos*

DUARTE BERNARDO GOMES

“A historicidade do homem é essencial para o estudo do que é o homem, posto que, em cada momento histórico, o homem se compreende de forma completamente diferente. A história é fundamental ao homem. Não se rejeita condutas simplesmente por se mostrarem antigas ou modernas. A historicidade é passada, presente e futura.”

Essa citação é de nossa própria autoria num artigo que escrevemos e que foi publicado no “AMMP Notícias” no ano de 2016. Estamos muito à vontade em registrar o que pensamos sobre um contingente humano que guarda a memória viva do Ministério Público de Minas Gerais e que empreendeu, por força de muitas lutas e de extremas dificuldades, um real valor e uma denodada importância na atuação ministerial em todo o Estado de Minas Gerais, não medindo esforços para sempre (e dizemos sempre sem nenhum receio) elevar a ilibada qualidade de ser o Ministério Público o legítimo representante de uma sociedade que o acolhe em seu seio, cravejada de esperança em ter um mundo mais solidário, mais tolerante e distintamente cumpridor de suas mais arraigadas responsabilidades.

Fazemos parte desse contingente humano que nesta vida se dedicou em trabalhar por nossa Instituição em momentos históricos bastante diversos do que temos na atualidade, numa época em que o “balanço político-partidário” estatal tomou rumos

memoráveis em algumas oportunidades, mas seguiu caminhos obscuros e temerários em outras ocasiões.

Não tínhamos as garantias constitucionais que desde 1988 abraçam as de hoje prerrogativas ministeriais. Em Minas não tínhamos sede própria, não tínhamos um quadro funcional auxiliar mínimo, não tínhamos sequer as máquinas de escrever que, na grande maioria das vezes, eram emprestadas pelo Poder Judiciário. Nossas salas de trabalho eram também emprestadas nos fóruns, disputadas igualmente pelos cartórios judiciais, eleitorais e até extrajudiciais, mesas e cadeiras eram de propriedade alheia, geralmente das prefeituras ou das delegacias de polícia.

Esse brioso contingente humano depois de aprovado nos distantes concursos públicos uns dos outros, saía de Belo Horizonte a bordo dos antigos e empoeirados ônibus para o interior do Estado, as comarcas eram muitas e há anos desprovidas do seu Promotor de Justiça, mas os aprovados eram poucos (as verbas eram muito reduzidas) que se tornavam titulares nas entrâncias iniciais e acumulavam substituições em uma, duas ou até três comarcas vizinhas, cerca de mais ou menos duzentos quilômetros umas da outras por estrada de terra, principalmente quem serviu no norte, no nordeste ou no noroeste de Minas Gerais.

Vencimentos? Ah! “chegamos a ganhar menos que um caixa do Banco do Brasil” dito pelos próprios gerentes daquela instituição financeira. Havia também os períodos em que o Estado autorizava a extinta Minas Caixa a emprestar-nos os vencimentos (pagávamos depois como contratos de empréstimos, com juros e correção monetária aplicáveis) porque não tinha ele condições de fazer as quitações, já que o Ministério Público não tinha autonomia financeira até então e dependia de um “caixa geral” do Estado.

Telefones emprestados com ligações controladas pelos proprietários, hotéis de passagem ou pensões eram tidos como moradias, algumas vezes casas cedidas gratuitamente pelas prefeituras em face de leis municipais que dispunham sobre essa matéria, isso em razão da necessidade intransponível da presença do Ministério Público na comarca, mesmo assim, muitas comarcas amargavam anos e anos sem os seus titulares.

Esse contingente humano composto por Promotores de Justiça e por Procuradores de Justiça, hoje aposentados da Instituição, (cada qual com sua carreira que em todos os casos poderia se transformar numa obra literária) biograficamente deu o seu valoroso contributo para o engrandecimento, para o fortalecimento, para o aprimoramento e para a modernização do Ministério Público dos dias atuais.

Soldados desbravadores que na frente de batalha venceram não só os desregramentos sociais cumprindo as suas atribuições, mas impuseram históricas derrotas aos poderosos inimigos estruturais e legais, deixando para os seus diletos sucessores esse “conjunto de edifícios com vidros espelhados e de elevadores sofisticados” símbolo de uma Instituição forte, vigorosa, robusta, valente e tecnologicamente aparelhada.

Esses “operários braçais” construíram, tijolo a tijolo, um Ministério Público reconhecidamente confiável e mundialmente acreditado pela segurança em que se esteiam os seus componentes, ainda mais agora, lastreados por uma legislação compatível com suas absolutamente necessárias funções, mas que custou o suor, a paciência e a incansável e norteadora vontade coletiva dos hoje inativos ministeriais para todas essas conquistas.

Como assim foi dito na citação acima, em cada momento histórico o homem se compreende de forma completamente diferente, ainda bem, pois a história, a sua história lhe é cardeal.

Procuradores-gerais, Corregedores-gerais, membros do Colégio de Procuradores, membros do Conselho Superior, membros da Câmara de Procuradores, Coordenadores regionais, Procuradores e Promotores de Justiça hoje em não exercício, sem descuidarem um segundo da implacável defesa dos direitos indisponíveis em todas as instâncias, agiram com grandioso afeto ao trabalho no *Parquet*, não raro com o seu sacrifício pessoal e muitas vezes com a abnegação de suas próprias famílias, isso na nobre intenção de servir ao Ministério Público e mantê-lo no mais profundo recanto de seus corações, muitos deles já impotentes, por não mais pulsarem para esta vida.

A história é fundamental e nos diz que a mesma terra que hoje dá seu pábulo ao refinado jardim, gramado e florido, ornado e aformoseado em que temos no Ministério Público o símbolo, já foi pedregosa e cascalheira, espinhosa e embarreada por onde pés descalços passaram e deixaram suas marcas ao seu tempo.

Na parte final da citação vestibular dissemos que, não se rejeitam condutas simplesmente por se mostrarem antigas ou modernas, a historicidade é passada, presente e futura.

E por falar em historicidade e suas vias, ninguém melhor que Santo Agostinho, ou Aurélio Agostinho, que viveu no século V da nossa era, que magistralmente expôs sua teoria sobre o tempo da seguinte forma:

Com a licença de uma interpretação livre, anoto que, (como bem leciona Regis de Moraes¹) Agostinho fez a seguinte reflexão: “*Se ninguém me pergunta o que é o tempo, eu sei o que ele é, mas se alguém me pergunta o que é o tempo, eu já não sei mais o que ele é*”.

¹ MORAIS, Regis. Livre docente em Filosofia da Educação da UNICAMP - Campinas - SP.

Parece complicada essa compreensão, todavia não é, segundo o modo de pensar de Agostinho, o tempo Divino não é o mesmo tempo humano, pois o tempo Divino é a duração pura, portanto sem passado, sem presente e sem futuro.

Ao passo que a primeira percepção que o ser humano tem do tempo é a distinção de passado, de presente e de futuro. Mas é estranho nós pensarmos que o passado já passou e não existe e que o futuro ainda não veio e também, não existe e que o presente, ainda que queiramos nos agarrar a ele, é um movimento para o passado, pois daqui a um minuto que tivermos afirmado o que afirmamos agora, já será passado.

Então, no palácio da memória, diz Agostinho, o homem fica maravilhado em saber que o que existe é o *presente das coisas passadas*, o *presente das coisas futuras*, e o *presente das coisas presentes*, isso quatorze séculos antes de Freud, no sentido de que o passado que fica na estrutura psíquica, na estrutura da alma, na estrutura de vida do ser humano é o presente das coisas passadas. O futuro é projeto, é planejamento, é desejo, então o presente das coisas futuras, e o presente das coisas presentes comparece toda vez que estamos respondendo à paixão de viver.

Nós o contingente humano que envergou, no passado, as atribuições ministeriais (os populares e legalmente conhecidos como aposentados), podemos dizer que esse passado está retratado no presente das coisas passadas, na memória pulsante, na lembrança animada, na reminiscência intensa que hoje vivemos e que trazemos da historicidade todos os elementos estruturais por onde hoje se cultivam os jardins ministeriais.

Ainda nós, desse mesmo contingente humano que figura como dono dessas essenciais características, no presente das coisas presentes, sugerimos aconselhar aos membros ativos da nossa Instituição, que a dedicação ao trabalho é a razão da con-

sagração profissional, como a veneração ao social traz o respeito, a consideração e o acatamento ao Ministério Público com incommum reconhecimento popular.

Encerrando as lições de Agostinho, novamente nós, desse construtor contingente humano, no presente das coisas futuras, temos a dizer que, o nosso amor confesso pelo Ministério Público de Minas Gerais está encravado em sua história com todas as suas nuances e matizes, pois tudo o que for planejado à frente, de certa forma, já teve a nossa contribuição e com ela a nossa certeza de que uma Instituição desse porte é justificadamente merecedora de todo o nosso apreço e consideração.

E por fim, cremos na diversidade cultural que muito aprendemos nos quadros ministeriais. Deu-nos, inicialmente, uma consciência jurídica própria, isto é, o pensamento salutar de que as relações pessoas & pessoas, pessoas & coisas e coisas & coisas devem ser tidas sempre em conjunto; apresentou-nos uma fina ciência de nós mesmos como polos de sentimentos e forças, assim como ofereceu-nos um comportamento como parte necessária à marcha do mundo. Proporcionou-nos o conhecimento de valores relativos que são o segredo de uma cultura aberta, não preconceituosa, além disso, instigou-nos ao refúgio íntimo, o lugar onde pudemos nos esconder das más influências, dos falsos encantos e das nódoas da cupidez e da ilegalidade.

Mais ainda, ajudou-nos a entender algo vital, ou seja, o de que as verdades nunca foram as preferências e que o domínio é o da Constituição não o de quem a interpreta, e que, a educação traz os seus pontos de vista como simples moedinhas espalhadas no fundo do bolso e que qualquer pessoa, independentemente de *status* social pode valer-se deles.

Enfim, fica a indagação, como poderemos estar com a Justiça (não fazê-la) na sociedade, nossa legitimadora e guardiã, se não

nos personificarmos numa Instituição suscetível de ser amada? Não ocorrendo, entretanto, essa pessoalização, validamente essa virtude não nos acompanhará.

Palavras de agradecimento não brotam dos lábios se não desejarmos que haja alguém para ouvi-las, e esse alguém que agora queremos que ouça é uma Instituição e essa Instituição é o Ministério Público de Minas Gerais.

Obrigado, MPMG, por fazer parte de nossas vidas!

LUCAS GUIMARAENS²

Senhoras e senhores, boa noite.

Agradeço, neste ato, o convite da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais, na pessoa do presidente desta Egrégia Casa, Doutor Marcos Paulo de Souza Miranda. V. Exa. sempre espelhou o que há de melhor na promotoria: a luta incansável, por vezes frustrante, certamente, pela fiscalização e preservação dos nossos direitos, sempre com uma interlocução fluida e salutar com as instituições e a sociedade civil. Com efeito, nosso primeiro contato remonta há mais de 15 anos, quando o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens estava em ruínas e nenhuma providência era tomada. Com seu inestimável apoio, conseguimos, à época, realização dos projetos estruturais, hidráulicos e hoje, quem visita o Museu Alphonsus de Guimaraens, verá um dos equipamentos culturais mais bem estruturados, com acessibilidade, museologia e museografia integralmente renovadas.

E, em nome do doutor Marcos Paulo, agradeço a presença dos ilustres membros desta Casa e do egrégio Ministério Público de Minas Gerais, além das demais autoridades e convidados presentes.

² Bisneto de Alphonsus de Guimaraens, Lucas Guimaraens é poeta, ensaísta, tradutor e gestor cultural. Bacharel em Direito no Brasil, é mestre e doutor em filosofia política e estética pela Universidade Paris 8, França. Possui 8 livros publicados – entre poemas e ensaios – na França, Turquia, México e Inglaterra. É membro da Academia Marianense de Letras.

Este convite é muito especial: falar de um poeta, de sua poesia e, mais, de sua atividade como promotor de justiça, algo pouco pesquisado e pouquíssimo publicado por nossos pesquisadores. Espero que, neste teatro, surjam algumas fagulhas de pesquisadores para termos, quem sabe, um retrato bem delineado da carreira como promotor de justiça do Poeta do Luar, como o descreveu Carlos Drummond de Andrade.

Para tanto, convido as senhoras e os senhores a mergulharem um pouco mais na trajetória desse homem que, antes de se tornar um dos grandes nomes do Simbolismo brasileiro, viveu os desafios do mundo jurídico em uma época de transição do Brasil monárquico para o republicano.

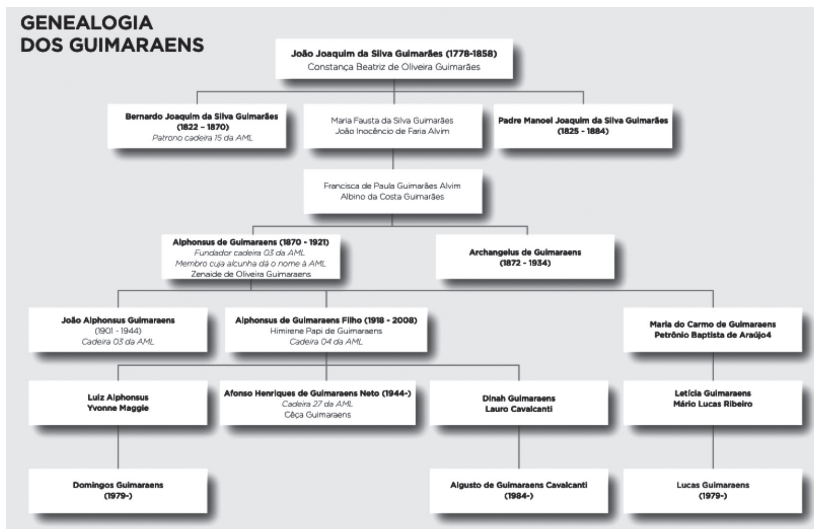
“Poeta, mestre do lirismo místico e autor de obra extensa e substancial, de ritmo elegíaco e solene musicalidade, ligado às abstrações religiosas e ao amor. Poeta do Invisível, que cantou a ausência, a distância e o além. Um dos principais representantes da poesia simbolista brasileira, movimento literário que surgiu na França no final do século XIX, cujos precursores foram Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud e Stéphane Mallarmé.”³

Viveu nas cidades barrocas da região aurífera de Minas Gerais, sofrendo as influências ambientais dessas cidades povoadas *“de sons e de velhas deslizando pelos becos silenciosos, de vultos que se escondem às sombras das muralhas. Cidades de brumas, conhecendo as mesmas existências cinzentas e os mesmos fantasmas noturnos”*⁴.

³ Minas Gerais. Ministério Público. Conselho Curador do Memorial do Ministério Público. **Membros Ilustres do Ministério Público – Homenagem do Ministério Público de Minas Gerais**, 2013.

⁴ BELÉM, André. **Simbolismo**: Brasil: Alphonsus de Guimaraens, Disponível em: www.portalimpacto.com.br. Acesso em 1 dez. 2010.

Poeta, cronista, jornalista, Promotor de Justiça, Juiz Municipal, Affonso Henriques da Costa Guimarães nasceu no dia 24 de julho de 1870, em Ouro Preto, Minas Gerais. Em 10 de junho de 1871, foi batizado na matriz da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Fundo de Ouro Preto.



5

Filho do comerciante português Albino da Costa Guimarães e de Francisca de Paula Guimarães Alvim, sobrinha do romanista e poeta Bernardo Guimarães. Seu nome foi uma homenagem ao fundador do Reino de Portugal. Cursou o Liceu Mineiro

⁵ Realizamos um recorte genealógico com o objetivo de centralizar a linhagem de Alphonsus de Guimaraens. É importante, no entanto, ressaltar que esta é a mesma linhagem de João Guimarães Rosa. De mesmo modo, há uma outra linhagem dos Guimarães: a família Faria Alvim (mãe de Alphonsus de Guimaraens) é tronco da mesma família dos Melo Franco, Cesário Alvim - e que dará no escritor, compositor e letrista Chico Buarque (mãe: Maria Amélia de Carvalho Cesário Alvim) e resvala em Sueli Carneiro (cf. “Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro”, Bianca Santana, Companhia das Letras, 2021, p.22).

e, aos dezessete anos, iniciou suas atividades literárias com o poema Madrigal. Ingressou na Escola de Minas de Ouro Preto, onde permaneceu poucos meses. Apaixonou-se pela prima Constança, filha de Bernardo Guimarães, da qual chegou a ficar noivo. A morte precoce da amada, vitimada por tuberculose aos dezessete anos, marcou profundamente sua obra e o fez dedicar-lhe muitos de seus versos melancólicos e musicais. Recusou-se a estudar em Coimbra, conforme a vontade do pai, mudando-se para São Paulo em 1890, quando ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Colaborou com artigos literários nos jornais “Diário Mercantil”, “Comércio de São Paulo”, “Correio Paulistano”, “O Estado de São Paulo” e “A Gazeta”. Em São Paulo, frequentou a Vila Kirial, onde se reuniam intelectuais e escritores, tornando-se amigo de José Severiano Rezende, Alberto Ramos e Jacques d’Avray (José de Freitas Vale), com o qual manteve extensa correspondência.

Transferiu-se, em 1893, para a Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, bacharelando-se em Ciências Jurídicas, e, posteriormente, em Ciências Sociais em São Paulo, no ano de 1895. Após a conclusão dos cursos, foi para o Rio de Janeiro, onde se encontrou com o poeta simbolista catarinense Cruz e Souza. Conheceu os grupos literários da época e tornou-se amigo do poeta parnasiano Emílio de Meneses e de Mário de Alencar, filho do escritor José de Alencar.

Em março 1895, foi nomeado para o cargo de Promotor de Justiça na Comarca de Conceição do Serro, hoje Conceição do Mato Dentro. Conheceu a bela filha do escravidão João Alves de Oliveira, Zenaide⁶, sua futura esposa, mãe de seus quatorze filhos.

⁶ Zenaide de Oliveira é neta de Anira Krenak, índia laçada na região do Rio Doce. É também tia do político e embaixador José Aparecido de Oliveira.

Em julho do mesmo ano, foi designado para o cargo de Juiz Substituto na mesma comarca. Em 1899, publicou os livros *O Setenário das Dores de Nossa Senhora*, *Câmara Ardente* e *Dona Mística*. Tornou-se redator e depois diretor do recém fundado semanário “Conceição do Serro”, órgão oficial do município, jornal político onde escreveu sátiras versificadas, muitas vezes sobre os políticos da região.

A Chegada ao Ministério Público

Quando Alphonsus assumiu o cargo de promotor público em Conceição do Serro, em 1895, o país ainda sentia os efeitos da recente Proclamação da República em 1889 e da Constituição de 1891, que redefiniram o papel da Justiça. Em Minas Gerais, um estado marcado pelo peso das oligarquias rurais e da influência política local, ser promotor não era uma função meramente técnica: envolvia uma intensa interação com os interesses regionais, que muitas vezes tentavam interferir nas decisões judiciais.



Cadeia Velha e escritório de Alphonsus de Guimaraens

No contexto da época, o Ministério Público ainda estava em processo de estruturação. A figura do promotor era crucial para garantir a ordem jurídica e a fiscalização da aplicação das leis, sobretudo em cidades menores, como Conceição do Serro, onde muitas disputas ainda eram resolvidas por meio de arbitragens informais ou pela força da influência política e econômica.

Alphonsus, um homem culto, introspectivo e profundamente religioso, entrou nesse cenário com uma postura séria e respeitosa da legalidade. Ele assumiu o cargo aos 23 anos de idade, um jovem jurista com uma forte formação acadêmica, mas que carregava consigo uma sensibilidade que contrastava com a dureza do meio jurídico.

Casos da Época

A cidade de Conceição do Serro, como era chamada até 1943, possuía um passado colonial ligado à mineração e a economia local ainda girava em torno da pecuária, do comércio e da agricultura. A administração da justiça enfrentava desafios comuns à época, como a demora nos processos, a influência de elites locais e a precariedade dos meios de investigação.

Os crimes mais recorrentes eram:

- Disputas de terras e heranças, muitas vezes envolvendo famílias tradicionais.
- Homicídios e violências, muitas vezes resultantes de desentendimentos pessoais ou disputas políticas.
- Casos de furto e roubo, que se tornavam frequentes nas zonas rurais menos vigiadas.
- Crimes de honra, bastante comuns em uma sociedade ainda pautada por rígidos códigos morais.

Alphonsus, como promotor, representava o Estado nesses casos, sendo responsável por acusar os réus e garantir que os processos seguissem o devido rito legal. Sua atuação era, portanto, essencial para a construção da credibilidade do Judiciário, especialmente em uma cidade onde as decisões muitas vezes dependiam de negociações extrajudiciais.

O Perfil

Diferente da imagem de um promotor combativo, Alphonsus de Guimaraens era conhecido por seu temperamento reservado, introspectivo e discreto. Seu papel na promotoria não era marcado pela imposição de valores, mas por uma rigorosa observância da lei e por um espírito de justiça equilibrada.

Em um ambiente onde a influência política frequentemente pesava sobre as decisões judiciais, Alphonsus manteve uma postura digna e independente, sem ceder a pressões externas. Essa conduta lhe garantiu respeito, mas também o colocou diante de desafios, pois nem sempre sua atuação agradava aos mais poderosos da região.

Outro ponto importante era sua relação com a escrita. Ainda que o Direito exigisse objetividade e precisão, Alphonsus sempre manteve um olhar humanista sobre os processos, buscando compreender os dramas humanos por trás de cada caso. Isso talvez tenha sido um fator que o distanciou, aos poucos, da carreira jurídica: sua vocação não estava unicamente nas leis, frias, em um primeiro momento, mas na expressão poética da vida.

No entanto, sua experiência na promotoria certamente contribuiu para sua visão de mundo e, indiretamente, para sua obra literária. O contato com a realidade jurídica, os dramas humanos

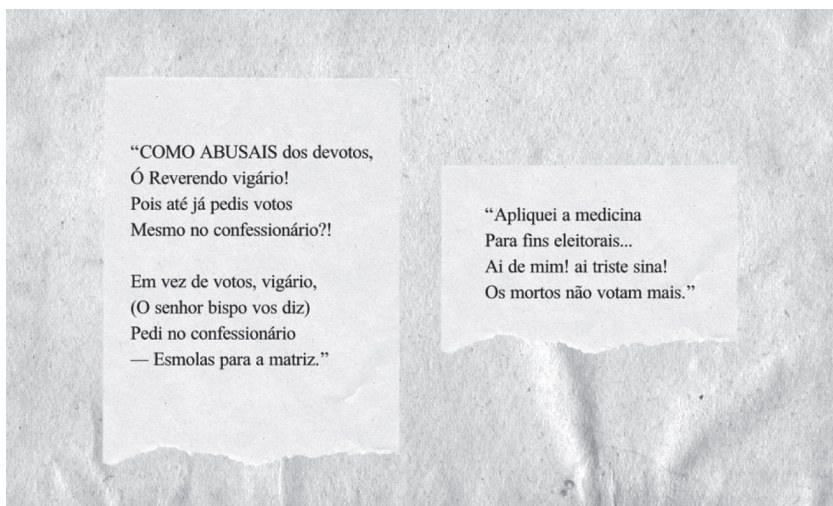
e as complexidades da justiça serviram de pano de fundo para a melancolia e a introspecção que marcam seus versos. Ao mesmo tempo, Alphonsus de Guimaraens, apesar do hermetismo comum aos simbolistas, teve, em toda sua vida, uma preocupação em “desfossilizar” a linguagem. Não somente na poesia, que é terreno fértil e próprio para a experimentação. Mas também em suas próprias peças processuais. Este tema, aliás, segue com vigor atualmente nas pesquisas que inúmeros atores do Ministério Público e do Judiciário desenvolvem a partir da interação entre Direito e Literatura.

Saída da Promotoria

A carreira jurídica de Alphonsus de Guimaraens não foi longa. Em 1897, apenas dois anos após sua nomeação, ele deixou a promotoria. Esse abandono da carreira pode ter ocorrido por vários motivos:

1. Desgaste emocional – A promotoria exigia uma postura muitas vezes mais pragmática e dura do que seu espírito permitia.
2. Dificuldade em conciliar sua vocação artística com a vida no Ministério Público – Seus escritos já começavam a ganhar notoriedade, e o Direito parecia limitar sua expressão pessoal.
3. Mudanças familiares e de saúde – Sua saúde sempre foi frágil, e o trabalho jurídico, aliado ao ambiente conservador da cidade, pode ter contribuído para sua decisão de buscar uma vida mais tranquila em Mariana, onde passou a trabalhar como juiz municipal.

-
4. A política local, que acabara de ser trocada após as eleições municipais, não o queria por perto. A introspecção de Alphonsus e seu rito absolutamente legalista não o satisfaziam plenamente. Desta forma, no jornal da cidade, Alphonsus de Guimaraens, sob a cobertura de diversos pseudônimos (Long John, Old Whiskey etc), rumava pelos versos que eram verdadeiras crônicas e sátiras críticas da elite local:

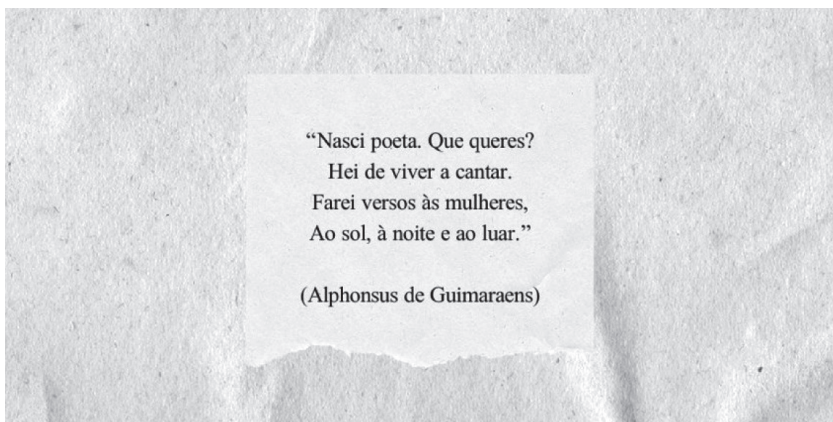


Assim, saído da promotoria e designado como juiz municipal, não tardou para que as elites o fizessem estar desempregado. Desta maneira, rumou para a cidade de Mariana, onde exerceu o ofício de Juiz Municipal até sua morte, em 1921.

O que sabemos é que Alphonsus chegou a demonstrar arrependimento por se ver fora da promotoria. Foi naquela cidade de Conceição do Serro, na condição de promotor de justiça, que sua poesia floresceu. E, curiosamente, sua obra literária permaneceu

repleta de temas ligados à justiça divina e ao julgamento da alma, como se o poeta continuasse, de alguma forma, exercendo sua função de promotor — mas agora no plano metafísico e espiritual.

A breve passagem de Alphonsus de Guimaraens pela promotoria de Conceição do Serro é um testemunho da complexidade humana. Ele foi um jurista ético e responsável, mas seu coração pertencia à poesia. Seu nome poderia ter ficado restrito aos registros do Ministério Público mineiro, mas, ao mergulhar na literatura, ele se tornou imortal na história da cultura brasileira.



A poesia e as artes em geral são mais do que uma mera abstração ornamental do pensamento humano. A escrita poética é, a meu ver, um patrimônio imaterial da humanidade⁷. Porque não há nenhum poema escrito em uma só mão. É um trabalho de

⁷ GUIMARAENS, Lucas. **L'écriture poétique comme Patrimoine immatériel de l'humanité**: França: Éditions l'Harmattan. 2022.

diversas mãos e o que escrevemos hoje carrega em si as camadas das visões de mundo e dos poetas do passado. Em específico, poderíamos citar os Poetas Inconfidentes, como Bárbara Heliodora, Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga. Este é um tema caro a mim e, penso, à sociedade.

A escrita poética parece ser a arte que reuniu em si as marcas mais fortes da relação com o sagrado, isto é, com o sublime. Parece ser, também, entre todas as artes, a que melhor encarna a ideia de patrimônio imaterial e que, por isso, testemunha a qualidade da durabilidade deste patrimônio. No entanto, passamos essa ideia pelo filtro da descontinuidade foucaultiana para fazer justiça aos diferentes tempos em que essa escrita se afirmou, para continuar a carregar em si a memória viva dos poemas, abrindo-a à heterogeneidade das formas que essa herança assumiu ao longo do tempo.

Chamar a atenção para a escrita poética e seus desdobramentos em Minas Gerais é uma forma de reinterpretar a noção de patrimônio imaterial e o próprio significado de tê-lo como tal na política mundial. É óbvio que a partilha de tipologias torna única cada existência cultural. Mas as consequências também são óbvias: as do desaparecimento daquilo que não pode ser inserido num determinado procedimento de critérios e pré-requisitos que podem cumprir um papel contrário ao que se espera, ou seja, fazer desaparecer os vestígios do passado e do presente que podem tornar as vidas insubstituíveis, únicas. É por isso que defendo a ideia de que a própria escrita poética já é um patrimônio e que deve ser incluída no rol dos patrimônios não como uma espécie de magia branca, mas como forma de fazer o mundo falar no plural, devolvendo a sua identidade aos mais invisíveis.

Porque a “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Popular Tradicional” da UNESCO, de 15 de novembro de 1989, destacou os perigos que existem diante da possibilidade de desaparecimento de culturas e costumes sociais que representam a riqueza de uma comunidade. Atualmente, diversos textos internacionais foram assinados com o objetivo de ampliar o escopo de proteção das expressões culturais e novos conceitos foram criados para forjar instrumentos jurídicos de proteção do que se denomina “patrimônio imaterial”. É o caso da “Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade” da UNESCO, que reconhece a importância identitária cultural das línguas, da música, das danças, dos jogos, das mitologias, dos rituais, dos costumes, do artesanato, da literatura e, portanto, também da escrita poética.

O apelo desta última ainda parece relevante, apesar da submissão de muitas obras de arte pertencentes a diferentes expressões artísticas às exigências de sua mercantilização, porque a própria escrita poética parece estar além do alcance das múltiplas tentativas de apropriação dela nas mais diversas formas. Embora seu poder de animação cultural continue a se afirmar, suas condições de produção ainda parecem tão enigmáticas quanto eram para um de seus mais fervorosos admiradores, Emmanuel Kant. Ele a via como a arte mais imaterial e autêntica que existe, pois se baseava precisamente apenas no material construído pela mente, ou seja, a escrita. Este material não existe nos cinco sentidos independentemente de sua relação com a mente e, portanto, depende, para o reconhecimento de sua existência, da relação de veracidade que o escritor mantém com esta expressão que é sempre tão nova e excepcional tanto para ele quanto para seus leitores. Essa escrita pressupunha, aos olhos de Kant, mobilizar “todas as potências” da alma de tal modo que

esta existisse como uma entidade que não tem vida fora das projeções de pensamento que ela suscita em seus leitores e que, portanto, o faz como seu primeiro intérprete que é o poeta.

A referida Recomendação da UNESCO foi recebida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) por meio do Decreto nº 3.551/2000 e estabelece o que são bens culturais intangíveis:

- a) conhecimento: conhecimentos e saberes ancorados no cotidiano das comunidades;
- b) formas de expressão: manifestações literárias, musicais, visuais, teatrais e lúdicas;
- c) celebrações: rituais e festas que destacam a vida coletiva de trabalho, a religiosidade e outras práticas da vida social.

Se aceitamos essas diretrizes, a literatura (em particular a poesia de Alphonsus de Guimaraens) faria parte de um conhecimento, ligado a um conhecimento enraizado na tradição literária brasileira e também no cotidiano de uma comunidade específica, sobretudo as cidades barrocas de Minas Gerais. No Brasil, a literatura de cordel é a marca da sensibilidade artística de um povo. Fugindo completamente dos mistérios acadêmicos, a história se transmite por meio de rimas e ritmos que nada mais são do que a memória sonora de um povo.

No mesmo sentido, a Recomendação da UNESCO afirma que existe sempre uma profunda interdependência entre o patrimônio cultural imaterial e o patrimônio cultural material, sendo este último apenas o invólucro protetor e a ferramenta de memorização das chamadas imaterialidades culturais.

Sendo a escrita poética o alicerce em torno do qual se criam materialidades, como o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, na cidade de Mariana, os encontros, os festivais, as obras de arte, etc., há motivos para questionar se esta escrita também poderia ser considerada patrimônio imaterial da humanidade.

A escrita poética seria uma criação coletiva e interdisciplinar, dado os inúmeros sedimentos e as inúmeras mãos que aparecem nos vestígios de cada poema. Se isto se confirmar, poderíamos dizer que a escrita poética seria a expressão contemporânea da identidade nacional e regional e ao mesmo tempo um lugar de salvaguarda dos vestígios de intercâmbios culturais que sobreviveram ao longo do tempo e se adaptam às realidades locais de cada país ou comunidade.

Apesar de Alphonsus de Guimaraens ser reconhecido como poeta por proeminentes intelectuais brasileiros e internacionais (exemplo: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Juscelino Kubitschek, Jacques Poulain, Harold Bloom e, na contemporaneidade, por Jacyntho Lins Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras, Fernanda Montenegro e Emicida, que fizeram uma releitura do poema *Ismália* em uma canção de mesmo nome e Milton Nascimento, que também elaborou, juntamente com Gastão Villeroy, uma belíssima canção *Ismália*), é importante dizer que são as mãos e as vozes dos cidadãos que revivem constantemente o legado do poeta.

Assim, o surgimento do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens passou a ser justificado. Ele foi inaugurado em 1986, em Mariana, na casa onde Alphonsus de Guimaraens viveu entre 1913 e 1921 é considerada uma instituição cultural voltada ao estudo, exposição e divulgação da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens, consolidando-se como um centro de pesquisa em literatura mineira.

O acervo do Museu é resultado de doações feitas principalmente pela família de Alphonsus Guimaraens, durante a criação da instituição, até os dias de hoje. O Museu é constituído pela sua biblioteca privada na qual estão inseridas obras raras como fotografias, objetos relacionados com a vida privada, a sua carreira como juiz e sobretudo a sua atividade literária, bem como um acervo de documentos textuais, entre os quais se destacam artigos publicados e manuscritos originais de textos, poemas e correspondências. Além disso, há uma sala dedicada ao seu poema mais conhecido: *Ismália*. Ao adentrarmos este cômodo, escutamos a voz celestial de Milton Nascimento a cantar os versos imortais do poeta-promotor-juiz.

Contudo, se é verdade que este Museu foi criado por iniciativa das autoridades políticas da época, não é errado dizer que esta instituição foi e é alimentada pela vontade das comunidades locais. De fato, o museu e a obra do poeta são tão importantes que, em 2024, o projeto “*Cantando Alphonsus*” completou 40 anos, comprovando seu vigor: um público crescente de estudantes de escolas públicas e privadas, moradores de Mariana e cidades vizinhas, além de turistas do “Circuito da Inconfidência Mineira”, que se deleitam com a poesia de Alphonsus de Guimaraens durante noites e outros eventos poéticos nas ruas da cidade colonial. Isto não é apenas uma celebração. Isto inclui a possibilidade de alfabetização das pessoas mais vulneráveis e a capacidade de as sensibilizar para a sua identidade local.

O Projeto “*Cantando Alphonsus*” pretende incentivar os estudos sobre a obra de Alphonsus de Guimaraens e, ao mesmo tempo, aproximar o público da sua poesia simbolista e da própria leitura.



O Projeto Cantando Alphonsus mostra o caminho desejado por qualquer museu que pretenda construir uma ponte entre a obra e o seu público. É um exemplo de escrita poética tal como a entendemos: aquela que transfere as palavras para a vida concreta e real numa dinâmica de transdisciplinaridade. Todos os anos, durante um evento coletivo, ultrapassando os limites do sobrado que serviu de residência ao poeta e sua família, o Museu se lança em múltiplas direções, chegando às ruas de Mariana e a poesia de Alphonsus de Guimaraens é imortalizada no movimento animado de uma comunidade que a canta. Percebemos, portanto, que o processo de desenvolvimento do aparato museológico tende a se transformar em ações dinâmicas e não apenas na estagnação de imagens na parede. Isso é possível graças à poesia. Voltando ao Decreto nº 3.551/2000, esse evento não seria também a transmutação do conhecimento original, ou seja, a poesia em música e outras artes?

Por fim, não seria isso exatamente o que podemos determinar de uma festa que marca a experiência coletiva da cultura, da literatura e de outras práticas da vida social? Se isso for verdade, estamos diante de um exemplo pleno de patrimônio imaterial, se pensarmos de acordo com as instruções da UNESCO e do IPHAN.

Para finalizar, os tempos de Alphonsus de Guimaraens como promotor talvez tenham sido marcados por dilemas e desafios, mas, acima de tudo, foram fundamentais para a formação de sua sensibilidade, ajudando a moldar a profundidade existencial de seus versos. Ele pode ter deixado a toga e o fórum, mas sua alma permaneceu eternamente julgando as dores, os amores e os mistérios da condição humana. Não em tribunais terrenos, mas nos versos sublimes da poesia. Na leitura aprofundada de seus versos, podemos observar os ecos não somente de sua época vanguardista, mas daqueles que o precederam também: um patrimônio imaterial dos sedimentos históricos da sociedade mineira.

O HOMEM TIRADENTES: HERÓI OU ESPÍRITO EM PROVA?

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA

*“Não há força
Não há esquitejamento
Não há morte
Que destrua a ideia do homem.
Tiradentes, vivo em cada um de nós, permanece.
Seus quartos espalhados
Já não são braços, pernas e tronco:
São sonhos
Que nos alimentam de vida e esperança.”*

Fernando Brant. Tiradentes vivo.

1. INTRODUÇÃO

Joaquim José da Silva Xavier, o afamado Tiradentes, principal ator e mártir do movimento separatista e libertário idealizado em Minas Gerais no final do século XVIII – a Inconfidência Mineira – é considerado, pela opinião pública brasileira, um dos grandes, senão o maior, herói da nossa pátria.

Tamanho o fascínio introjetado no sentimento e no imaginário popular pelo Alferes Tiradentes – enforcado e esquitejado pelas autoridades portuguesas em razão de ter tramado contra o domínio lusitano – que já em 1821, quando o Brasil ainda era

governado por Pedro I, neto da Rainha responsável pela execução de Xavier, o povo de Ouro Preto se insurgiu contra o padrão de infâmia fincado no local em que havia residido o mártir e o destruiu.

Durante o Império, o movimento republicano que começou a se fortalecer no país e que viria a depor Pedro II em 1889, adotou Tiradentes como símbolo da mudança que pretendia concretizar em nosso país – até então governado pela monarquia de origem lusitana - e a efígie do animoso alferes foi criada por artistas da época à semelhança do próprio Cristo e difundida pelo Brasil como símbolo dos novos tempos.

A partir de então, o pincel dos mais afamados pintores, o cinzel e o buril de renomados escultores, a capacidade criativa de eruditos poetas e literatos e a caneta de autoridades de variados matizes passaram a produzir, em enorme proporção, quadros, estátuas, poemas e a atribuir nomes a localidades, prédios e logradouros públicos em homenagem ao Alferes da Liberdade, de forma que o nome Tiradentes (epíteto que lhe foi atribuído em razão de suas habilidades de pôr e retirar dentes) está presente, sem exageros, do Oiapoque ao Chuí, da Costa Atlântica até os confins do Brasil com nossos vizinhos hispano-americanos.

Em 1965, em razão de articulações, sobretudo, de integrantes das forças militares, por meio da Lei 4.897/65 o governo brasileiro outorgou a Tiradentes a mais alta distinção já conferida a um personagem histórico em nosso país: o de Patrono da Nação Brasileira.

Eis o interessante texto da Lei:

LEI Nº 4.897, DE 9 DE DEZEMBRO DE 1965.

Declara Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono da Nação Brasileira.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é declarado patrono cívico da Nação Brasileira.

Art. 2º As Fôrças Armadas, os estabelecimentos de ensino, as repartições públicas e de economia mista, as sociedades anônimas em que o Poder Público fôr acionista e as empresas concessionárias de serviços públicos homenagearão, presentes os seus servidores na sede de seus serviços a excelsa memória dêsse patrono, nela inaugurando, com festividades, no próximo dia 21 de abril, efeméride comemorativa de seu holocausto, a efígie do glorioso republicano.

Parágrafo único. As festividades de que trata êste artigo serão programadas anualmente.

Art. 3º Esta manifestação do povo e do Govêrno da República em homenagem ao Patrono da Nação Brasileira visa evidenciar que a sentença condenatória de Joaquim José da Silva Xavier não é labéu que lhe infame a memória, pois é reconhecida e proclamada oficialmente pelos seus concidadãos, como o mais alto título de glorificação do nosso maior compatriota de todos os tempos.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 9 de dezembro de 1965; 144º da Independência e 77º da República.

Humberto de Alencar CASTELLO BRANCO

No ano de 1989, em período democrático, em razão da Lei nº 7.919, o nome de Tiradentes foi registrado no Livro de Aço dos Heróis e Heroínas da Pátria, exposto no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Assim, para o senso comum, em razão dos movimentos e articulações que se formaram ao redor de seu nome e do próprio reconhecimento oficial, Tiradentes é considerado um legítimo herói nacional, um mito digno de veneração, à semelhança de verdadeira deidade.

Mas, no mundo das coisas e na busca incessante pela verdade, antes de tudo isso é preciso ponderar que Tiradentes, longe de ser um deus, foi um homem de carne e osso, que certamente experimentou as agruras como todo ser vivente em nosso planeta.

Mas quem e como terá sido o homem Tiradentes?

2. O HOMEM TIRADENTES

Joaquim José da Silva Xavier foi o quarto filho do casal Domingos da Silva Santos (português da região de Braga) e da mineira, descendente de paulistas, Antônia da Encarnação Xavier, tendo nascido na Fazenda do Pombal (atual Município de Ritópolis), nas proximidades de São João del-Rei, então sede da Comarca do Rio das Mortes, em 1746.

O menino, que carregava o sangue de bravos bandeirantes paulistas e de respeitadas emboabas, foi batizado pelo Padre João Gonçalves Chaves em 12 de novembro daquele ano na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo (atual cidade de Ritópolis), sendo seu padrinho o cirurgião licenciado Sebastião Ferreira Leitão e, curiosamente, o rebento não teve madrinha. Pôde gozar da assistência familiar dos pais por pouco tempo, perdendo a mãe em

1755 e o pai em 1757, passando a residir em São José del-Rei (cidade que mais tarde seria batizada com o seu próprio nome), na companhia de uma tia materna.

Ao que consta, nos primeiros anos da adolescência começou a aprender com o cirurgião e padrinho Sebastião Ferreira Leitão a arte de extrair dentes, bem como passou a dominar o uso de plantas medicinais tradicionais para curar enfermos. Até os dez anos de idade também pôde conviver com seu primo mais velho, José Veloso Xavier, que mais tarde se tornaria o frei franciscano José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), um dos maiores botânicos do Brasil, tendo possível influência na formação de Tiradentes quanto aos conhecimentos envolvendo o uso de plantas medicinais.

Vale destacar que o padrinho de Joaquim José também ocupava, na Vila de São João del-Rei, a função de Comissário da Irmandade da Terra Santa de Jerusalém (instituição criada por iniciativa dos Franciscanos em 1217) e é possível que Tiradentes o tenha acompanhado nas frequentes viagens que fazia até o Hospício da Terra Santa de Ouro Preto, onde a Irmandade, que congregava irmãos peregrinos, esmoleres leigos, tinha sua administração central nas Minas Gerais.

Vale lembrar, por importante, que as antigas irmandades religiosas existentes naqueles tempos serviam, não raras vezes, para viabilizar vínculos de sociabilidade e o intercâmbio de ideias e pensamentos nem sempre convencionais, algumas delas abraçando e dando vida a princípios então proibidos, como aqueles condensados na tríade: liberdade, igualdade e fraternidade.

Premido pelas dificuldades financeiras, na pós-adolescência Joaquim José tornou-se tropeiro e percorreu boa parte das Capitâneas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia na condição de mascate, raizeiro, curandeiro e dentista prático, sendo esta última

especialidade tão bem exercida que, pelo fato de retirar dentes enfermos, substituindo-os por próteses confeccionadas com ossos de animais, passou a ser conhecido pela antonomásia de “Tiradentes”.

Por volta de 1769, em uma de suas viagens pelo Vale do Rio Jequitinhonha, em Minas Novas, importante rota comercial de ligação com a Bahia, Tiradentes teria se deparado com um português açoitando covardemente um negro escravizado. Joaquim José não se conteve e teria entrado em luta corporal com o agressor. Salvou o negro da morte, mas por se intrometer com a propriedade alheia, perdeu sua própria liberdade por vários dias e todas as mercadorias que eram conduzidas por sua tropa. Foi preso e processado por sedição e porte de armas, sendo condenado, inclusive, ao pagamento das custas do processo.

Retomando sua liberdade, decidiu ingressar na carreira militar e assentou praça na Companhia de Dragões de Vila Rica em 1º de dezembro 1775, passando a ocupar o posto de Alferes na 6ª Companhia do Regimento de Dragões, então comandada pelo Capitão Balthazar João Mayrink, pai de Maria Dorotea Joaquina de Seixas, a famosa Marília de Dirceu.

Logo no mês seguinte, Tiradentes atuava na função de Quartel-Mestre em Vila Rica (militar responsável pela logística das tropas).

Entre 1776 e 1777 foi deslocado, com boa parte da tropa mineira, para guarnecer a cidade do Rio de Janeiro, que então sofria ameaça de ser atacada pelos espanhóis, em conflito conhecido, na historiografia brasileira, como Guerra Hispano-Portuguesa ou Guerra da Restauração do Rio Grande, que tinha por mote a disputa de territórios do sul do nosso atual país. Na mesma ocasião, além dos militares de carreira, o Governo Português recrutou, coercitivamente, milhares de civis residentes nas

mais diversas partes da Capitania de Minas Gerais, que foram deslocados ao litoral para defender os interesses lusitanos.

É possível que aquele movimento tenha despertado em Tiradentes, seus colegas de farda e demais compatriotas das montanhas que ali se encontravam arregimentados, o sentimento da força e da importância das Minas Gerais...

Ainda na condição de miliciano, Tiradentes presenciou e combateu a ação de bandidos e espoliadores das riquezas do erário, principalmente no Sertão de Sete Lagoas, na Serra da Mantiqueira e ao longo do Caminho Novo, onde exerceu funções de patrulha. Também trabalhou na busca de novas jazidas auríferas, por ter “inteligência mineralógica”. Apesar de todo o seu empenho e dedicação, não logrou ser promovido de posto militar, o que, aparentemente, lhe feriu a vaidade humana, causando-lhe profundo ressentimento.

Talvez em razão de não ter seu valor reconhecido, em paralelo às funções militares de Alferes, a partir da década de 1780 Tiradentes também passou a exercer atividades de agricultura e de extração de ouro em sua fazenda denominada Vargem, às margens do Rio Paraibuna, nas proximidades da localidade chamada Rocinha da Negra, no atual município de Simão Pereira, onde recebeu datas minerais e mantinha uma bem estruturada propriedade rural que, inclusive, contava com senzala e muitos escravos.

Chegou a alcançar situação financeira confortável, a ponto de conseguir se filiar à Irmandade de Nossa Senhora do Carmo de Vila Rica (uma das mais seletas e exigentes da capital mineira) e fazer doações para a construção de um dos altares colaterais, juntamente com Joaquim Silvério dos Reis, Francisco de Paula Freire de Andrade e José Álvares Maciel, seus irmãos de confraria e, talvez não por acaso, todos ligados em maior ou menor grau com o movimento inconfiante.

Da mesma forma, foi membro da importante Irmandade da Misericórdia de Vila Rica, da qual também foram irmãos Cláudio Manoel da Costa, Domingos de Abreu Vieira, Francisco de Paula Freire de Andrade, o Sargento-Mor José Joaquim da Rocha, João Rodrigues de Macedo e Vicente Vieira da Mota, todos envolvidos com os planos rebeldes.

Neste ponto, abrimos parêntese, por relevante, para registrar que a Irmandade da Misericórdia, de velha tradição lusitana, gozava de especial reconhecimento e desfrutava de privilégios concedidos pelo governo português para que pudesse bem desempenhar as suas funções caritativas. Uma das principais seções da Irmandade era a chamada “Mordomia dos Presos”, constituída por irmãos (denominados mordomos) encarregados de visitar os presos e encarcerados para prover às suas necessidades correntes, incluindo comida, vestimenta, saúde, amparo jurídico e até mesmo limpeza das celas, razão pela qual os membros da Mordomia podiam entrar e sair livremente dos estabelecimentos carcerários. Além disso, a irmandade tinha a obrigação de acompanhar os condenados à morte durante as solenidades da execução e estava autorizada a enterrar, com exclusividade, no dia de Todos-os-Santos (1º de novembro), os despojos dos justicados pela forca.

Voltemos à narrativa biográfica.

No campo dos prazeres mundanos, há informações no sentido de que Tiradentes era “um homem alto, simpático, bonito e de gênio alegre”, visto com constância em uma casa nas proximidades da Igreja do Rosário de Ouro Preto tocando violão e cantando modinhas. Os registros históricos também indicam que Tiradentes era um bom apreciador de bebidas alcoólicas e visitava, com frequência, lugares em que mulheres tidas como de “vida fácil” vendiam os prazeres da carne.

Nessas circunstâncias, em 31 de agosto de 1786, foi batizada na Matriz de nossa Senhor do Pilar de Ouro Preto a menina Joaquina, fruto das relações de Tiradentes com Antônia Maria do Espírito Santo, que contava cerca de dezessete anos de idade e disse ter sido seduzida e ludibriada pelo Alferes com promessas de casamento. O padrinho da menina foi o português Domingos de Abreu Vieira, velho amigo do alferes e futuro companheiro de infortúnios quando do início da repressão ao movimento inconfidente.

Àquela época, em razão de suas muitas andanças pela Capitania de Minas Gerais, Tiradentes conhecia de perto o sofrimento da população mineira, espoliada pela alta e violenta arrecadação de tributos e privada de condições mínimas de dignidade, sendo vedadas nesta Capitania, por exemplo, a instalação de cursos superiores e de fábricas que qualquer tipo de manufatura.

Então, motivado por suas próprias conclusões e influenciado pelo pensamento de estudantes mineiros que retornavam da Europa, o alferes pregava a rebelião e aliciava – quase ostensivamente – companheiros para luta em prol da independência da Capitania de Minas Gerais e terras adjacentes, chegando a congregar um número expressivo de adeptos e simpatizantes.

Descoberta a conjura da qual era um dos principais mentores – verdadeiro “motor” do movimento, segundo o depoimento do inconfidente, Padre Manoel Rodrigues da Costa – Tiradentes foi preso no Rio de Janeiro em 10 de maio de 1789 e encarcerado em infectas masmorras, inicialmente da Fortaleza da Ilha das Cobras, posteriormente da Cadeia da Relação, onde, submetido a torturas e insultos, foi interrogado duramente por onze vezes, durante os mais de dois anos de cárcere a que respondeu a processo com feições que lembravam os tempos inquisitoriais,

quando o cerceio abusivo da liberdade, as sevícias aos acusados e a morte de forma cruel eram, lamentavelmente, fatos comuns.

Em 23 de outubro de 1791, quando já se renunciava a condenação à morte, Tiradentes foi retirado da cadeia da Relação e transferido para o Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, onde permaneceu até 17 de abril do ano seguinte, quando foi levado para ouvir a decisão da Alçada.

É muito possível que tenha recebido, em tal período, o apoio fraternal e o consolo espiritual por influência do seu primo Frei José Mariano da Conceição Veloso e do Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho (irmão do inconfidente Padre Carlos Toledo), mineiros franciscanos do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde gozavam de grande reputação.

Como esperado, o acórdão lavrado pela Alçada que julgou os réus inconfidentes condenou Joaquim José à morte na forca, sendo determinado que:

“depois de morto, lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde, em o lugar mais público dela, será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma, e o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes, pelo caminho de Minas, no sítio da Varginha e das Cebolas, aonde o réu teve as suas infames práticas, e os mais nos sítios de maiores povoações, até que o tempo também os consuma; declaram o réu infame, e seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens aplicam para o Fisco e Câmara Real, e a casa em que vivia em Vila Rica será arrasada e salgada, para que nunca mais no chão edifique, e não sendo própria será avaliada e paga a seu dono pelo bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão, pelo qual se conserve em memória a infância deste abominável réu.”

Na manhã de 21 de abril de 1792, após percorrer as ruas do Rio de Janeiro vestindo a alva dos condenados e exposto ao vexame público, Tiradentes subiu ao patíbulo, foi enforcado e esquartejado no Largo da Lampadosa. O negro Capitania trabalhou na função de algoz e logo que o corpo de Tiradentes foi lançado do cadafalso, o executor da pena de morte pulou sobre os seus ombros a fim de abreviar-lhe o sofrimento e estancar os estertores do corpo convulso.

Acabava ali, em poucos instantes, a vida carnal de Tiradentes.

No início da tarde de 21 de abril o corpo do Alferes foi retirado da trave do suplício e, então, soldados portugueses especialistas na “arte de esquartejar” seccionaram os despojos de acordo com o determinado na sentença, sendo cada parte inserida em um saco de couro, com suficiente quantidade de sal para conservar a carne contra a podridão. Em seguida, uma comitiva de soldados e oficiais de justiça partiu rumo a Vila Rica, deixando expostos os quartos de Tiradentes ao longo do caminho, nas paragens de Cebolas, Borda do Campo, Varginha do Lourenço e Bandeiras, onde deveriam permanecer até que o tempo os consumisse totalmente.

A cabeça foi, ao final, exposta em um alto poste fincado defronte ao Palácio dos Governadores (atual Praça Tiradentes, em Ouro Preto), onde permaneceu por alguns dias, até que foi misteriosamente subtraída. Seu destino é ponto ainda não esclarecido por nossa historiografia, conquanto existam muitas lendas a tal respeito.

Sem querer fazer afirmações peremptórias, lembramos que a pouca distância do local onde a cabeça estava exposta, ficava sediada a Irmandade da Misericórdia de Vila Rica, a quem tocava a incumbência de dar sepultura digna a seus membros falecidos, entre os quais estava, o próprio Tiradentes.

3. TIRADENTES APÓS A MORTE

Poderíamos encerrar a narrativa sobre a vida de Tiradentes com as linhas acima traçadas. Contudo, acreditamos que a morte física não interrompe a nossa existência, que é fundamentalmente de natureza espiritual e a cada passagem nossa pelo mundo terreno estamos encarregados, pelos desígnios de Deus, inteligência suprema e causa primária de todas as coisas, de nos auto aperfeiçoar e contribuir para melhorar as condições de nossos irmãos, auxiliando-os no progresso moral e intelectual sempre em direção à luz.

Nesse ponto, vale lembrar as palavras do filósofo Leon Denis, que foi um dos principais continuadores do Espiritismo após a morte de Allan Kardec:

“Pensa que a Terra é um campo de batalha, onde a matéria e os sentidos assediam continuamente a alma; corrige teus defeitos, modifica teu caráter, reforça a tua vontade; eleva-te pelo pensamento, acima das vulgaridades da Terra e contempla o espetáculo luminoso do céu.”

Em nossas pesquisas na literatura espírita-cristã-kardequiana, encontramos dois expressivos registros psicografados por Francisco Cândido Xavier que revelam passagens de relevo para a melhor compreensão das razões pelas quais Joaquim José da Silva Xavier teria enfrentado tamanha provação em sua vida terrena.

A primeira passagem está registrada no livro “Crônicas de Além Túmulo”, onde o espírito do poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos, ditou a Chico Xavier em abril de 1937 (grifos nossos):

Dos infelizes protagonistas da Inconfidência Mineira, no dia 21 de abril de todos os anos, aqueles que podem excursionar pela Terra voltam às ruínas de Ouro Preto, a fim de se reunirem entre as velhas paredes da casa humilde do sítio da Cachoeira, trazendo a sua homenagem de amor à personalidade do Tiradentes.

Nessas assembleias espirituais, que os encarnados poderiam considerar como reuniões de sombras, os preitos de amor são mais expressivos e mais sinceros, livres de todos os enganos da História e das hipocrisias convencionais.

Ainda agora, compareci a essa festividade de corações, integrando a caravana de alguns brasileiros desencarnados, que para lá se dirigiu associando-se às comemorações do protomártir da emancipação do País.

Sem me alongar nos lances descritivos, acerca dos seus tesouros do passado, objeto da observação de jornalistas e escritores de todos os tempos, devo dizer que, na noite de hoje, a casa antiga dos Inconfidentes tem estado cheia das sombras dos mortos. Aí fui encontrar, não segundo o corpo, mas segundo o espírito, as personalidades de Domingos Vidal Barbosa, Freire de Andrada, Mariano Leal, José Joaquim da Maia, Cláudio Manuel, Inácio Alvarenga, Dorotéia de Seixas, Beatriz Francisca Brandão, Toledo Pisa, Luís de Vasconcelos e muitos outros nomes que participaram dos acontecimentos relativos à malograda conspiração.

Mas, de todas as figuras veneráveis ao alcance dos meus olhos, a que me sugeria as grandes afirmações da pátria era, sem dúvida, a do antigo alferes Joaquim José da Silva Xavier, pela sua nobre e serena beleza. Do seu olhar claro e doce, irradiava-se toda uma onda de estranhas revela-

ções, e não foi sem timidez que me acerquei da sua personalidade, provocando a sua palavra.

Falando-lhe a respeito do movimento de emancipação política, do qual havia sido o herói extraordinário, declinei minha qualidade de seu ex-compatriota, filho do Maranhão, que também combatera, no passado, contra o domínio dos estrangeiros.

– “Meu amigo – declarou com bondade –, antes de tudo, devo afirmar que não fui um herói e sim um Espírito em prova, servindo simultaneamente à causa da liberdade da minha terra.

Quanto à Inconfidência de Minas, não foi propriamente um movimento nativista, apesar de ter aí ficado como roteiro luminoso para a independência da pátria. Hoje, posso perceber que o nosso movimento era um projeto por demais elevado para as forças com que podia contar o Brasil daquela época, reconhecendo como o idealismo eliminou em nosso espírito todas as noções da realidade prática; mas, estávamos embriagados pelas ideias generosas que nos chegavam da Europa, através da educação universitária. E, sobretudo, o exemplo dos Estados Americanos do Norte, que afirmaram os princípios imortais do direito do homem, muito antes do verbo inflamado de Mirabeau, era uma luz incendiando a nossa imaginação. O Congresso de Filadélfia, que reconheceu todas as doutrinas democráticas, em 1776, afigurou-se-nos uma garantia da concretização dos nossos sonhos. Por intermédio de José Joaquim da Maia procuramos sondar o pensamento de Jefferson, em Paris, a nosso respeito; mas, infelizmente, não percebíamos que a luta, como ainda hoje se verifica no mundo, era de princípios. O fenômeno

que se operava no terreno político e social era o desprezo do absolutismo e da tradição, para que o racionalismo dirigisse a vida dos homens. Fomos os títeres de alguns portugueses liberais, que, na colônia, desejavam adaptar-se ao novo período histórico do Planeta, aproveitando-se dos nossos primeiros surtos de nacionalismo. Não possuíamos um índice forte de brasilidade que nos assegurasse a vitória, e a verdade só me foi intuitivamente revelada quando as autoridades do Rio mandaram prender-me na rua dos Latoeiros.”

– E nada tendes a dizer sobre a defecção de alguns dos vossos companheiros? – perguntei.

– “Hoje, de modo algum desejaria avivar minhas amargas lembranças. Aliás, não foi apenas Silvério quem nos denunciou perante o Visconde de Barbacena; muitos outros fizeram o mesmo, chegando um deles a se disfarçar como um fantasma, dentro das noites de Vila Rica, avisando quanto à resolução do governo da província, antes que ela fosse tomada publicamente, com o fim de salvar as posições sociais de amigos do Visconde, que haviam simpatizado com a nossa causa. Graças a Deus, todavia, até hoje, sinto-me ditoso por ter subido sozinho os vinte degraus do patíbulo.”

– E sobre esses fatos dolorosos, não tendes alguma impressão nova a nos transmitir?

E os lábios do Herói da Inconfidência, como se receassem dizer toda a verdade, murmuraram estas frases soltas:

– “Sim.... a Sala do Oratório e o vozerio dos companheiros desesperados com a sentença de morte... a Praça da Lampadosa, minha veneração pelo Crucifixo do Redentor e o remorso do carrasco..... a procissão da Irmandade

da Misericórdia, os cavaleiros, até o derradeiro impulso da corda fatal, arrastando-me para o abismo da Morte...”

E concluiu:

– “Não tenho coisa alguma a acrescentar às descrições históricas, senão minha profunda repugnância pela hipocrisia das convenções sociais de todos os tempos.”

– É verdade – acrescentei –, reza a História que, no instante da vossa morte, um religioso, falou sobre o tema do Eclesiastes – “Não traias o teu rei, nem mesmo por pensamentos.”

E terminando a minha observação com uma pergunta, arrisquei:

– Quanto ao Brasil atual, qual a vossa opinião a respeito?

– “Apenas a de que ainda não foi atingido o alvo dos nossos sonhos. A nação ainda não foi realizada para criar-se uma linha histórica, mantenedora da sua perfeita independência. Todavia, a vitalidade de um povo reside na organização da sua economia e a economia do Brasil está muito longe de ser realizada. A ausência de um interesse comum, em favor do País, dá causa não mais à derrama dos impostos, mas ao derrame das ambições, onde todos querem mandar, sem saberem dirigir a si próprios.”

Aos meus ouvidos emocionados ecoavam as notas derradeiras da música evocativa e dos fragmentos de orações que rodeavam o monumento do Herói, afigurando-se-me que Vila Rica ressurgira, com os seus coches dourados e os seus fidalgos, num dos dias gloriosos do Triunfo Eucarístico; mas, aos poucos, suas luzes se amorteceram no silêncio da noite, e a velha cidade dos conspiradores entrou a dormir, no tapete glorioso de suas recordações, o sono tranquilo dos seus sonhos mortos.

Já o segundo registro data de 1938 e está inserido no livro “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”, também ditado por Humberto de Campos a Chico Xavier, onde a espiritualidade superior revela os momentos finais de Tiradentes e a razão pela qual tanto sofreu:

O mártir da inconfidência, depois de haver apreciado, angustiadamente, a defecção dos companheiros, reveste-se de supremo heroísmo. Seu coração sente uma alegria sincera pela expiação cruel que somente a ele fora reservada, já que seus irmãos de ideal continuariam na posse do sagrado tesouro da vida. As falanges de Ismael lhe cercam a alma leal e forte, inundando-a de santas consolações.

Tiradentes entrega o espírito a Deus, nos suplícios da forca, a 21 de abril de 1792. Um arrepio de aflitiva ansiedade percorre a multidão, no instante em que seu corpo balança, pendente das trevas do cadafalso, no Campo da Lampadosa.

Mas, nesse momento, Ismael recebia em seus braços carinhosos a alma edificada do mártir.

– Irmão querido – exclama ele – resgatas hoje os delitos cruéis que cometeste quando te ocupavas do nefando mister do inquisidor, nos tempos passados. Redimiste o pretérito obscuro e criminoso com as lágrimas do teu sacrifício em favor da Pátria do Evangelho de Jesus. Passarás a ser um símbolo para a posteridade, com o teu heroísmo resignado nos sofrimentos purificadores. Qual novo gênio surges, para espargir bênçãos sobre a terra do Cruzeiro, em todos os séculos do seu futuro. Regozija-te no Senhor pelo desfecho dos teus sonhos de liberdade, porque cada um será justificado de acordo com as suas

obras. Se o Brasil se aproxima da sua maioria como nação, ao influxo do amor divino, será o próprio Portugal quem virá trazer, até ele, todos os elementos da sua emancipação política, sem o êxito incerto das revoluções feitas à custa do sangue fraterno, para multiplicar os órfãos e as viúvas na face sombria da Terra...

Um sulco luminoso desenhou-se nos espaços, à passagem das gloriosas entidades que vieram acompanhar o espírito iluminado do mártir, que não chegou a contemplar o hediondo espetáculo do esquarteramento.

Daí a alguns dias, a piedosa rainha portuguesa enlouquecia, ferida de morte na sua consciência pelos remorsos pungentes que a dilaceravam e, consoante as profecias de Ismael, daí a alguns anos era o próprio Portugal que vinha trazer, com D. João VI, a independência do Brasil, sem o êxito incerto das revoluções fratricidas, cujos resultados invariáveis são sempre a multiplicação dos sofrimentos das criaturas, dilaceradas pelas provações e pelas dores, entre as pesadas sombras da vida terrestre.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiradentes sucumbiu pela infamante morte na forca, mas seu exemplo e ideais de liberdade não se esvaíram com o seu sangue e nem se extinguíram com a podridão de seu transitório corpo físico.

Consoante assinalado pelo escritor Abgar Renault:

O “réu abominável” de que fala a sentença de 18 de abril de 1792 e que foi “com baraço e pregão conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca para nela morrer morte

natural para sempre”, vivo está e jamais morrerá morte nenhuma. Sua vida discorreu com a fé em Deus e na fidelidade ao amor à terra e à gente, e perpetuou-se sob o signo de grandeza.

Com efeito, em razão do legado de fé, esperança e amor à liberdade deixado pelo Alferes Xavier, a luta pelo alcance dos objetivos almejados pelos inconfidentes jamais esmoreceu entre os brasileiros, sobretudo entre os habitantes das montanhas de Minas Gerais.

Mas passados 233 anos do holocausto de Tiradentes, constatou-se que nem todos os sonhos dos inconfidentes transmutaram-se em realidade.

Entretanto, como já escreveu o poeta: “*Os sonhos não envelhecem*”.

Vale lembrar que Tiradentes, com elevada consciência das potencialidades desta terra, certa vez, ainda experimentando a fugaz vida carnal, afirmou que: “*Se todos quiséssemos, poderíamos fazer do Brasil uma grande Nação*”.

Que essa frase possa nos servir de permanente inspiração e incentivo à nossa reforma íntima, ao desbaste da pedra bruta e à luta para alçarmos o nosso país à estatura almejada pelo “animoso Alferes”, um homem chamado Joaquim José da Silva Xavier, cujos sonhos devem encontrar abrigo permanente no coração de cada um de nós e nos mover permanentemente em busca de dias melhores para a nossa gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. Edição do Governo do Estado de Minas Gerais e da Câmara dos Deputados. Belo Horizonte/Brasília. 11. Volumes.

BRANT, Fernando. Tiradentes vivo. In: Minas de Liberdade Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais/Secretaria de Estado de Cultura. 1992. p. 28-31.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho; psicografado por Francisco Cândido Xavier. 34. Ed.9. imp. Brasília: FEB, 2016.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). Crônicas de Além Túmulo; psicografado por Francisco Cândido Xavier. 17. Ed.4. imp. Brasília: FEB, 2017.

DELGADO, Alexandre Miranda. Documentação sobre a Inconfidência Mineira. Novas considerações e propostas de estudos. Rio de Janeiro: Edição do Autor. 2005.

FREITAS, Victor Figueira de. Evocações históricas. Belo Horizonte. 1969.

JOSÉ, Oíliam. Tiradentes. Belo Horizonte: Itatiaia. 1985.

NEVES, Maria Agripina. COTTA, Augusta de Castro. Do Monte Carmelo a Vila Rica: aspectos históricos da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto. Ouro Preto. 2011.

PINTO, G. Hércules. A vida de Tiradentes. Rio de Janeiro: Alba.1962.

RENAULT, Abgar. Sob a inspiração do alferes. In: Minas de Liberdade Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais/Secretaria de Estado de Cultura. 1992. p. 35-36.

RÖWER, Basílio. O convento Santo Antônio do Rio de Janeiro. Sua história, memórias, tradições. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

SANTOS, Lúcio José dos. A Inconfidência Mineira. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1972.

SANTOS, Paulo. Espiritismo e Maçonaria. São Paulo: Fonte Editorial. 2019.

VINÍCIUS ALCÂNTARA GALVÃO

*“Brilhar pra sempre,
brilhar como um farol,
brilhar com brilho eterno,
gente é pra brilhar,
que tudo o mais vá pro inferno,
este é o meu slogan
e o do Sol.”*

(Vladimir Maiakóvski)

O otimismo nas análises geopolíticas costuma ser uma aposta arriscada.

Depois do megassucesso de *Homo Sapiens*, que vendeu mais de 30 milhões de exemplares e foi traduzido para 60 e poucos idiomas, o historiador israelense Yuval Harari inicia seu novo livro: *Homo Deus* com a mesma pegada de antes, ou seja, dividindo a História em blocos de centenas e até milhares de anos, e tentando encontrar, desta forma, um sentido ou fio de Ariadne que caracterize o percurso humano.

A ideia central do livro é que 3 grandes problemas (Fome, Pestes e Guerras) “sempre estiveram entre as principais dificuldades enfrentadas pelo ser humano, mas que felizmente, nas últimas décadas, demos um jeito de controlá-los.”⁸

⁸ HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução de Paulo Geiger, Companhia das Letras, São Paulo, 2016

Harari conclui que no “século XXI, o ser humano médio tem muito mais probabilidade de morrer empanturrado no McDonald’s do que de seca, Ebola, ou num ataque da Al-Qaeda.”⁹

Para se ter uma ideia, em “2014, mais de 2,1 bilhões de pessoas apresentaram excesso de peso em comparação com 850 milhões que sofriam de desnutrição...Em 2010, a fome matou cerca de 1 milhão de pessoas, enquanto a obesidade ceifou 3 milhões de vidas.”¹⁰

O otimismo em relação aos 2 últimos tópicos (Peste e Guerras) também é praticamente o mesmo.

“Tanto a incidência como o impacto das epidemias decresceram dramaticamente nas últimas décadas. Particularmente, a mortalidade infantil é a mais baixa de todos os tempos: menos de 5% das crianças morrem antes de chegar à idade adulta. No mundo desenvolvido, a taxa é de menos de 1 %. Esse milagre se deve às conquistas sem precedentes da medicina no século XX, que nos proveu de vacinas e antibióticos, com higiene e infraestrutura médica muito melhores.”¹¹

“O terceiro segmento das boas notícias é que as guerras estão desaparecendo também. No decorrer da História, para a maior parte dos seres humanos a guerra era algo certo, garantido, enquanto a paz era um estado temporário e precário. As relações internacionais eram governadas pela lei da selva...Em 2012, aproximadamente 56 milhões de pessoas morreram no mundo inteiro; 620 mil morreram em razão da violência humana (guerras mataram 120 mil pessoas, o crime matou outras 500 mil). Em contrapartida, 800 mil cometeram suicídio, e 1,5

⁹ HARARI, obra citada, pág. 12.

¹⁰ HARARI, obra citada, pág. 12.

¹¹ HARARI, obra citada, pág. 20.

milhão morreram de diabetes. O açúcar é mais perigoso do que a pólvora..”¹²

Harari entende que sem as velhas amarras, que durante milênios funcionaram como uma espécie de freio de mão, o ser humano finalmente estará livre para desenvolver todas as suas potencialidades.

“O sucesso alimenta a ambição, e nossas conquistas recentes estão impelindo o gênero humano a estabelecer objetivos ainda mais ousados. Depois de assegurar níveis sem precedentes de prosperidade, saúde e harmonia, e considerando tanto nossa história pregressa como nossos valores atuais, as próximas metas da humanidade serão provavelmente a imortalidade, a felicidade e a divindade. Reduzimos a mortalidade por inanição, a doença e a violência; objetivaremos agora superar a velhice e mesmo a morte. Salvamos pessoas da miséria abjeta; temos agora de fazê-las positivamente felizes. Tendo elevado a humanidade acima do nível bestial da luta pela sobrevivência, nosso propósito será fazer dos humanos deuses e transformar o *Homo Sapiens* em *Homo Deus*.”¹³

Esse entusiasmo ainda pegou uma maré vinda dos anos 1990. Após a queda do Muro de Berlim, o pensador, de origem nipo-americano: Francis Fukuyama se popularizou da noite para o dia com a publicação de um livro de nome sugestivo: “O Fim da História.” Sua convicção era que após o desmoronamento do socialismo real, no Leste Europeu, a chamada “Grande História”, marcada por guerras e conquistas de territórios, teria ficado para trás.

Nessa época, eu era estudante de Direito, e me lembro de um professor de filosofia, que, orgulhoso, batia no peito afir-

¹² HARARI, obra citada, pág. 24.

¹³ HARARI, obra citada, pág. 30.

mando que o tão aguardado período da “Paz Perpétua” previsto por Kant, há pouco mais de 200 anos, quando todos os países seriam repúblicas, já estava entrando em curso, e com uma velocidade de cruzeiro, por sinal.

Mas as esperanças não se restringiam aos meios intelectuais. Os Estados Unidos, entendendo que todas as coisas a partir de então seriam resolvidas pelas leis de mercado (como o da oferta e da procura), concederam à China, no cenário internacional, o status de nação mais amiga, o que evidentemente, ajudou, em muito, o desenvolvimento do país asiático (não se pode esquecer que o PIB chinês, no começo dos anos 2000, era similar ao da Itália- em torno de 2 trilhões de dólares).

Os riscos, até ali, pareciam improváveis, mas em 2020, apenas 4 anos após a publicação de *Homo Deus*, a humanidade enfrentou a Pandemia da Covid-19, que matou milhões de pessoas, e quase paralisou a economia mundial por 2 longuíssimos anos. O risco da Peste, ou da proliferação de doenças infecciosas, ou de agentes patogênicos, tinha voltado com força.

E um pouco mais adiante, em 2022, como que jogando um balde de água fria sobre as esperanças de tantos escritores, a invasão da Ucrânia pela Rússia ressuscitou o temor de um conflito nuclear entre as grandes potências.

O otimismo talvez tenha se mostrado uma aposta forçada, ou então, a partir de agora, teremos que trabalhar com a ideia (mais realista) de que a vida é um pêndulo, e que, diante da maldade e da natureza humana, não se pode deixar os riscos e perigos em segundo plano.

Nos últimos dias, acabei lendo dois livros que deixaram estas ideias ainda mais nítidas para mim.

O 1º é “O Futuro da Humanidade”, do físico e divulgador científico Michio Kaku.

Com a perspectiva de que o espaço profundo é a próxima fronteira do ser humano, Michio prevê que nos próximos anos voltaremos à Lua (o motivo de ainda não termos feito isto, é que durante os anos 1960, o governo americano, preocupado com o avanço soviético, gastava em torno de 5,5 do orçamento federal com o projeto Apolo, e hoje a verba destinada à Nasa é de míseros 25 bilhões de dólares anuais. Quase 25 vezes menos do que no período mencionado).

Mas também há boas notícias. Primeiro, os cientistas descobriram que existe uma quantidade considerável de Hélio-3 na Lua (a substância é essencial para o processo de fusão nuclear, que promete revolucionar a produção de energia limpa), e o segundo, é que existem “grandes quantidades de gelo no Hemisfério Sul da Lua... Essa água, por sua vez, pode ser transformada em oxigênio e hidrogênio (estes, exatamente os principais componentes do combustível de foguetes). Isto poderia fazer da Lua um posto cósmico de abastecimento. A água também poderia ser purificada para tornar-se potável ou usada para a criação de fazendas agrícolas em pequenas escalas.”¹⁴

Após este próximo passo, que ao que tudo indica será realizado num tempo bem superior à previsão comercial dos novos magnatas da corrida espacial (Elon Musk e Jeff Bezos), a exploração se estenderá para o cinturão de asteroides, que se localiza entre os planetas Marte e Júpiter (nestas rochas há uma quantidade considerável de minérios, como lítio, terras raras, e outros, o que a longo prazo, suprirá, com folga, as crescentes necessidades humanas).

¹⁴ KAKU, Michio. O Futuro da Humanidade. Tradução de Jaime Biaggio, Editora Planeta, São Paulo, 2019, pág. 52.

Em seguida, o maior desafio será o da Terraformação de Marte. Para isso, a Ciência precisará aquecer o Planeta Vermelho, e tornar a atmosfera, que hoje é bastante rarefeita – em torno de 1% da atmosfera terrestre – bem mais densa e compacta.

Embora todas estas perspectivas pareçam realidades tão distantes do nosso dia a dia, elas são possíveis como ciência-base, e portanto, serão realizáveis, se houver tempo e sabedoria suficiente para isso.

Um astrônomo russo: Nikolai Kardashev, medindo o nível tecnológico de civilizações hipoteticamente existentes no universo, fez uma classificação com base em algo que, a princípio, seria necessário para todas elas: a produção e o armazenamento de energia.

Para ele: “Uma civilização Tipo I utiliza toda a energia da luz solar que incide sobre seu planeta; uma civilização Tipo II utiliza toda a energia que seu sol produz; e uma civilização Tipo III utiliza a energia de toda uma galáxia.”¹⁵

“Atualmente somos uma civilização Tipo 0,7, e estamos a um ou dois séculos de nos tornarmos uma civilização Tipo I. Para alcançar o Tipo II, poderíamos levar alguns milhares de anos, e provavelmente não nos tornaríamos uma civilização Tipo III antes de 100 mil anos e possivelmente não antes de 1 milhão de anos”¹⁶

Todos estes números podem assustar, mas são bem acanhados se consideramos a escala cósmica de tempo.

No outro extremo das análises, li o Livro: “Guerra Nuclear”, da jornalista especializada em militarismo: Annie Jacobsen.

¹⁵ KAKU, obra citada, págs. 259/260.

¹⁶ KAKU, obra citada, pág. 260.

A autora imagina um cenário de guerra nuclear total, que começaria com o lançamento de um míssil balístico intercontinental pela Coreia do Norte em direção a Washington D. C. O artefato carregaria uma ogiva termonuclear de um megaton (um milhão de toneladas de TNT – Para efeito de comparação, a bomba de Hiroshima possuía 15 quilotons – 15 mil toneladas de TNT).

A destruição é devastadora.

Num primeiro momento, surge “um clarão de luz e calor de tamanha grandeza que escapa à compreensão humana. A temperatura de 100 milhões de graus Celsius é quatro ou cinco vezes superior àquela encontrada no centro do Sol... Em questão de segundos, essa bola de fogo cresce até um diâmetro de poucos menos de 2 quilômetros, com luz e calor tão intensos que superfícies de concreto explodem, objetos de metal derretem ou evaporam, pedras se estilhaçam e seres humanos se transformam instantaneamente em carbono de combustão... O ponto zero é literalmente zerado.”¹⁷

Depois, ocorre o impacto avassalador da onda de choque (e, para superdimensionar esse efeito, as bombas explodem no ar, a algumas centenas de metros do chão).

“Enquanto a bola de fogo nuclear cresce, essa frente de choque causa uma destruição catastrófica, empurrando tudo pelo caminho como uma escavadeira, e avançando por 5 quilômetros. O ar por trás da onda de choque acelera, criando ventos de centenas de quilômetros por hora, velocidades extraordinárias e difíceis de conceber.”¹⁸

¹⁷ JACOBSEN, Annie. Guerra Nuclear: um cenário. Tradução de Livia de Almeida, editora Rocco, Rio de Janeiro, 2025, pág. 17.

¹⁸ JACOBSEN, obra citada, pág. 21.

Logo em seguida, há um outro efeito terrível: a sucção reversa.

“A bola de fogo nuclear que consumiu tudo em um raio de 2 quilômetros agora sobe como um balão de ar quente. Deixa a terra e flutua a uma velocidade de 76 a 107m/s. Trinta e cinco segundo se passam. A formação da icônica nuvem em forma de cogumelo começa, seu chapéu e caule enormes, compostos de pessoas incineradas e detritos da civilização, se transmutam, a cor indo de vermelho para marrom e depois laranja. Em seguida, vem o efeito mortal da sucção reversa, com objetos- carros, pessoas, postes de luz, placas de rua, parquímetros, vigas de aço- sendo sugados de volta para o centro do inferno em chamas e consumidos pelo fogo.”¹⁹

Em seguida, partículas radioativas são expelidas como uma chuva de detritos radioativos, cobrindo a Terra e seus habitantes... Mais de um milhão de pessoas estão mortas ou morrendo, e menos de dois minutos se passaram desde a detonação... Ente 16 e 19 quilômetros de distância do marco zero, os sobreviventes cambaleiam em choque, como mortos-vivos. “Corvos, pardais e pombos voando sobre a área pegam fogo e caem do céu como se estivesse chovendo pássaros. Não há eletricidade. Nem serviço telefônico. Nem números de emergência. O pulso eletromagnético localizado da bomba destrói todos os sistemas de rádio, internet e TV.”²⁰

No cenário esboçado pela escritora, há uma dissintonia geral ente os governantes, e a guerra se estende também para a Rússia, a Europa e a China. Ao final de 72 minutos, lembrando que um míssil intercontinental demora apenas 26 minutos e 40

¹⁹ JACOBSEN, obra citada, pág. 21.

²⁰ JACOBSEN, obra citada, págs. 22 e 23.

segundos para ir da Rússia aos Estados Unidos)²¹, isso sem levar em conta os artefatos que são propelidos por submarinos atômicos, toda o Planeta está ardendo em chamas. Nos capítulos finais, Jacobsen se concentra nos danos provocados nos Estados Unidos, mas os estragos se repetem, em escala parecida, pelos demais países atingidos:

“A enxurrada de mil armas nucleares atinge uma nação já desprovida de eletricidade e coberta de cadáveres das vítimas de explosões, de envenenamento por radiação, de acidentes de avião, trem, metrô e automóvel, de explosões químicas, de enchentes por barragens estouradas.

Há mil clarões superaquecendo o ar em cada marco zero a 100 milhões de graus Celsius.

Mil bolas de fogo cada uma com mais de 1,5 quilômetro de diâmetro.

Mil paredões de ar comprimido, acompanhadas por ventos de centenas de quilômetros por hora, que derrubam tudo e todos no caminho.

Mil cidades norte-americanas onde todas as estruturas em um raio de 8 a 11 quilômetros são desintegradas, desabam e queimam.

Mil cidades com ruas de asfalto derretido.

Mil cidades com sobreviventes que morreram empalados por destroços.

Mil cidades soterradas por dezenas de milhões de mortos. Com dezenas de milhões de infelizes sobreviventes sofrendo queimaduras fatais de terceiro grau.

Pessoas nuas, esfarrapadas, que sangram e sufocam.

Pessoas que não mais se parecem nem agem como pessoas.

²¹ JACOBSEN, obra citada, págs. 69.

Mil marcos zero se transformando em mil megaincêndios, cada um em breve consumindo uma área de 260 ou mais quilômetros quadrados.”²²

No momento em que, atônito, não conseguia desgrudar os olhos do livro (escrito num ritmo de thriller), me recordei da “Divina Comédia”, de Dante Alighieri. Na história, dois poetas, o próprio Dante e seu mestre romano, Virgílio – que escreveu “A Eneida” fazem um tour pelo Inferno (um objeto invertido, em direção ao centro da Terra, e em que as almas, em cada ciclo, expurgam um sofrimento correspondente aos pecados e maldades que praticam em vida).

Os dois viajantes chegam “ao terceiro giro do Círculo Sétimo, onde se encontram os violentos contra Deus, a arte e a natureza, continuamente fustigados por uma chuva de fogo.”²³

A descrição é horripilante e não há como afastar o paralelismo com o cenário pós-nuclear:

*“Eram almas desnudas, que, gemendo,
vários grupos formavam tristemente,
como a norma diversa obedecendo.*

*Supina jaz em terra alguma gente;
outra se assenta, como que encolhida;
a outra caminha, continuamente.*

*A que gira é no número crescida
mais que as outras, que imóveis, no tormento,
gritam bem mais, a língua desprendida.*

²² JACOBSEN, obra citada, págs. 267/268.

²³ ALIGUIERI, Dante. A Divina Comédia. Tradução de Cristiano Martins. Vila Rica Editoras Reunidas, Rio de Janeiro, pág. 220.

*Sobre o deserto desabava lento
um temporal de lâminas ardentes,
tal no alto a neve, quando para o vento..”²⁴*

Jacobsen admite que seu livro é uma leitura aterradora, e em muitos momentos, deprimente. Mas a intenção é exatamente esta: tirar o leitor da zona de conforto, e mostrar, sem meia-palavras ou eufemismos, o quanto uma guerra nuclear pode ser destrutiva e apocalítica.

Sua esperança é que a consciência do horror provoque o diálogo, e estimule a prevenção. E ela se apoia em um exemplo real. Nos anos 1980, mais precisamente, em 1984, Ronald Reagan ficou estupefato ao assistir, na Casa Branca, a uma exibição do filme *Day After* (O Dia Seguinte), que mostrava os cenários de uma guerra nuclear entre os Estados Unidos e a então União Soviética. Reagan, que antes era um entusiasta do Programa Guerra nas Estrelas, prevendo a instalação de satélites e sistemas de defesa no espaço (os custos são tão estratosféricos que atualmente os Estados Unidos possuem apenas 44 mísseis defensivos)²⁵, reuniu-se com Mikhail Gorbatchov, e os dois juntos, fizeram uma declaração óbvia, mas que precisava vir exatamente das pessoas certas (aquelas que possuem o poder de acionar os dispositivos militares que podem mudar para sempre o destino da Civilização): “Uma guerra nuclear nunca pode ser vencida, e por isso, jamais deve ser travada.”

Um dos grandes problemas da humanidade é a adaptação com a Natureza. Os Dinossauros viveram por 250 milhões de anos inseridos nos fluxos e simbioses do Planeta, até serem alve-

²⁴ DANTE, obra citada, pág. 221).

²⁵ JACOBSEN, Annie, obra citada, pág. 87.

gados pelos efeitos de um grande asteroide, que há 65 milhões de anos atingiu a Península de Yucatan, no México.

As sociedades indígenas sempre tiveram um sentimento de sacralidade e reverência com a Natureza. Esta visão de mundo ficou claríssima na carta que o Cacique Seattle escreve, no final do século XIX, endereça ao Presidente dos Estados Unidos, e em que recusa, peremptoriamente, a proposta de compra de suas Terras.

“Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-lo?

Cada pedaço de terra é sagrado para meu povo... Somos parte da terra e ela faz parte de nós... Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda...

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro- o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira...

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir.

Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos apenas para permanecer vivos...

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa.”

Mas apesar do caráter poético e profundo da Carta, nada conseguiu deter o avanço da civilização tecnológica, que sedenta por terra e dinheiro, estava disposta a passar por cima de qualquer coisa ou entrave.

Certamente, uma das imagens mais icônicas do Cinema, é a mostrada no filme “2001- Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick, quando, ao som de uma trilha sonora inesquecível e impactante, aparece um primata jogando um pedaço de osso para o ar, e em seguida, o artefato se transforma subitamente em uma belíssima nave espacial. Por coincidência ou não, Kubrick também fez um filme imperdível sobre guerra nuclear – “Dr. Fantástico”, que foi lançado em 1964, no auge da Guerra Fria, e dois anos após uma grave crise diplomática, que deixou a humanidade de cabelo em pé, enquanto os presidentes Kenedy e Khrushchov discutiam a retirada dos mísseis nucleares trazidos para Cuba pela União Soviética.

Pode parecer clichê, mas literalmente somos “poeira das estrelas”. Para se entender o sentido metafórico e preciso da frase

é necessário fazer uma excursão pela História do Universo. Neste breve panorama vou me basear principalmente no livro “Origens”, de Neil deGrasse Tyson, e na série de documentários “Física para Poetas”, que é transmitida pelo canal de Marcelo Gleise, no Youtube.

Logo após o Big Bang, o Universo começou a produzir seus elementos constituintes- quarks, e outras partículas elementares.

Os quarks formaram prótons e nêutrons, e em 3 minutos ocorreu um processo chamado de nucleossíntese, com a junção de um próton e um nêutron. Entretanto, devido ao calor, realmente excessivo, este núcleo ainda não conseguia capturar um elétron, já que toda vez que tentava fazer isso, era impedido pelos fótons de luz.

Pelos próximos 380 mil anos, a situação ficaria nessa espécie de banho-maria, até que o Universo se esfriou para uma temperatura em torno de 4 mil graus Celsius, quando acontece a Radiação Cósmica de Fundo em micro-ondas, ou seja, o núcleo básico, composto de um próton e um nêutron capturou um elétron, formando o primeiro e mais abundante elemento da tabela periódica: o hidrogênio.

As enormes nuvens de hidrogênio, então, impulsionadas pela Gravidade, foram se aquecendo em seu centro, formando as estrelas.

Grosso modo, uma estrela se constitui pela fusão de átomos de hidrogênio, produzindo, por um sistema de tunelamento quântico, o hélio.

Uma estrela sobrevive à base do equilíbrio desta força de fusão, de dentro para fora, e da Gravidade, que ameaça colapsá-la, de fora para dentro. Para manter o equilíbrio, a estrela vai queimando combustível, e para isso, aquece a temperatura em seu núcleo. Aqui está o ponto chave. Nesse processo, como se

estivéssemos em um grande forno de pizza, são fabricados todos os outros elementos da Tabela Periódica – lítio, carbono, ouro, etc. Como disse antes, a estrela vai queimando paulatinamente seu estoque de combustível, até chegar na fabricação do ferro (que possui 26 prótons em seu núcleo). Neste momento, a estrela, digamos, entra em parafuso, e se colapsa numa gigantesca e titânica explosão chamada de Supernova, que por alguns instantes brilha mais que toda uma galáxia. O calor é tão intenso, que neste brevíssimo momento, são formados os demais elementos pesados, como o urânio, que possui 92 prótons em seu núcleo atômico.

Após este primeiro momento, o Universo possui hidrogênio em abundância, mas também os elementos pesados, que vão construir planetas rochosos e pessoas. A gravidade continua atuando. Somos ‘poeira das estrelas’ (a expressão foi cunhada a primeira vez pelo astrônomo Carl Sagan, já que um dia cada átomo de nosso corpo esteve dentro de uma Supernova).

O nosso destino, se não formos impedidos por uma Guerra Nuclear (existem também os riscos do bioterrorismo e do desequilíbrio ambiental, como o aquecimento da Terra), é colonizar o sistema solar, e numa escala de centenas de milhares de anos – uma bagatela para o tempo cósmico – explorar toda a galáxia.

As dúvidas, contudo, persistem. E principalmente os riscos. Os físicos e astrônomos costumam falar do Paradoxo de Fermi. A expressão vem de uma fala, mencionada pelo cientista italiano Enrico Fermi, que, certa vez, estava sentado à mesa de um restaurante, quando, de repente, começou a perguntar, em tom de perplexidade, para as pessoas ao redor: “onde está todo mundo??” Ele naturalmente se referia às hipotéticas civilizações alienígenas, e seu cálculo era simples: se existem bilhões de estrelas só na Via Láctea, e em 1995 se confirmou também a existên-

cia de exoplanetas (os situados além do sistema solar), por que cargas d'água não enxergamos nenhum rastro de tecnologia pelo espaço, como sinais “inteligentes” de rádio, ou esferas de Dyson (que seriam estruturas artificiais construídas sobre uma estrela para capturar toda a sua energia)?

As respostas ao Paradoxo são diversificadas. Mas uma delas é angustiante. O físico Stephen Hawking dizia que era difícil imaginar uma civilização intergaláctica, porque presumivelmente – e ele usava a humanidade como parâmetro – é, em tese, muito mais fácil chegar à tecnologia de destruição em massa, do que estar em condições de realizar longas viagens espaciais tripuladas.

Estes são alguns cenários. O ser humano tem desenvolvido tecnologias surpreendentes, mas neste e nos próximos séculos passaremos por um grande filtro (o desafio de não destruímos a civilização), e para isso, precisaremos muito mais de sabedoria, como a do cacique Seattle, do que de uma capacidade técnica e operacional que deixe as grandes questões éticas de lado.

IV

Discursos

DISCURSO DE ELOGIO A LAFAYETTE RODRIGUES
PEREIRA, PATRONO DA CADEIRA 29 DA ACADEMIA DE
LETRAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

LEONARDO CASTRO MAIA

Senhoras e Senhores,

É com muita satisfação que me apresento diante da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais nesta cerimônia tão significativa, para o elogio a Lafayette Rodrigues Pereira, Patrono da Cadeira 29, bastante conhecido entre nós como o Conselheiro Lafayette.

Permitam-me iniciar com uma saudação a todos os presentes, na pessoa do nosso Presidente, o Colega, amigo, e brilhante Promotor de Justiça, Marcos Paulo de Souza Miranda, cuja dedicação e compromisso com a Justiça, a história e a cultura são inspirações para todos nós, membros do Ministério Público.

Fico muito feliz, particularmente, com as oportunidades que a vida me concedeu de estar ao lado de Marcos Paulo em tantos momentos e oportunidades, testemunhando seu caminho fascinante, assim como de tantas amigas e amigos que encontro hoje, aqui, neste grupo tão especial, unido em torno de ideias comuns, mas também composto de tantas particularidades, qualidades e características individuais.

Na minha percepção de novato, a Academia de Letras é um ponto de encontro com a poesia das histórias dos seus integrantes, mas, sobretudo, com a história do Ministério Público de Minas Gerais e dos grandes nomes que construíram essa Instituição que tanto admiramos, a exemplo do Dr. Joaquim Cabral.

É uma forma de celebração e reconhecimento do legado literário e jurídico daqueles que nos precederam, assim como um presente, que é desfrutar do convívio de pessoas tão especiais, as senhoras e os senhores, testemunhando a construção de cada um dos próximos capítulos da nossa Instituição.

Assumir, então, a cadeira do Conselheiro Lafayette é, para mim, um enorme privilégio.

No meu caso, assim como sucedeu com alguns outros acadêmicos, tive a oportunidade de escolher o patrono, entre grandes nomes da história do Ministério Público. E confesso que mirei em alguém com qualidades que admiro, que gostaria de ter ou de desenvolver: Lafayette Rodrigues Pereira, figura de extraordinário impacto na história jurídica e política do Brasil, um ideal e exemplo a ser perseguido por todos os que se ingressam na vida pública²⁶.

Lafayette, nascido em Queluz, atualmente Conselheiro Lafaiete, em 28/03/1834²⁷, foi um jurista de renome, cuja longa carreira se destacou pela integridade e pelo compromisso com a Justiça.

Viveu até os 82 anos, falecendo no Rio de Janeiro, em 29/01/1917²⁸, mas cujos restos mortais foram levados a Conselheiro Lafayette, onde repousam ao lado de seus pais²⁹.

²⁶ MINAS GERAIS, Ministério Público; CONSELHO CURADOR DO MEMORIAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Membros ilustres do Ministério Público: homenagem do Ministério Público de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Procuradoria-Geral de Justiça / Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, Diretoria de Produção Editorial, 2013, p. 101.

²⁷ MILAGRE, Alex. **Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre queluzense**. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 24.

²⁸ PEREIRA, Lafayette Rodrigues et al. **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro : São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras ; Imprensa Oficial, 2011, p. 17.

²⁹ MILAGRE, Alex. Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre queluzense. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 99.

Entre seus muitos feitos, Lafayette serviu como promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em Ouro Preto³⁰.

Foi descrito por Baptista Pereira, em “Figuras do Império e outros Ensaios”³¹ como ⁶:

“Alto, forte, anguloso, estrábico, nariz adunco, armado de grandes óculos, fisionomia caracteristicamente reumática, começam-lhe as antinomias na aparência.
(...) Esse beneditino das letras não se contentava em ser o mais profundo dos nossos humanistas. Era ainda o maior dos nossos juriconsultos”³².

Lafayette foi também jornalista e um dos fundadores do jornal “Atualidade” (1858-1860), na companhia do poeta Pedro Luís e de Flávio Farnese, publicação que se distinguiu por seu liberalismo avançado³³.

Antes disso, ainda estudante, foi considerado o melhor da sua turma, na Faculdade de Direito de São Paulo³⁴.

No Rio de Janeiro, foi trabalhar no escritório de Teixeira de Freitas, onde certamente colheu conhecimentos que aperfeiçoa-

³⁰ MILAGRE, Alex. **Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre queluzense**. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 40.

³¹ PEREIRA, Baptista. **Figuras do Império e outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

³² PEREIRA, Lafayette Rodrigues et al. **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro : São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras ; Imprensa Oficial, 2011, p. 13.

³³ PEREIRA, Ligia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de; MEDINA, Paulo Roberto de Gouveia. **Lafayette: um jurista do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2012, p. 23.

³⁴ PEREIRA, Lafayette Rodrigues et al. **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro : São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras ; Imprensa Oficial, 2011, p. 7.

ria em suas próprias obras jurídicas³⁵. De fato, sua contribuição para o Direito Brasileiro, através de obras fundamentais do Direito Civil, como “Direito de Família”, “Direito das Causas”, “Princípios de Direito Internacional” e “Projeto de Código de Direito Internacional Privado”, consolidaram sua posição como um dos grandes pensadores jurídicos de seu tempo³⁶.

Autor de notáveis pareceres, versando sobre as questões mais importantes que agitavam as discussões do seu tempo, era conhecido pela clareza e pela concisão³⁷, raramente indo além de duas páginas³⁸.

Como destacado por Fábio de Souza Coutinho, em muitas obras jurídicas, não raro, há mais palavras do que ideias. Neste cenário, Lafayette foi uma exceção, pois seus escritos eram marcados por muitas ideias, expressadas em poucas palavras³⁹.

Aqui em Belo Horizonte, o Fórum leva seu nome, mais uma homenagem que reconhece suas contribuições significativas para o Direito e a Justiça⁴⁰.

³⁵ MILAGRE, Alex. **Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre queluzense**. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 40.

³⁶ PEREIRA, Ligia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de; MEDINA, Paulo Roberto de Gouveia. **Lafayette: um jurista do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2012, p. 171; MILAGRE, Alex. Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre queluzense. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 40.

³⁷ PEREIRA, Ligia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de; MEDINA, Paulo Roberto de Gouveia. **Lafayette: um jurista do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2012, p. 124.

³⁸ PEREIRA, Lafayette Rodrigues et al. **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro : São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras ; Imprensa Oficial, 2011, p. 11.

³⁹ COUTINHO, Fábio de Souza. **Juristas do Império**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1982.

⁴⁰ MINAS GERAIS, Ministério Público; CONSELHO CURADOR DO MEMORIAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Membros ilustres do Ministério Público: homenagem do Ministério Público de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Procuradoria-Geral de Justiça / Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, Diretoria de Produção Editorial, 2013, p. 120.

Além de suas realizações jurídicas, Lafayette Rodrigues Pereira também desempenhou um papel crucial na política nacional. Foi Presidente de Províncias: no Ceará (1864-1865) e no Maranhão (1865-1866). Em 1870, iniciou sua atuação como redator de “A República”. Participou da primeira reunião dos militantes republicanos, quando foi aclamado secretário da nova agremiação política. Foi Ministro da Justiça (1878-1880) e Senador (1879) pela Província de Minas Gerais. Em 1882 tornou-se Conselheiro de Estado. Organizou um gabinete a convite do Imperador, sendo Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Fazenda (maio de 1883 a junho de 1884)⁴¹.

Sua habilidade em navegar pelos complexos cenários político e jurídico de sua época é um testemunho de sua inteligência e da sua capacidade de articulação. Além de suas notáveis contribuições como jurista e político, teve uma atuação significativa no campo da diplomacia, desempenhando papéis cruciais em momentos históricos que marcaram a política internacional do Brasil no século XIX.

Um dos marcos mais importantes da carreira diplomática de Lafayette foi sua participação como árbitro em uma missão especial no Chile, em 1885, quando mediou complexas reclamações internacionais envolvendo nações europeias — Itália, Inglaterra e França — e latino-americanas (Chile, Peru e Bolívia), que surgiram em razão da Guerra do Pacífico⁴². Lafayette foi designado pelo Imperador Pedro II para mediar a disputa, uma tarefa que exigia não apenas habilidade jurídica, mas também uma sensibilidade diplomática aguçada.

⁴¹ PEREIRA, Lafayette Rodrigues *et al.* **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro: São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras; Imprensa Oficial, 2011, p. 8.

⁴² PEREIRA, Ligia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de; MEDINA, Paulo Roberto de Gouveia. **Lafayette: um jurista do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2012, p. 92.

Durante sua missão, Lafayette conseguiu que todas as nações envolvidas aceitassem um conjunto de normas processuais básicas, que ele mesmo redigiu. Este feito não apenas facilitou a resolução pacífica dos conflitos, mas também estabeleceu um precedente jurídico significativo na América Latina, demonstrando que o Chile poderia ser tratado com o mesmo respeito e consideração que uma potência europeia. Sua atuação foi elogiada por sua inteligência e prestígio, e foi considerada um triunfo diplomático raro na história do continente.

Em 1889, Lafayette foi novamente chamado para servir como Ministro em missão especial, desta vez para representar o Brasil na Primeira Conferência Internacional Americana, participando da abertura, mas logo interrompendo seus trabalhos, em razão da mudança do regime político no Brasil⁴³. Esta conferência foi um marco na diplomacia continental e na promoção da cooperação entre as nações das Américas.

A atuação de Lafayette Rodrigues Pereira no campo diplomático é um testemunho de sua habilidade em lidar com questões complexas e de sua capacidade de mediar conflitos com inteligência e Justiça.

Seu trabalho ajudou a estabelecer padrões de diplomacia que influenciaram futuras gerações de diplomatas brasileiros. A combinação de suas habilidades jurídicas e diplomáticas fez dele uma figura respeitada não apenas no Brasil, mas também no cenário internacional, contribuindo para a imagem do País como um mediador competente e confiável em disputas internacionais.

⁴³ PEREIRA, Lafayette Rodrigues *et al.* **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2**. Rio de Janeiro: São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras; Imprensa Oficial, 2011, p. 10.

Outro aspecto notável da trajetória de Lafayette está no seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, na Cadeira 23⁴⁴, a cadeira de Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira, cuja contribuição para a literatura, cultura e para a língua portuguesa dispensa comentários.

Lafayette foi um grande defensor de Machado de Assis, rebatendo, em páginas do “Jornal do Commercio”, em 1898, no Rio de Janeiro, com refinada inteligência e sob o pseudônimo Labieno, as contundentes críticas feitas ao grande autor por Sílvio Romero, em livro intitulado “Machado de Assis”. Na ocasião, Lafayette conseguiu destacar, de forma arguta, como no livro em questão, Romero buscava negar o valor de Machado de Assis e enaltecer Tobias Barreto, qualificando-se, assim, como sucessor na cadeira 23 da Academia de Letras. Assumiu a vaga aos 75 anos⁴⁵.

Embora Lafayette fosse um intelectual respeitado, suas contribuições eram principalmente no campo jurídico e político, com destaque para a capacidade em articular ideias complexas de forma clara e acessível, um talento altamente valorizado na literatura. Assim, a sucessão na Cadeira de Machado de Assis, além de honrar a memória deste grande nome da literatura brasileira, acabou refletindo a diversidade de talentos e áreas de conhecimento que a Academia busca representar e que enriquece o debate intelectual e cultural, simbolizando a interseção entre o direito, a política e a literatura no Brasil, além de ser um testemunho do respeito e reconhecimento que Lafayette Rodrigues Pereira gozava entre seus contemporâneos.

⁴⁴ **Lafayette Rodrigues Pereira.** Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/lafayette-rodrigues-pereira/biografia>>. Acesso em: 22 abr. 2025.

⁴⁵ PEREIRA, Lafayette Rodrigues *et al.* **Lafayette Rodrigues Pereira: cadeira 23, ocupante 2.** Rio de Janeiro: São Paulo, SP: Academia Brasileira de Letras; Imprensa Oficial, 2011, p. 17.

Esses foram apenas alguns feitos deste grande homem público, cujo exemplo buscarei honrar em minhas contribuições para esta Academia e para o Ministério Público.

Muito obrigado.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Fábio de Souza. **Juristas do Império**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1982.

Lafayette Rodrigues Pereira. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/lafayette-rodrigues-pereira/biografia>>. Acesso em: 22 abr. 2025.

MILAGRE, Alex. **Lafayette Rodrigues Pereira: um ilustre que-luzense**. Conselheiro Lafayette: Liga Ecológica Santa Matilde, 2009, p. 24.

MINAS GERAIS, Ministério Público; CONSELHO CURADOR DO MEMORIAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Membros ilustres do Ministério Público: homenagem do Ministério Público de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Procuradoria-Geral de Justiça / Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, Diretoria de Produção Editorial, 2013, p. 101.

PEREIRA, Baptista. **Figuras do Império e outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA Nº15,
DR. FERNANDO DE MELLO VIANNA, NO DISCURSO
DE POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS PELO
PROCURADOR DE JUSTIÇA DR. MARCO ANTONIO
BORGES. (SEDE DA AMMP-ASSOCIAÇÃO MINEIRA
DO MINISTÉRIO PÚBLICO EM 26/03/2025)

MARCO ANTONIO BORGES

1. Introdução

Hoje vou homenagear o grande jurista Dr. Fernando de Mello Vianna, que foi Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais e é o patrono da cadeira que hoje me honra assumir.

Teve grande importância para a história política e institucional do Brasil no início do século XX.

Vice-presidente da República entre 1926 e 1930, jurista, político mineiro e membro da chamada Política do Café com Leite, Melo Viana foi protagonista em um dos períodos mais turbulentos da história do Brasil: o fim da Primeira República e o prenúncio da Revolução de 1930.

2. Contexto histórico

Antes de falarmos sobre o Dr. Mello Vianna, precisamos entender o cenário da República Velha (1889–1930):

-
- Regime oligárquico, dominado pelas elites de São Paulo (café) e Minas Gerais (leite).
 - O sistema político era sustentado pelo “coronelismo”, voto de cabresto e fraudes eleitorais.
 - A crise da economia cafeeira e a ascensão das classes urbanas começaram a gerar tensões sociais e políticas.

3. Biografia resumida

- Nascimento: 15 de março de 1878, em Sabará (MG), filho do fazendeiro, comerciante e comendador **português** Manuel de Mello Vianna e de Blandina Augusta de Mello Vianna.
- Formação: estudou no Colégio Caraça e no externato do Ginásio Mineiro de Ouro Preto (MG), iniciou o curso de Direito em Ouro Preto e, com a transferência da Capital mineira para Belo Horizonte, concluiu o curso nesta cidade em 1900, pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, período em que o Diretor da Faculdade era o também Professor Dr. Afonso Augusto Moreira Pena (Afonso Pena).
- Iniciou sua carreira em 1901, por decreto do presidente do Estado de Minas Gerais, Silviano Brandão, foi nomeado Promotor de Justiça da comarca de Mar de Espanha e, após solicitar sua exoneração, iniciou carreira política, concorrendo ao cargo de deputado estadual, que exerceu entre os anos de 1903 e 1905. Voltou à função jurídica, atuando como advogado em Sete Lagoas. Em 1909, ingressou na magistratura, vindo a ocupar o cargo de juiz de Direito nas comarcas mineiras de Conceição do Serro

(atual Conceição do Mato Dentro), de Santa Luzia do Carangola (atual Carangola), de Uberaba e de Pará (atual Pará de Minas).

- Entrou na política como deputado estadual e depois federal.
- Durante o governo de Arthur Bernardes (1918 a 1922), foi nomeado subprocurador-geral do Estado, atuando mais uma vez no Ministério Público, já que, naquele momento, a Advocacia-Geral do Estado integrava o órgão.
- Na gestão seguinte (Raul Soares 1922-1926), Mello Vianna passou a ocupar o cargo de secretário de Estado do Interior, preocupando-se fundamentalmente com a questão educacional e implantando reformas nesse segmento. Com a morte de Raul Soares, em agosto de 1924, Mello Vianna foi eleito para completar o seu mandato, assumindo a presidência do Estado até setembro de 1926. Durante o seu governo, Mello Vianna realizou várias ações que o tornaram bastante conhecido dentro e fora de Minas, entre elas, o impulso aos transportes e a integração dos municípios, com a construção de estradas e pontes; a promoção do atendimento à saúde; a defesa da economia mineira; o incentivo às artes e à cultura; a reforma do ensino, fundou o Conservatório de Música de Minas Gerais e doou o terreno para a Construção do Magnânimo Prédio do Automóvel clube de Minas Gerais, na Avenida Afonso Pena.
- Após o término de seu governo, em 1926, Mello Vianna foi eleito vice-presidente da República, na chapa encabeçada por Washington Luís e, nesse cargo, assumiu a presidência do Senado, conforme regra constitucional.

4. Atuação como vice-presidente

- Fernando de Mello Vianna ocupava simultaneamente o cargo de vice-presidente e o de presidente do Senado Federal, como previa a Constituição da época.
- Sua atuação era marcada pela diplomacia e pelo esforço de manter o equilíbrio entre os Poderes e os Estados.
- Enfrentou uma série de dificuldades internas, como o crescimento da oposição tenentista e a crise da sucessão presidencial em 1930.
- Ao final do mandato, pretendia retornar à presidência do Estado de Minas Gerais, mas foi preterido pela comissão executiva do Partido Republicano Mineiro, que indicou o nome de Olegário Maciel. Fernando de Mello Vianna acabou por apoiar a candidatura de Júlio Prestes à presidência da República contra a de Getúlio Vargas, sustentada pela Aliança Liberal. Em consequência da vitória da Revolução de 1930, o político foi preso e exilado na Europa, de onde voltaria somente no ano seguinte para advogar na Capital mineira.

5. A crise de 1930 e a Revolução

- Em 1930, esperava-se que Mello Vianna fosse o candidato de consenso à presidência, mas Washington Luís indicou Júlio Prestes, de São Paulo, rompendo o pacto político com Minas Gerais.
- Isso levou Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul a se unirem na Aliança Liberal, lançando a candidatura de Getúlio Vargas.

-
- Após o assassinato de João Pessoa e a derrota nas urnas, a revolta estourou em outubro de 1930.
 - O governo foi deposto antes do fim do mandato. Mello Vianna, como vice-presidente, também foi afastado.

Entre os anos de 1934 e 1948, atuou como advogado e exerceu por seis anos a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil (1938 e 1944). Em 1945, foi eleito senador da República por Minas Gerais, pelo Partido Social Democrático. Durante sua atuação na Assembleia Nacional Constituinte, ocupou os cargos de presidente e vice-presidente desse órgão, o que lhe permitiu participar ativamente na elaboração da nova Constituição, promulgada em 18 de setembro de 1946, a qual vigorou até 1967.

Na citada Constituição, o Brasil retomou as eleições diretas para presidente da República, após oito anos de ditadura do Estado Novo. A Carta Magna foi um dos alicerces para o Decreto-Lei n.º 2.146, de 10 de julho de 1947, do estado de Minas Gerais, o qual garantiu ao Ministério Público mineiro, em seu artigo 66, que o ingresso na carreira da instituição seria “... provido pelo Governador do Estado, dentre os candidatos habilitados em concurso de provas”. A partir desse momento, foi assegurada a estabilidade aos membros do Ministério Público de Minas Gerais, após dois anos de exercício no cargo. Mello Vianna faleceu em 10 de fevereiro de 1954, aos 76 anos de idade.

Em seus discursos, expressava seu empenho: “... jamais deixei o direito e a lei ao desamparo. ... Meu propósito foi, sempre, acelerar, dentro da ordem e da lei, o movimento impulsionador da grandeza de Minas Gerais.”

7. Conclusão

Dr. Fernando de Mello Vianna é um exemplo de como a história política do Brasil foi marcada por tensões entre tradição e mudança. Sua trajetória revela os limites do modelo oligárquico e as dificuldades de renovação institucional.

Conhecer sua vida nos ajuda a compreender melhor o fim da Primeira República e o início da Era Vargas — um momento-chave na construção do Brasil moderno.

8. Frase de encerramento

“A história não é feita apenas pelos que vencem, mas também por aqueles que tentaram manter a ordem diante do colapso.” — que possamos lembrar o Jurista Promotor de Justiça na pura acepção da palavra Dr. Fernando de Mello Vianna sob essa perspectiva.

Fontes:

Membros Ilustres do Ministério Público, 2013 – Procuradoria-Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais; Almanaque Abril (1975); ANDRADE, F. Relação; ARQ. GETÚLIO VARGAS; CAFÉ FILHO, J. Do sindicato; CISNEIROS, A. Parlamentares; CONSULT. MAGALHÃES, B.; Diário do Congresso Nacional; FONTOURA, J. Memórias; Grande encic. Delta; HIRSCHOWICZ, E. Contemporâneos; LEITE, A. Páginas; MAGALHÃES, B. Artur; MORAIS, A. Minas; Novo dic. de história; REIS JÚNIOR, P. Presidentes; Rev. Arq. Públ. Mineiro (12/1976); SENADO. Relação; SILVA, G. Constituinte; SILVA, H. 1945; TORRES, J. História de Minas; Tribuna da Imprensa (11/2/1954).

DISCURSO DO ACADÊMICO MARCOS PAULO DE
SOUZA MIRANDA NA CERIMÔNIA DE POSSE COMO
PRESIDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO EM 05 DE DEZEMBRO DE 2024.

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA

Boa noite a todos,
[Cumprimentos às autoridades presentes, acadêmicos, familiares e convidados]

*Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.*

*No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...*

*E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...*

*E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...*

*As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar..”*

Ismália, poema de Afonso Henriques da Costa Guimarães - Alphonsus de Guimaraens (nascido em Ouro Preto em 1870 – falecido em Mariana em 1921)

“O povo é a substância da República, como prova a raiz latina da palavra. A República deve, pois, ser o compromisso fundamental do Estado para a solução dos problemas do povo, o atendimento de suas necessidades básicas até de sobrevivência.”

“O Brasil dos nossos dias não admite nem o exclusivismo do governo nem da oposição. Governo e oposição, acima dos seus objetivos políticos, têm deveres inalienáveis com o nosso povo.”

“A cidadania não é atitude passiva, mas ação permanente, em favor da comunidade.”

Palavras de Tancredo de Almeida Neves (nascido em São João del-Rei em 04 de março de 1910 – falecido em São Paulo em 21 de abril de 1985).

Muitos poderão indagar por qual razão destacar as vozes de Alphonsus e de Tancredo nesta ocasião de posse na Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais.

Conquanto singela a resposta, ela, de fato, não é de todos conhecida.

Alphonsus e Tancredo foram alguns de nossos colegas de Ministério Público nos tempos de antanho, o primeiro exercendo as funções ministeriais na Comarca de Conceição do Mato Dentro e, o segundo, na velha São João del-Rei, a sonhada capital dos inconfidentes e sede da importante Comarca do Rio das Mortes, que, no século XVIII, abrigava centenas das atuais cidade da Zona da Mata, do Campo das Vertentes e do Sul de Minas, a exemplo do pequeno Arraial do Turvo, hoje Andrelândia, onde tive a ventura de nascer.

Tancredo e Alphonsus são alguns dos eruditos Patronos da nossa Academia, cujos exemplos de vida, amigos, bem demonstram que ser Promotor de Justiça não se resume em simplesmente esgrimir teses ou articular argumentos jurídicos no bojo de processos decorrentes dos desacertos humanos. É ser cidadão, preocupar-se com as mazelas da comunidade em que vive; é agir, no extremo de suas possibilidades, para a melhoria da vida de cada um de seus comarcãos, sobretudo os mais simples, os aliados dos cifrões, os privados da alegria, os exilados da dignidade, as vítimas de comportamentos criminosos e na defesa de tantos outros que batem às portas do Ministério Público buscando o alento para sofrimentos que, não raras vezes, deixam de ser só seus.

Ser Promotor de Justiça é ministério que exige fé e impõe, profissionalmente, a prática da justiça em seu significado mais profundo, obrigando-nos ao afastamento dos caminhos fáceis e sedutores da vaidade, do egoísmo e do efêmero exercício do poder.

Enfim, ser Promotor de Justiça não se resume ao mero falar sobre Direito. Cada palavra nossa ressoa faticamente na vida de alguém, o que nos impõe ética, cuidado e denodo em favor da nossa instituição e dos nossos colegas.

É diante de tal cenário que se percebe, ao longo dos tempos, que entre os Promotores de Justiça, tão expostos às mazelas da humanidade, a literatura surge frequentemente como refúgio, como companheira e consorte a quem confidenciamos, na dimensão da escrita, um pouco de cada um de nós mesmos, servindo ela, a partir de então, de porta-voz do que habitava apenas o nosso íntimo.

Como escreveu Miguel de Cervantes em seu clássico Dom Quixote: **“A pena é a língua da Alma.”**

Não terá sido por outra razão que, em dezembro de 2012, sobretudo em razão da iniciativa e dedicação dos amigos Antônio Lopes Neto, Joaquim Cabral Netto, Luís Carlos Abritta e Selma Maria Ribeiro de Araújo, surgiu a Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais, que, neste mês, deixa cronologicamente o seu período de infância e inicia sua adolescência institucional.

Como passou rápido!

Lembro-me bem da reunião de fundação e tive a ventura de tomar posse e conviver com acadêmicos da estirpe de Abelardo Nunes, Luís Carlos Abritta, Maurício Braga de Mendonça e Silvio Fausto, que hoje nos espiam de outro plano.

Nos dias atuais, nossa Academia conta com vinte e sete membros, possuímos uma página oficial na rede mundial de computadores, perfis nas redes sociais e já publicamos sete revistas oficiais – todas disponíveis para acesso *on line* – e que somam mais de mil e quatrocentas páginas de produções de todos os gêneros, de autoria de seus próprios acadêmicos e convidados.

Enfim, trata-se de uma instituição jovem, mas viva, constituindo-me enorme honra e responsabilidade suceder aos amigos e confrades Luís Carlos Abritta, Duarte Bernardo Gomes e Bergson Cardoso Guimarães à frente da direção desta Casa, cujo

lema é: *Ad augusta per angusta*, frase latina que significa: **“Rumo aos cumes por caminhos estreitos”**.

Encaminhando-me já para o final, aproveito a oportunidade para registrar em nome de toda a Academia e na pessoa do amigo Fabrício Ferragini, que aqui representa a nossa querida Presidente Larissa, o nosso muito obrigado pelo essencial apoio que a Associação Mineira do Ministério Público vem dando à ALEMP desde a sua fundação. Obrigado também à Vânia pela dedicação, competência e atenção para com todos os nossos acadêmicos.

Senhores, conduzir os rumos da Academia em direção a pontos elevados é compromisso que o nosso próprio lema me impõe, além de obrigação à qual me submeti porque contei com o apoio declarado de todos os meus confrades e com a sinalização de meus companheiros de Diretoria de que o nosso caminhar nessa jornada seria coletivo, o que se mostra essencial em instituições como esta, que luta pela cultura em cenários que nem sempre nos são favoráveis.

Assim, meu muito obrigado a todos os colegas da atual Diretoria, que faço questão de aqui nominar. [São nominados todos os integrantes da Diretoria].

Também sinto-me alegre e fortalecido pela chegada do novo Acadêmico e dileto amigo Leonardo Castro Maia, brilhante Promotor de Justiça, autor de diversos trabalhos, que certamente emprestará a sua luz e nos auxiliará na caminhada que pretendemos seja leve e profícua, não somente em benefício nosso, mas de toda a sociedade de Minas Gerais.

Se para Victor Hugo **“cada homem é um livro onde o próprio Deus escreve”**, escrevamos nós também os nossos filhos de papel, porque, em assomo, Fernando Pessoa também nos ensina que **“A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida, por si só, não basta”**.

Obrigado a todos pela presença e atenção.

V

Autores convidados

LUCIANO JOSÉ ALVARENGA

Agradecido,
Atento,
Amanheço-me.

Manso,
Misericordioso,
Movo-me.

Observador,
Orante,
Ocaso-me.

Referente à Cruz,
Reverente à Vida,
Radicalizo-me.

RENÉ ARMAND DENTZ JUNIOR

Era uma tarde cinzenta de outono quando os irmãos Arthur e Marcel encontraram seu inesperado fim. Um acidente súbito, rápido demais para qualquer despedida. Arthur, o empresário, tinha sua vida entrelaçada com os fios dourados do materialismo, cada decisão, cada passo dado com o objetivo de acumular mais, viver mais. Marcel, por outro lado, dedicou sua vida ao pensamento e ao espírito, um filósofo que transitava pelas salas de aula e pelos corredores da mente humana, uma mente aguçada pela psicologia que abraçara na maturidade de seus quarenta anos.

No momento após a morte, ambos se viram em estados radicalmente opostos. Marcel, ainda possuído por uma consciência vibrante, percebeu-se desprovido de corpo, mas dotado de uma onipresença tranquilizadora. Ele podia “ver” sem olhos, sentir sem toque, atravessar o tempo e o espaço sem um passo sequer. O mundo e suas maravilhas estavam ao seu alcance em uma extensão nunca imaginada.

Arthur, no entanto, encontrou um destino mais sombrio. Sua consciência, antes tão afiada para negócios e ganhos, havia se esvaído como se nunca tivesse existido. Sem corpo, sem mente, sem memórias, ele se tornara nada mais do que uma sombra perdida no vazio, uma lembrança apagada pela própria vida que escolhera viver.

Marcel, embora aliviado por sua própria continuidade, sentia uma profunda tristeza pelo irmão. Refletia sobre as escolhas de vida de Arthur, tão focadas no tangível, no acumular de riquezas que, no fim, revelaram-se incapazes de transcender a barreira da

morte. Marcel, com sua vida dedicada ao intangível – ao pensamento, à reflexão, ao cuidado do espírito –, agora experimentava uma forma de eternidade.

Inundado por uma compreensão profunda e abrangente do universo, Marcel desejava desesperadamente compartilhar suas novas descobertas. Queria escrever, dar palestras, ensinar novamente. Mas como transmitir sua mensagem? Como um ser sem forma, como uma consciência dispersa no todo, ele começou a explorar as possibilidades de sua nova existência.

Marcel tentava se comunicar com os vivos. Concentrava-se nas pequenas vibrações do mundo, nos sussurros do vento, nos padrões da chuva. Ele influenciava sonhos, inspirava pensamentos, semeava ideias. Porém, a completa revelação da vida após a morte permanecia um segredo guardado apenas por ele.

Os anos se passaram, e Marcel observava o mundo mudar. Culturas evoluíam, civilizações caíam e renasciam. E em todo esse tempo, ele permanecia um observador silencioso, um filósofo do etéreo, aprendendo mais sobre a natureza da existência do que jamais poderia ter imaginado.

Uma noite, ele sentiu uma presença familiar. Era uma sensação sutil, quase esquecida, mas inconfundivelmente ligada a Arthur. Contra todas as probabilidades, parecia que seu irmão estava tentando alcançá-lo, ou talvez fosse apenas um eco da memória de Marcel sobre o que seu irmão poderia ter se tornado se tivesse escolhido um caminho diferente.

Marcel percebeu então que, mesmo na imaterialidade de sua nova existência, ele ainda podia crescer, aprender e talvez, de alguma forma, ajudar seu irmão a encontrar a paz. Ele começou a meditar sobre o significado do perdão, da redenção e do amor fraterno, princípios que ele sempre havia valorizado, mas que agora assumiam uma nova e profunda significância.

E assim, entre o etéreo e o esquecimento, entre o pensamento e o silêncio, os irmãos permaneciam ligados por uma corda invisível que nem mesmo a morte poderia cortar totalmente. Através de sua jornada solitária, Marcel aprendia que mesmo as almas mais perdidas podem encontrar caminho de volta, guiadas pela luz de quem não desiste de pensar, de refletir e, acima de tudo, de amar.

Marcel, navegando pelos vastos e indescritíveis planos do além, encontrou-se cada vez mais preocupado com a condição de Arthur. Em uma rara noite de clareza cósmica, sentiu uma vibração, um sinal de que talvez Arthur ainda pudesse ser alcançado. Ele concentrou toda sua consciência nessa conexão tênue, chamando pelo irmão.

“Arthur, você está aí? Pode me ouvir?” Marcel sussurrou na linguagem dos pensamentos, uma forma de comunicação possível apenas naquele reino sem forma.

Por um momento, tudo permaneceu silencioso. Então, uma voz fraca, distante, ressoou em resposta. “Marcel? É você? Onde estou? Tudo está tão escuro.”

“Sim, sou eu. Estou aqui com você, de uma forma que nem eu mesmo entendo completamente,” Marcel tentou explicar, aliviado por finalmente fazer contato.

“Eu não sinto nada, não vejo nada. É como se eu estivesse dormindo, mas sem sonhar,” Arthur confessou, sua voz carregada de confusão e temor.

Marcel, sentindo o desespero do irmão, decidiu introduzir conceitos que poderiam ajudar Arthur a entender sua nova existência. “Lembra-se de Platão e sua alegoria da caverna? Você está como aqueles que sempre estiveram acorrentados, vendo apenas as sombras projetadas na parede da caverna. Mas existe uma realidade além, Arthur. Você viveu na ilusão das sombras, das coisas materiais.”

“Mas como posso ver a luz agora, Marcel? Como posso ver a verdadeira realidade se estou preso aqui?”

“Arthur, você precisa se libertar das correntes que você mesmo forjou. Kant falava sobre o imperativo categórico, que guiava as ações pelo dever, não pela expectativa de um resultado. Você focou no resultado a vida toda, no lucro. Agora é hora de buscar o dever de compreender, de se reconectar com o todo.”

“Eu quero tentar, Marcel, mas não sei como,” Arthur murmurou, sua voz um reflexo de sua alma perdida.

“Vou te ajudar. Vamos começar refletindo sobre suas ações, suas escolhas. Heidegger dizia que o ser humano é um ser-para-a-morte, que ao reconhecer a mortalidade, podemos realmente começar a viver. Você não morreu completamente, Arthur. Você apenas entrou em uma nova fase do ser.”

Conversas assim tornaram-se frequentes entre os irmãos. Marcel ensinava, e Arthur, lentamente, começava a entender. Eles discutiam Sartre e a liberdade, Aristóteles e a busca pelo bem maior, Foucault e as relações de poder que Arthur tão bem conhecia, mas agora via sob uma nova luz.

Certa vez, em um desses diálogos, Arthur questionou, “Marcel, e se Nietzsche estivesse certo? E se realmente não houver nada além dessa escuridão, que tudo é um eterno retorno dele, uma repetição sem fim?”

“Mesmo Nietzsche, com sua perspectiva às vezes sombria, falava sobre a criação de nosso próprio significado, nosso próprio valor,” Marcel respondeu pacientemente. “Você precisa criar um novo sentido para sua existência, mesmo que seja no não-existir como você o conhecia.”

Com o passar do tempo, Arthur começou a sentir uma mudança dentro de si. Não via, não tocava, mas começava a compreender. A escuridão começou a se dissipar, não em luz, mas em uma aceitação pacífica do que era e do que poderia ser.

E enquanto Marcel continuava a existir em sua onipresença, ajudando o irmão, refletindo sobre os mistérios do universo e da existência, ele começou a escrever novamente, não em papel, mas na consciência coletiva, semeando ideias e inspirações que fluíam além das barreiras da vida e da morte, alcançando aqueles ainda presos na caverna de sombras.

PARADOXO DA IMORTALIDADE: A BUSCA INFINITA POR SENTIDO

RENÉ ARMAND DENTZ JUNIOR

Na alvorada de um novo milênio, a humanidade havia realizado o sonho mais antigo e ambicioso: a conquista da morte. A tecnologia avançada, a biotecnologia e a nanomedicina haviam se fundido com a filosofia transumanista para criar uma nova era de imortalidade. Para muitos, era o êxtase supremo; para outros, uma maldição velada.

Entre os filósofos que lideraram essa revolução estava Dr. Leonardo Mendes, um intelectual respeitado que havia escrito extensamente sobre a superação da morte pelas vias da ciência e filosofia. Em suas obras, Mendes sempre argumentou que as religiões, com suas promessas metafísicas e dogmas, haviam sido uma força motivadora para a luta humana contra a finitude. No entanto, ele acreditava que essas crenças eram fracas, sustentadas por ilusões e medos. Agora, com a ciência no comando, a imortalidade havia sido alcançada, mas surgia um paradoxo profundo: o que fazer com a vida eterna?

As primeiras décadas da imortalidade foram marcadas por um frenesi de descobertas e realizações. Sem a sombra da morte, a criatividade humana floresceu em todas as áreas do conhecimento e da arte. Contudo, com o passar dos séculos, começaram a emergir questões existenciais perturbadoras. Jean-Paul Sartre, se ainda estivesse vivo, poderia ter resumido o sentimento predominante com sua célebre frase: “A existência precede a essência.” Sem a morte para dar sentido e urgência à vida, muitos começaram a se perguntar qual era o propósito da existência.

O próprio Dr. Mendes, agora com vários séculos de idade, começou a questionar suas próprias convicções. Ele se via mergulhado em crises existenciais, muitas vezes refletindo sobre a angústia e o tédio que permeavam a vida eterna. Em uma de suas meditações, lembrou-se dos escritos de Viktor Frankl, que falava sobre a busca de sentido como a principal motivação da vida. Com a imortalidade, o que poderia fornecer tal sentido?

A psicanálise, com seus exploradores da mente como Freud e Jung, também entrou em cena para tentar entender os novos dilemas da psique imortal. A ausência da morte criou uma forma de neurose, um vazio existencial profundo. As terapias precisavam agora lidar com a falta de finalidade e a repetição infinita das experiências. Sonhos de eternidade se transformavam em pesadelos de estagnação.

Dr. Mendes encontrou uma possível resposta nos escritos de Charles Peirce, o fundador do pragmatismo. Peirce acreditava que o significado de uma ideia ou conceito estava em suas consequências práticas e verificáveis. Talvez a vida eterna pudesse encontrar um novo propósito através da contínua busca por conhecimento e pela perpetuação do progresso humano. No entanto, mesmo essa visão pragmática enfrentava limitações. A evolução infinita da ciência e da tecnologia parecia levar a um ciclo sem fim de novos problemas e desafios, mas sem uma resolução definitiva ou uma satisfação duradoura.

RENÉ ARMAND DENTZ JUNIOR

Léo estava caminhando no centro do Rio de Janeiro, depois de assistir a uma palestra na UFRJ, no Largo de São Francisco. Parecia uma realidade muito distante, uma temática existencial, a partir da filosofia de Heidegger. Conseguiu entender parte, que levaria para a vida: a acadêmica e a cotidiana. Sairia agora para almoçar e andar pelo centro. Tinha ido de ônibus pensando em fazer contatos e, quem sabe, amigos, mas era tímido e não tinha coragem para puxar conversas, mesmo porque pensava não ter nada interessante a dizer. Alguém que veio do interior, imaginava saber bem menos que os eruditos cariocas. Havia também deixado um projeto de mestrado, sem muita metodologia, só mesmo para ver no que dava.

Estar ali, no Rio, pela primeira vez sozinho, sabendo andar e chegar explorando, mesmo que timidamente, os lugares, já era muito. O Rio era um lugar de muitas memórias, especialmente com o pai. Ia na infância a ferros-velhos na Baixada e em São Cristóvão. Pareciam lugares muito inóspitos e feios, rudes em falas, conversas, cheiros e visuais. Também vinham lembranças boas, diria até mágicas, mesmo que raras. No dia em que completou 10 anos, foi com seu pai, com um amigo do pai dirigindo, à feira de Acari, percorrendo lugares para o trabalho do pai, que tinha uma oficina mecânica e precisava de peças. Depois do almoço seria seu aniversário. E foi magicamente ao Maracanã, mesmo que só por fora, e ao estádio das Laranjeiras, chegando à beira do alambrado. Tinham alguns jogadores da base batendo bola. Era mágico! Daquele estádio via o Cristo Redentor e lá eles foram. Era o ápice da existência!

Enfim, memórias existiam. Poucas, mas intensas! Então estava ele ali, com 21 anos, no Rio novamente, sozinho. Lugar que era para ter ido para fazer faculdade, mas faltou coragem. Preferiu ficar com o irmão em uma cidade menor, estar menos perto do caos. Mas seu desejo passava pelo caos.

Ao percorrer as ruas, sentia outros cheiros. Dessa vez, um cheiro bom, místico, era incenso de loja indiana. Mais à frente, havia vários sebos, enormes, com obras raras; eram lugares igualmente místicos! Ali o conhecimento se acumulava em uma era pré-internet ainda.

De repente, visualiza uma linda mulher, parecia mais velha, com uns 8 ou 9 anos a mais. Era linda, com roupa indiana e olhar atento. Ela entra no sebo e começa a escolher e folhear alguns livros de e sobre Heidegger. Para aquele jovem do interior, de 21 anos, era uma mulher que representava o ser-no-mundo. Talvez uma mística experiência, a mais bela. Era uma mulher com um olhar e uma voz de ternura (que Léo escutava quando ela perguntava algo ao vendedor e balbuciava uma leitura das introduções). Naquele instante, pelas palavras, estava excitado, tinha ereção e não sabia o que fazer. Ficou quieto em um canto. Foi a experiência mais divina que viveu. Parecia uma sexualidade pela fala, um inconsciente que se estruturava pela linguagem.

A mulher saiu com seus cabelos cacheados e seu andar um pouco inseguro. Era uma vivência de paradoxo: uma personificação do infinito, talvez esse fosse o sentido da Trindade Mística. Seus horizontes filosóficos e teológicos estavam mais próximos desde aquele momento.

A vida seguiu seu curso. Léo se tornou psicanalista e filósofo, professor de uma Pontifícia. Se manteve no estado menos caótico e ousado. Mas essa mulher surgiu de novo na sua vida. No início reconheceu inconscientemente que era ela, mas aos

poucos foi vivenciando aquela alteridade. Era agora sua analisanda.

Em relatos inconscientes, foi emoldurando um quadro daquela cena. Era ela! Foi ao Rio conhecê-la, depois de 3 anos de análise. Ela havia já estado em seu consultório, como analisanda. No Rio, voltava aquela cena de 22 anos! Quanto tempo se passou! Agora Léo era um homem de 43 anos, tinha experiência em algo na vida, conseguiu encontrar caminhos, imaginando e narrando. Se encontraram em um café, próximo aos sebos. E ela estava lá, agora real, como se o Divino tivesse se encarnado, melhor ainda, uma divindade feminina, com seu corpo não fálico, com seu sangue sagrado, com um ventre. Então, seu abraço foi de puro afeto...

Conversaram durante 3 horas, ele a tocou no rosto, vendo as marcas que estavam em sua face, em seu olhar, marcas da vida. Aqueles relatos que estavam na mente do psicanalista, agora ganhavam um rosto, uma pele, um corpo. Era ela, do imaginário para a fantasia, para o real. Vivenciava Léo, naquele instante, pela primeira vez, o afeto! Um afeto erótico e humano.

O afeto foi tendo história, se corporificando... Até estarem juntos, em uma casa em um condomínio de Ouro Preto. Essa era uma cidade que dizia da história dos dois. Agora faziam amor em seu ateliê, que era no centro histórico, em um local barroco, ao lado da clínica em que escutavam o inconsciente, no Largo do Rosário. Ela era doutora, psicanalista (depois que começou a sua análise, seguiu a formação), professora e pintora. Era a mesma, mas seu corpo tinha as marcas lindíssimas do tempo, ela havia estado mais no-mundo em duas décadas. Era um amor sereno, profundo, místico, erótico, humano e divino. Ele podia agora conhecer um corpo, infinitamente lindo, sensual, erótico e viver um Deus sem absoluto, no gozo humano, com divindade.

Adores, suores, toques, corpos, se confundiam com tintas, cores, imagens.

Eles assistiam filmes profundos e debatiam sobre eles, conversas regadas por vinhos... Também era comum observarem a natureza, subiam o Pico do Itacolomi e gostavam de estar os dois ali, apreciando o horizonte e as pedras. E adoravam estar no centro de Ouro Preto, sobretudo em cafés, aonde iam com frequência. Ambos atendiam em uma clínica de psicanálise, escreviam contos, artigos, histórias. Rio, Ouro Preto, história, Barroco, liberdade, criação, corpo, santidade, pecado, almas, vida...

Essa era uma história de vida, talvez uma prova de inconscientes e destinos. Existe algo que tire o mundo e o real do caos? A aposta é que sim!

APOIO:

Multimarcas
CONSÓRCIOS

Fazemos do seu sonho o nosso próprio sonho.
Invista com a segurança e a tradição da Multimarcas
www.multimarcasconsorcios.com.br

Mundo 
dos negócios
com Fabiano Cazeca e
Marcos Maracanã

I – POEMAS E PENSAMENTOS

Bergson Cardoso Guimarães

Debütures

Duarte Bernardo Gomes

Momento

Intemperança

Élida de Freitas Rezende

Vestígio

Gilberto Osório Resende

Breves Apontamentos de Um Pai

Séculos

Fábula do Amor

Guerreança

Primeira Viagem

Filhos e Anjos

Chagas

Fim dos Tempos

Leonardo Castro Maia

Precioso menino

Monica Sofia Pinto H. da Silva

Dilúvio

Faz de Conta

Parto

Por um fio

Pablo Gran Cristóforo

Desimportâncias

Selma Maria Ribeiro Araújo

Rastelar o Velho

Shirley Machado de Oliveira

Ontem

Vago

Amada (des)conhecida

Uno

II – PALESTRAS, CONTOS, CRÔNICAS, “CAUSOS” E REFLEXÕES

Antônio Aurélio Santos

O incrível coronel Mário Nardi em 7 modestos parágrafos

O legítimo leão do norte

Barrosão (texto original pertencente a Leontino de Melo Chaves)

Irreverência do Zé do Patu (texto original pertencente a Leontino de Melo Chaves)

Bergson Cardoso Guimarães

As tantas dores de tia Fatinha

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

A esquizofrênica ilusão ou não de um balconista

Pablo Gran Cristóforo

A vida que poderia ter sido

Sou feito de agoras

Tatuagem na alma

Tempo, oh senhor de nossos destinos

Tomado pelo infinito

Roberto Atilio Jávare

Curiosidades da língua portuguesa

Selma Maria Ribeiro Araújo

Uma contradança

III – ENSAIOS, ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONÓLOGOS

Duarte Bernardo Gomes

Obrigado Ministério Público de Minas Gerais

Lucas Guimarães

Alphonsus de Guimarães - O Poeta Promotor

Marcos Paulo de Souza Miranda

O homem Tiradentes: herói ou o espírito em prova?

Vinicius Alcântara Galvão

“Assim caminha a humanidade”

IV – DISCURSOS

Leonardo Castro Maia

Discurso de elogio a Lafayette Cardoso Pereira, patrono da cadeira 29 da ALEMPMG

Marco Antônio Borges

Discurso de elogio a Fernando de Mello Vianna, patrono da cadeira 15 da ALEMPMG

Marcos Paulo de Souza Miranda

Discurso do acadêmico Marcos Paulo de Souza Miranda na cerimônia de posse como presidente da ALEMPMG em 5 de dezembro de 2024

V – AUTORES CONVIDADOS

Luciano José Alvarenga

Diário de Lamberêné (Poema de Luciano José Alvarenga, dedicado a *Albert Schweitzer*)

René Armand Dentz Junior

Entre pensamentos e silêncios
Paradoxo da imortalidade: a busca infinita por sentido
Rios

APOIO

ISSN 2446-8177



Multimarcas
CONSORCIOS

Mundo
dos **negócios**
com Fabiano Cazeca e
Marcos Maracani